

UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE INSTITUTO DE PSICOLOGIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO STRICTO-SENSU – MESTRADO

**Contos do ser-qualquer:  
Paradoxos e subjetividades durante a pandemia da covid-19**

Ana Paula Duarte

Dissertação apresentada à Pós-  
Graduação Strictu Sensu  
(Mestrado) em Psicologia da  
Universidade Federal Fluminense

Orientador: Danichi Hausen Mizoguchi

Linha de pesquisa: Subjetividade, Política e Exclusão Social.

**2023**

## **BANCA EXAMINADORA**

---

Professor Dr. Danichi Hausen Mizoguchi (Orientador)  
Universidade Federal Fluminense

---

Professor Dr. Marcelo Santana  
Universidade Federal Fluminense

---

Professor Dr. Miguel Angel Barrenechea  
UniRio

---

Dr<sup>a</sup>. Cristie de Moraes Campello  
UniRio

---

Professor Dr. Eduardo Henrique Passos Pereira  
(Suplente)  
Universidade Federal Fluminense

**Para Nuno, Daniel e Juliette, amores da vida.**

## **Agradecimentos**

Aos meus pais, Cordélia e Lacerda, presentes em mim, nas memórias e nas visitas à janela, fantasiados de beija-flor. À minha avó e “irmã mais velha” Maria José, que viveu até os 102; maior referência de afeto e sabedoria, com quem dividi quarto na infância, e aprendi a ser menos filha única.

À minha filha cã, Nica Maria, que me fez companhia durante todo o processo de escrita, e propiciou as abstrações e pausas necessárias, me levando para passear e cheirar o mundo (e alguns cus de amigos caninos). E que, tal e qual o Ulisses de Clarice, ampliou o meu criar:

Eu sei falar uma língua que só o meu cachorro, o prezado Ulisses, meu caro senhor, entende. É assim: dacobela, tutiban, ziticoba, letuban. Joju leba, leba jan? Tutiban leba, lebajan. Atotoquina, zefiram. Jetobabe? Jetoban. Isso quer dizer uma coisa que nem o imperador da China entenderia (LISPECTOR, 2022, p. 40).

Ao meu orientador Danichi por apostar em mim e no meu projeto, e a todo o grupo de coorientação, Tainá, Paulinha, Laís, Mario, Bruna, Lucas, Paulo, Argus, Vitor, João, Géssica, Carolina, Wal, Luisa, Diego, Bianca, Lorena, Ricardo, que me ampliaram em referências, sugestões, críticas, e me inspiraram e ensinaram muito com seus projetos. Agradeço demais essa galera por ajudar a dissertação a ganhar corpo e consistência.

Aos queridos Cristie, Miguel e Marcelo, por terem topado participar da banca e se colocarem sempre tão disponíveis e atenciosos. Ao Edu, que topou ser suplente, e muito me inspirou com suas aulas, grupos e todahistória que construiu em três décadas de UFF.

A Fernanda, pelo cuidado e paciência para revisar cada detalhe da escrita e normas.

Aos profissionais do CAPS III João Ferreira Filho, situado no Complexo do Alemão: Mário Berto, Ana Paula e Amanda, pela confiança e partilha de suas experiências.

A toda a equipe e amigos do Anthropos, em especial, Pedro Honório, Marina, Vitória, Margareth, Daniel, Valéria, Vânia, Ju, Raffa e Maria, Gi, Iza, Adriana, Dani, Keila, Luís, Maura, e a cada grupo de estudo e vivência corporal que compartilhamos. Ao povo do grupo de estudo Universidade da Cobal, do qual precisei me ausentar pela incompatibilidade de horários: Lis, Cristie, Eliane, Erika, Pri, Élcio, Wallace, Hugo, Johnny, Tiago (i.m.) etc.

A todos os residentes da Hans Staden, Gabriel, Julia, Parça, Laís, Mauro, Zé, Vitor, Pedro, Patrick, por tanta troca e aprendizado. Aos técnicos, em especial Fernandão, Pablo, Pedro, Hugo, Flávia e todos os que ajudam a “Casinha” a existir.

Aos meus clientes da clínica, pela flexibilização nos horários e compreensão. E à minha terapeuta Laura, por todo o suporte, para além do mestrado, para lidar com os piripagues que surgiram junto.

Ao apoio do querido Tato, “coorientador não oficial”, que contribuiu lendo meus escritos, dando sugestões e me estimulando a seguir firme e forte.

À comadre madrinha irmã Jaya, pela parceria dançante e brincante, por usar seus recursos terapêuticos para me reorganizar.

Aos Rafaéis, meninos-prodígio, idealizadores do podcast *Imposturas Filosóficas*, que contribuíram e muito para a minha aprendizagem com o corpo em movimento, durante a lavagem de louça, faxina, passeios de bicicleta, caminhadas e viagens.

Aos meus co-livers Lucas, Edu e Larissa, por toda a paciência no dia a dia, pelas risadas/respiros bons do compartilhar casa/lar; conversas, comidas e séries. E às queridas vizinhas e amigas Silvana e Mari que, junto com eles, me ajudaram nos cuidados com Nicacã.

À comadre amiga irmã, Gisela, que lá de Londres me alegrou nas videochamadas e palavras amorosas.

Aos afilhados Daniel, Tuan e João Pedro, por me darem a possibilidade de madrinhar.

À família materna, “sobrinhos” Camila e Nuno, menino lindo que me proporcionou muita alegria através do brincar amoroso, aos primos Dani e Dudu e Claudia. À tia Miriam, e a todos os primos e tios de São Paulo.

À família paterna, “sobrinha” Juliette, primos Sônia e Daan, Marco e Tania, ao amado tio Toninho (i.m.), querida tia Lúcia, aos primos Pedro e Zé Mário, e aos tios João (i.m.) e Romy (i.m.).

À Tia Terezinha, minha mãe dois, e aos “irmãos” Marco e Carla.

Aos amigos de longa data Mari, Kadu e João, Juju e Tarik, Goyo, Joana, Gael e Gaizka, Reinaldo, Rubens, Alice, Julie e Clarice e aos demais colegas da ECO-UFRJ.

Aos “amigos sutis” da música e da dança, em especial André, Luís, Gisela, Bethi e Maria Clara, Azlin, Bel, Flavinha, Koan, Chris, Julio, Floresta, Clarice, Regis, Thiago, Pedro.

Ao Simon, Val, Miza, Elco, Fernanda, Marina, Claudia, Pati, Fil, Biri, Bruno, e aos gatos Chico e Poti (i.m.), ao jabuti Victor Hugo (i.m.), ao pé de amora e de acerola, e todos e tudo que fizeram parte da “casa cósmica”, co-living que nos salvou na pandemia. Às amigas Gabi e Liora, Paula, Taísa, e aos amigos além-mar, Gabi, Bruno, Teresa, Maria. Às amigas da escola Angel Vianna, Moira, Carol, Michele, Celina, Cris, Angela, Lair e Sonia.

E , já que não é possível citar todos, aos que não estão nomeados aqui.

## Resumo

Este trabalho apresenta um conjunto de histórias que se passam durante a pandemia da covid-19, dando ênfase a alguns conceitos filosóficos: alegria, *conatus*, amizade, de Baruch Espinosa; vida como obra de arte, vontade de potência e *amor fati*, de Friedrich Nietzsche; e cuidado de si, de Michel Foucault.

Misturando ficção e realidade, os contos acontecem em diferentes partes da cidade do Rio de Janeiro e têm em comum a metodologia do anonimato; os personagens não possuem nomes ou referências, o que os torna ainda mais potentes e passíveis de gerar identificações em quem os lê. As narrativas enfatizam o *ser-qualquer* proposto por Giorgio Agamben, aquele que traz a representatividade do comum, contendo em si não somente o sujeito, mas também o contexto histórico e político em que está inserido.

O texto propõe uma reflexão sobre as potências, limitações e paradoxos que surgiram a partir do campo de forças produzido pela pandemia. Uma investigação sobre como os territórios, modos de vida, trabalho e relação foram reinventados diante do risco de morte.

A partir de uma escrita literária que captura as impressões sensíveis e novas subjetividades produzidas pelos personagens em meio a um contexto pandêmico, esta dissertação costura arte, clínica e política, elementos que constituem a esquizoanálise.

Humor, referências musicais e cinematográficas ilustram os contos, a fim de trazer um tom poético e leve em meio à tragédia que matou mais de setecentas mil pessoas no Brasil.

**Palavras-chave:** Pandemia. Subjetividade. Arte. Clínico-política. Anonimato. Ser-qualquer. Literatura.

## Abstract

This work presents a set of stories that take place during the covid-19 pandemic, emphasizing some philosophical concepts: joy, *conatus*, friendship, by Baruch Espinosa; life as an art form, will to power and *amor fati*, by Friedrich Nietzsche; and care of the self, by Michel Foucault.

Mixing fiction and reality, the stories take place in different parts of the city of Rio de Janeiro and have in common the methodology of anonymity; the characters have no names or references, which makes them even more powerful and likely to generate identification in those who read them. The narratives emphasize the whatever-being proposed by Giorgio Agamben, the one that brings the representativeness of the

common, containing within itself not only the subject, but also the historical and political context in which it is inserted.

The text proposes a reflection on the powers, limitations and paradoxes that emerged from the field of forces produced by the pandemic. An investigation into how territories, ways of life, work and relationships were reinvented faced the risk of death.

Based on literary writing that captures the sensitive impressions and new subjectivities produced by the characters in the midst of a pandemic context, this dissertation weaves together art, clinic and politics, elements that constitute schizoanalysis.

Humor, musical and cinematographic references illustrate the stories, in order to bring a poetic and light tone in the midst of the tragedy that killed more than seven hundred thousand people in Brazil.

**Keywords:** Pandemic. Subjectivity. Art. Clinical-political. Anonymity. Whatever-being. Literature.

## Sumário

Introdução: O que (não) pode um corpo em tempos de pandemia?.....	10
Metodologia: Anota aí: eu sou ninguém!.....	15
Capítulo 1: O corpo pandêmico em Espinosa.....	19
Mãezinha.....	24
Babalu.....	31
Teias Sonoras.....	35
Staying (A)live.....	38
AmarElo .....	42
Capítulo 2: Nietzsche: o corpo fio condutor.....	45
Burro sem rabo.....	49
Corpo-casa-arte.....	52
Oxímetro.....	55
Dançando no escuro.....	57
Silêncio, por favor.....	61
Capítulo 3: Corpo, pandemia e política em Foucault.....	64
A menina ao lado.....	69
Correição.....	73
Bolo de laranja.....	76
Calos.....	81
Meu amigo sereiano.....	86
Considerações finais.....	91
Referências bibliográficas.....	94

## INTRODUÇÃO

Estamos em via de nos tornarmos outros. Em que sentido ou direção? Talvez já se possam vislumbrar certas inclinações. Por exemplo, acirramento do medo do outro como fonte de perigosos contágios; o território do corpo próprio ampliado por um perímetro de 2, no mínimo 1 metro. E isso mesmo em uma cultura de contato, proximidade e mistura de corpos como a nossa. O horror aos fluidos sempre e inevitavelmente trocados, comunicados entre viventes. Fechamento dos poros dessa interface entre dentro e fora que, como nos mostrou José Gil, é a nossa pele. A pele, o maior meio de comunicação, membrana de trocas e passagens. Nossa profundidade superficial (FERRAZ, 2021, p. 69).

### **O que (não) pode um corpo em tempos de pandemia?**

“O que pode o corpo?”; pergunta feita por Baruch Espinosa<sup>1</sup>, experienciada e contada por Friedrich Nietzsche, e, posteriormente, revisitada por Michel Foucault. Tomando a questão como ponto de partida, lanço meu corpo pra jogo, no percurso que se inicia nos primeiros dias do *lockdown*, decretado no início da pandemia da covid-19, em março de 2020, e segue até os dias de hoje; e analiso as consequências deste acontecimento, atravessado pelo campo de forças que produziu paradoxos e subjetividades.

O desejo de realizar esta pesquisa se deu a partir de um processo depressivo vivido por mim que, diante de um luto recente, precisei reinventar a vida e criar recursos para me reerguer após o decreto do *lockdown*, já que os antigos não eram mais possíveis. Uma das estratégias que mais me apoiou foi a escrita, das minhas impressões sensíveis e, posteriormente, das histórias vividas por amigos, clientes, vizinhos e desconhecidos, noticiados pela mídia. Apesar das diferenças de cada história e personagem, algo se fazia comum nas narrativas: a angústia de estar inserido em um contexto totalmente desconhecido e assustador e a busca por novas formas de permanecer são, trabalhar, se relacionar e sobreviver diante da ameaça de contrair um vírus que poderia ser fatal. Como num espelho distorcido, as histórias narradas aqui refletem-se umas nas outras, com suas singularidades e interseções, em precariedades e vulnerabilidades distintas, e forjam estratégias possíveis para viver esse espaço-tempo.

Corpo confinado, corpo com medo, corpo triste, corpo com raiva, corpo limítrofe, corpo com fome, corpo doído, corpo doente, corpo convalescente, corpo em relação, corpo arte, corpo são, corpo alegria. Cada narrativa carrega em si o trágico de

---

<sup>1</sup> No decorrer de todo o texto, me refiro ao filósofo como Espinosa; já nas citações e referências bibliográficas, seu sobrenome tem outra grafia: Spinoza. Minha escolha se dá porque Espinosa é uma versão portuguesa do nome, e remete à ascendência português-judia do filósofo. Já Spinoza é a versão holandesa, referente ao seu país de origem.

um corpo, e a força que este trágico pode gerar quando afirmado e transformado, como bem definiu o filósofo contemporâneo Clement Rosset:

Este é o paradoxo constante da filosofia trágica, cujo objeto é alegrar-se sem razão e esmiuçar todo o horror do mundo unicamente pelo prazer de evidenciar o caráter inalterável de sua alegria – alegria da qual sabe que nunca poderá dizer nada, salvo um balbúcio ininteligível (ROSSET, 1989, p. 231).

Como base teórica, Espinosa, Nietzsche e Foucault, a partir de seus olhares sobre o sujeito e seus desdobramentos, permeiam toda a trajetória desta investigação criativa. *Conatus*, alegria, amizade, vontade de potência, vida como obra de arte, *Amor Fati*, cuidado de si; conceitos que se tornam pilares para a realização desta dissertação.

Uma das principais obras que inspiram esta pesquisa é a *Ética* de Espinosa, o grande tratado sobre os corpos e suas afecções múltiplas, considerando como principais afetos a alegria, que aumenta ao máximo a potência de agir, produz movimento e saúde, e a tristeza, que, além de diminuir a potência, pode paralisar, ressentir e enfraquecer. Entre a alegria e a tristeza, o filósofo nomeou e definiu dezenas de outros afetos que compõem o sujeito e o colocam em relação com o outro e com o mundo.

No contexto pandêmico, os afetos foram vividos com lentes de aumento e, na grande maioria, atravessados por uma diminuição da potência. Este trabalho deseja apresentar narrativas onde os corpos-sujeitos possam deslocar-se e encontrem campo para a criação de uma nova arte de viver, de uma vida como obra de arte, a forma que Friedrich Nietzsche encontrou para transformar dores em forças ativas, em vontade de potência, gerando outro sentido de ser e estar, com mais poesia e beleza dentro da realidade dura que teve. O ápice desse processo se dá com o que chama de *Amor Fati*, expressão em latim que significa amar o destino, o fato, a vida como ela é, a partir de uma não recusa do que é feio, incômodo, trágico; gritar um grande sim à vida.

Um corpo diante do espelho, despido de todo o fora que o distraía das impressões sensíveis marcadas da pele às vísceras e que, portanto, não se pode deslocar sem ele, pois ele nunca esteve tão presente diante da ausência de um outro, dos hábitos e rotinas anteriores, dos prazeres e alegrias que antes ocupavam tempo e geravam novas experiências. E quando se deseja fugir da realidade, a porrada vem mais forte; ela se manifesta nua e crua em um convite a uma nova criação de si, representando a única certeza que nos acompanha do nascimento à morte: “Posso ir até o fim do mundo, posso me esconder, de manhã, debaixo das cobertas, encolher o máximo possível, posso deixar-me queimar ao sol na praia, mas o corpo sempre estará onde eu estou” (FOUCAULT, 2013, p. 12).

Um carnaval às avessas, onde, em vez de celebrar e se misturar a suores e cheiros dos outros rostos misteriosos, o sujeito armadurou-se em isolamento mascarado, respirando o ar entre a face e as máscaras que lhe cobriam e deixaram de ser fantasias, tornando-se acessórios de proteção à vida.

Um corpo de contradições que pode produzir novas realidades e formas de existir, o que Foucault chamou de cuidado de si, isto é, uma prática ética de nova construção de si. O filósofo debruça-se sobre a história do ocidente e mostra como a tecnologia deste modo de vida sofre variações ao longo dos tempos, no início restrito à elite, e, posteriormente, generalizado, aplicada por qualquer um que se ocupe de si, e dentro de seu contexto, possa produzir saúde, o que varia consideravelmente de acordo com sua realidade.

A partir destes conceitos e suas variações, ampliei a curiosidade para as novas subjetividades que estavam sendo forjadas para seguir (sobre)vivendo durante a pandemia, e daí surgiu o anseio de realizar um trabalho mais aprofundado sobre o tema, me debruçando sobre a vida de pessoas que atravessaram esse período de distintas formas. Como se deu o processo de produção de subjetividades em meio a um contexto trágico de paradoxos, limitações e perigos? O que esses novos olhares sobre a vida e a criação de estratégias para conservá-la tem em comum?

A experiência, a escuta e a observação, conectadas à imaginação criativa, foram gerando recortes sobre os processos somadas a narrativas de amigos, parentes, vizinhos, professores, pessoas internadas e enlutadas. Todo o material foi criando corpo e desdobrando-se nos contos desta dissertação.

Para além das vidas perdidas para o vírus de alta letalidade, a doença trouxe sequelas irreversíveis. O modo de funcionamento maquínico e relacional da sociedade, que já estava colapsada, desestruturou-se ainda mais. Seguir só foi possível a partir de um processo vivo de produção incessante de subjetividade, envolvendo múltiplos componentes de uma heterogeneidade de elementos presentes nos contextos sociais, culturais e históricos, desde valores morais a mudanças comportamentais. Todos esses fatores desencadearam movimentos de fora para dentro, singular e totalmente conectados uns com os outros; interdependentes entre si.

Um processo que não é fixo, está em constante mutação, e transforma-se a partir das experiências e dos encontros, compondo nova maneira de se perceber e estar no mundo. Importante trazer que subjetividade não pertence ao sujeito, não é apropriada por ele, ela vem de uma construção coletiva que o atravessa e já se transforma a partir

dos novos acontecimentos, gerando mudanças graduais ou drásticas, de acordo com sua intensidade.

A intenção aqui é que os contos alternem fundamentos teóricos com histórias reais e criações inspiradas em imagens e impressões sensíveis dos personagens, no intuito de que estas narrativas sejam produto de um contexto histórico, político e social, e possam atravessar também outros sujeitos em outros espaços.

Para isso, privilegio a ideia do anonimato, do “ser-ninguém”, do “qualquer” como força de liberdade e transformação. Os personagens não têm nome nem referências, o que desapropria as histórias de um alguém específico, tornando-as roupas moldáveis ao corpo de quem lê.

Anonimato que ocupa um lugar de força desde a mitologia grega, quando o personagem épico Odisseu (Ulisses) salva sua pele da fúria voraz do ciclope Polifemo, por se dizer “ninguém”, ou como a militante do levante de junho de 2013<sup>2</sup>, que, ao ser perguntada por um repórter sobre sua identidade, responde com sagacidade: “Anota aí: eu sou ninguém!”, unindo-se ao comum que arrastou uma multidão de “quaisquer” gritando por melhores condições de vida.

A pesquisa, portanto, traz questionamentos como: Quais são as potências e limitações desses corpos e que outras subjetividades e paradoxos puderam surgir a partir do campo de forças, produzido pela pandemia? Como resignificaram-se territórios, modos de vida, trabalho e relação diante do risco de contaminação? Que táticas foram usadas para criar brechas e respiros, trocas e novas formas de afetar e ser afetado no contexto pandêmico?

Esta última questão representa o maior desafio diante da pesquisa, pois a criação de brechas para respiros pode esbarrar em uma possível irresponsabilidade ou negligência em relação a todos os perigos de contágio, contaminação e morte pela covid-19. Respiro e perigo. Vida e morte. Aí está a grande contradição, e, certamente, o problema mais importante desta dissertação.

---

<sup>2</sup> As Jornadas de Junho foram movimentos que aconteceram em mais de quinhentas cidades do Brasil no ano de 2013. Uma série de mobilizações de massa nas cinco regiões do país, podendo ser considerada o maior levante de proporções nacionais. O protesto criticou o aumento das tarifas de transporte públicos, a violência policial, a falta de investimentos em saúde e educação, os gastos com os megaeventos esportivos, a dominação de partidos políticos sobre os movimentos populares e as falhas da democracia representativa. Nas bordas do movimento, o fascismo, a extrema-direita começaram a ganhar corpo. Surgiam ali os grupos ligados à direita radical, como o Movimento Brasil Livre (MBL), que seria fundado em novembro de 2014, a turma raivosa do Vem Pra Rua e ainda dos Revoltados Online. Todos, posteriormente, iriam ganhar apoio e tomar as ruas pelo impeachment de Dilma Rousseff, em 2016.

Acredito que o mote que impulsiona minha escrita é a relação, a alteridade, a reinvenção, os afetos e polêmicas que a pandemia vem produzindo; como foram criadas outras maneiras de viver e se relacionar. E daqui, do lado de dentro desta janela, meu olhar se lança para fora, minha imaginação percorre o Rio de Janeiro, a cidade que me compõe, na aposta de que este trabalho possa afetar e adentrar outras janelas e seus habitantes.

## Metodologia

Sou um homem comum  
Qualquer um  
Enganando entre a dor e o prazer  
Hei de viver e morrer  
Como um homem comum  
Mas o meu coração de poeta  
Projeta-me em tal solidão  
Que às vezes assisto  
A guerras e festas imensas  
Sei voar e tenho as fibras tensas  
E sou um  
Ninguém é comum  
E eu sou ninguém  
(VELOSO, 1983)

### **Anota aí: eu sou ninguém!**

“Anota aí: eu sou ninguém!” foi a afirmação da desconhecida que intitula o texto da matéria de Peter Pál Pelbart para a Folha de S. Paulo, sobre as Jornadas de Junho de 2013, manifestações que recusavam líderes e partidos; uma onda horizontal que tomou conta de mais de quinhentas cidades brasileiras. Ao todo foram cerca de seis milhões de corpos-protesto, juntos e misturados em uma grande massa de diferenças, amparados pela potência do anonimato e sob a força da insubordinação e da insubmissão.

A frase, que enfatiza a força do qualquer, detonou uma reflexão aprofundada sobre o poder do anonimato: “Anota aí: eu sou ninguém!”, gritou a militante, com a malícia de Odisseu, mostrando como certa dessubjetivação<sup>3</sup> é condição para a política hoje”.

Não é à toa que Pelbart viaja até a mitologia grega e compara a postura da militante com a do herói Odisseu (Ulisses), personagem principal da Odisseia, obra-prima que, junto à Ilíada, narra as aventuras vividas durante a Guerra de Troia. A história conta a saga do guerreiro que, após a guerra, deseja voltar para casa e, no caminho, se depara com muitos perigos.

O maior deles ocorre quando Ulisses e seus homens desembarcam na terra dos ciclopes em busca de comida e acabam entrando na caverna de Polifemo, filho da ninfa

---

<sup>3</sup> Para Foucault, existe, na constituição das subjetividades, saberes e poderes hegemônicos que incidem sobre o sujeito e atuam diretamente neste processo, ditando práticas e técnicas que determinam a vida destes. Esse grupo dominante regulamenta as atitudes, os comportamentos, os corpos, para uma produção dos discursos a partir de seus interesses. A dessubjetivação seria, portanto, uma ruptura com esta subjetividade constituída, onde o indivíduo passa a divíduo, livre da produção de subjetividades ditadas pela minoria detentora do saber-poder. No caso das manifestações de 2013, a intenção da mulher em não se identificar, abdicando nome ou status quo, se repetida por todos os participantes, comporia um grupo de “ninguéns” em prol de uma mesma intenção, uma multidão de protagonistas, fortalecendo assim o protesto com da ação política.

Toosa e de Poseidon, deus dos mares. O mais medonho e feroz dos ciclopes que pastoreava ovelhas, ao notar a presença de Odisseu e seus guerreiros dentro de sua caverna, se enfurece e começa a engoli-los de dois a dois.

Odisseu então decide oferecer vinho a Polifemo, e quando este pergunta quem lhe deu a bebida, o herói responde: “Foi ninguém!” Polifemo, ébrio, adormece quando Odisseu e seus homens cegam o ciclope com uma faca. Na manhã seguinte, Polifemo abre a caverna para deixar sair as ovelhas, sem perceber que os prisioneiros escaparam, escondendo-se por baixo dos animais.

O ciclope, ao se dar conta da fuga e da cegueira, grita aos seus companheiros que ninguém o tinha cegado, e estes acreditam que ele ainda enxergava. E, já ao longe, a salvo, Odisseu grita que não tinha sido “Ninguém” a feri-lo, mas ele mesmo.

Pelbart, portanto, associa o mito grego a este anonimato que desloca o sujeito para produção de outra subjetividade, afirmando o ser-qualquer, como forma de escapar da servidão e criar sua “singularidade do qualquer”, que o filósofo italiano Giorgio Agamben associa ao sentido de comunidade, e não se submete à hierarquias ou morais, já que os poderes não sabem o que fazer com a “singularidade do qualquer”, tal qual é, nem individual nem universal. A partir da pesquisa sobre a origem do termo, amplia seu significado:

A tradução corrente, no sentido de «qualquer um, indiferentemente», é certamente correcta, mas, quanto à forma, diz exactamente o contrário do latim: *quodlibet ens* não é «o ser, qual-quer ser», mas «o ser que, seja como for, não é indiferente»; ele contém, desde logo, algo que remete para vontade (*libet*), o ser qualquer estabelece uma relação original com o desejo (AGAMBEN, 1993, p. 11).

E aí se dá toda a potência da afirmação de ser o qualquer um, o ninguém, o inominável, que se desprende e é inserido em um campo de forças e resistências para se libertar do senso comum e da moral; o anonimato tem em si a própria presença, uma singularidade que se expõe como o qualquer, que se torna amável, já que o amor não escolhe uma característica do ser amado, nem tão pouco generaliza. O amor quer o ser tal qual é, com todos os seus predicados.

Dentro do contexto deste trabalho, o anonimato se faz como estratégia de espriamento das novas subjetividades que vieram a partir do decreto de um *lockdown*, dos perigos de contaminar-se, do genocídio ocorrido por conta de uma política fascista, da necessidade de alguns se exporem a um maior risco de contrair o vírus; bem como dos desvios e invenções de novas formas de produzir espaços de saúde e alegria apesar de todo o entorno estar literalmente empestado por uma praga ameaçadora.

Portanto, viver o anonimato como potência de mudança é uma força presente em fatos históricos e mitologias. O ser ninguém afeta a produção de subjetividades múltiplas atravessadas por uma gama de possibilidades diferenciadas e geradoras de identificações e inspirações, compondo sujeitos únicos e unidos pelo ser-qualquer.

Aprender o anonimato é aprender essa opacidade do que não cabe no representável, aprender a riqueza do que não está acabado e só pode ser continuado por outros que não conhecemos. Abrir essa possibilidade tem a ver com a velha ideia da emancipação como tarefa coletiva. Uma emancipação para que a ideia de liberdade não remeta ao indivíduo, senão à possibilidade de fazer mundo coletivamente e de maneira autônoma. Como falamos antes: com a possibilidade de conquistar a liberdade no entrelaçamento... O anonimato, como inacabamento, não é, então, déficit, senão potência, não é indefinição, senão campo de relações, não é insignificância, senão expressividade social. Eu tenho o mundo como indivíduo inacabado por meio do meu corpo como potência desse mundo (GARCÉS, 2020, p. 11).

O anonimato, presente em cada história contada aqui, contém elementos que conectam os personagens apresentados e, mais ainda, leitor e personagem, gerando empatia, emoção ou alguma outra força que aproxime o que é lido e o que foi vivido por quem lê, já que todos nós, independente do como, atravessamos a pandemia.

Desdobra-se assim o caminho (*hodos*) que me fez chegar à esta metodologia, inspirada na pesquisa cartográfica proposta por Eduardo Passos, que deseja

pensar a relação entre inventividade e rigor metodológico de tal maneira que possamos afirmar um método da criação ou, por outra, pensar o trabalho metodológico como condição para nossas intervenções inventivas. O método da cartografia orienta a abordagem transdisciplinar na psicologia entrelaçando clínica, cognição, ética, estética e política (PASSOS, 2009, p. 4).

A cartografia escolhida para este trabalho acontece a partir de atravessamentos de subjetividade que já não obedecem a ordens previsíveis, cartesianas, horizontais ou verticais; incidem sobre os acontecimentos, atravessam diferentes camadas e percepções em vetores diagonais e estão sempre em movimento. Assim acontece o processo de transversalidade: “Precisamos falar da transversalidade como diretriz metodológica para pensarmos em sintonia com o contemporâneo” (PASSOS, 2019, p. 3).

Inspirada em uma linguagem romanceada, me atrevo a costurar contos em primeira e terceira pessoa, mapeando histórias que aconteceram na cidade do Rio de Janeiro, não pertencem somente a suas personagens, mas a qualquer um que se identifique com as experiências contadas.

Utilizo também a força do humor como elemento de quebra da tristeza e do pessimismo que possam se instaurar nas narrativas, evitando uma possível fixação em pensamentos e estados de estagnação e afetos que diminuam a potência dos envolvidos

nas histórias. Longe de intencionar um pollyanismo<sup>4</sup> ingênuo ou algo do gênero, me inspiro outra vez em Clement Rosset sobre o trágico e o poder do “riso exterminador”, que é como ele denomina a força capaz de destruir possíveis ordens aparentes. Um olhar que pode parecer chocante e utópico, mas que contém em si um pensamento proposto por Friedrich Nietzsche, questionando e transformando valores, antes transmitidos como absolutos.

Riso exterminador significa a vitória do caos sobre a aparência da ordem: o reconhecimento do acaso como verdade do que existe. Reconhecimento que é também uma aprovação uma vez que o riso se acompanha de um prazer o qual significa necessariamente aquiescência e assunção como estabeleceu Freud em *A palavra de espírito e suas relações com o inconsciente...* A filosofia trágica não começa quando os homens aprenderam a rir de seus cadáveres, mas antes no dia misterioso tardiamente reconhecido por Nietzsche em *A origem da tragédia* onde os Gregos confundiram numa única festa o culto dos mortos do qual tinha nascido a tragédia e o culto do deus que simbolizava o vinho e a embriaguez: as Grandes Dionisíacas que no mesmo dia celebravam simultaneamente os jogos da vida, da morte e do acaso (ROSSET, p. 198).

As referências musicais e cinematográficas ilustram as histórias que atravessam paredes, prédios, calçadas, ruas e criam um efeito dominó, interferindo umas nas outras. Me atrevo ainda a construir alguns neologismos, com o intuito de trazer mais leveza e originalidade, bem como os diálogos e conversas que seguem em linguagem cursiva, sem diferenciação do restante do texto.

Partindo do conto que se passa no Complexo do Alemão, linhas invisíveis são lançadas em direção a outros territórios, outros mundos separados por alguns quilômetros, e aproximados pelas relações estabelecidas entre as paisagens e os personagens. O método consiste em criar histórias a partir dos conceitos, perceptos e afectos, tríade interconectada, como já definia Gilles Deleuze em seu abecedário:

Há os conceitos, que são a invenção da Filosofia, e há o que podemos chamar de perceptos. Os perceptos fazem parte do mundo da arte...O artista é uma pessoa que cria perceptos...um conjunto de sensações e percepções que vai além daquele que a sente...devires que transbordam daquele que passa por eles, que excedem as forças daquele que passa por eles” (DELEUZE, 1996, p. 52).

---

<sup>4</sup> Pollyanismo: neologismo referente à personagem Pollyana do livro homônimo de Eleanor H. Porter, publicado em 1913 e considerado um clássico da literatura juvenil. Pollyanna é uma menina órfã de onze anos de idade que contagia a todos com seu jeito otimista de ser. Com o pai aprendeu o "jogo do contente" que consiste em procurar extrair algo de bom e positivo em tudo, mesmo nas coisas aparentemente mais desagradáveis. A menina usava esta lógica para tudo que lhe aparecia na vida. O pollyanismo, portanto, consiste em um certo otimismo cego, o que é totalmente oposto à obra de Clement Rosset, *A lógica do pior*, onde o humor atravessa uma realidade trágica e possibilita novas perspectivas e sentidos à experiência.

## Capítulo 1

### O corpo (pandêmico) em Espinosa

Baruch de Espinosa nasceu no ano de 1677, na cidade de Amsterdam, Holanda. De família português-judia, estudou profundamente o Talmude e a Bíblia, questionando-se profundamente sobre o conceito de Deus. Para o filósofo, Deus é substância, e substância é “aquilo que é em si e é concebido por si, isto é, aquilo cujo conceito não precisa do conceito de outra coisa a partir do qual deva ser formado” (SPINOZA, 2015, p. 45), pois “a substância absolutamente infinita é indivisível” (SPINOZA, 2015, p. 65). Este Deus não possui nenhum caráter transcendente ou hierárquico; ele está nas coisas que fazem parte do mundo real, o que inclui o próprio sujeito. E já que essa substância, que também pode ser chamada de imanência, contém o todo, o corpo também faz, e foi justamente a pergunta “O que pode o corpo?” que norteou o pensamento do filósofo, e nunca pôde ser realmente respondida:

O fato é que ninguém determinou até agora, o que pode o corpo, isto é, a experiência a ninguém ensinou até agora, o que o corpo - exclusivamente pelas leis da natureza enquanto considerada apenas corporalmente, sem que seja determinado pela mente - pode e o que não pode fazer” (SPINOZA, 2009. Prop. 2, p. 51).

#### *Conatus / Alegria*

Para Espinosa, o corpo é uma potência em ato, um conjunto de partes duras e moles, compostas por órgãos, tecidos, moléculas e átomos que se unem e atuam juntos. Algumas vezes conseguimos agir de acordo com nosso corpo, em outras, somos levados pelos acontecimentos. O que define o corpo está relacionado à sua potência, à sua força de vida, que chamou de *Conatus*, palavra em latim que significa esforço, impulso, inclinação, e, para o filósofo, a expressão do corpo e da mente conectados entre si na mesma substância; sua capacidade de ser afetado e seguir se aprimorando e existindo. É a força que nos faz seguir vivos, a potência do ser para conservar-se.

O filósofo holandês pautou sua produção pelo estudo das afecções, que acontecem em todas as relações estabelecidas e produzem aumento ou diminuição de sua potência. Escolho algumas proposições do livro *Ética*, sua obra-prima, a fim de trazê-las à atualidade do contexto pandêmico, confirmando seu caráter atemporal.

As afecções acontecem quando o corpo se afeta pelo mundo: vivendo afetos alegres, a potência aumenta; nos afetos tristes, sua potência diminui. Subdivide-se ainda os afetos em ativos e passivos, sendo os afetos ativos aqueles relacionados à alegria, que partem do próprio indivíduo e aumentam sua potência de agir; já os passivos, ou paixões, acontecem quando não somos a causa desses afetos; uma espécie de imposição

do mundo sobre o corpo. Os afetos estão ligados à relação, à experimentação de um corpo com outro, sejam eles indivíduos, objetos, ações, algo que o desloque para fora de si. Esses afetos estão em constante transição e transformação.

No final da parte três da *Ética*, Espinosa se propõe a definir quarenta e oito diferentes afetos, considerando que todos eles provêm de três afetos básicos: desejo, alegria e tristeza. Desejo como “a própria essência do homem”, alegria como “a passagem de uma perfeição menor para uma maior”, e tristeza, como “passagem de uma perfeição maior para uma menor” Estes, por sua vez, desdobram-se em admiração, amor, ódio, desprezo, esperança, medo, segurança, desespero, reconhecimento, decepção, consideração, inveja, misericórdia, e assim por diante. O amor é definido como uma “alegria acompanhada da ideia de uma causa exterior” (SPINOZA, 2009, p. 71).

Estas afecções se apresentam de forma múltiplas e conflitantes, determinadas por forças que competem por um maior grau de potência. Isso se dá por toda a profusão de afetos e possibilidades, dada a complexidade do corpo humano, que contém em si naturezas diferentes e altamente compostas.

Na primeira fase da pandemia, quando fomos postos em confinamento em distintos territórios e submetidos a um campo de forças até então desconhecido, uma produção de novas afecções foi amplificada, muitas delas desafiadoras, algumas surpreendentes; os indivíduos foram obrigados a reinventar suas formas de relação e conexão. De início, as subjetividades criadas a partir desse contexto potencializaram os afetos de tristeza, medo, desespero, ódio, e dominaram a cena. Os afetos alegres ficaram escondidos e foi necessário um esforço maior para trazê-los à tona.

Diante da “alegria como prova dos nove” (Andrade, 1976, p.5), aclamada por Oswald de Andrade no Manifesto Antropófago de 1928, uma década após a pandemia da gripe espanhola, estivemos, quase um século depois, frente a frente com uma nova pandemia. A alegria espinosana-oswaldiana foi uma brecha de teimosia e afirmação de estar vivo e valorizar a existência por sua própria natureza; de acessar o dentro da própria existência, o núcleo quente do que é vívido, inabalável, inerente ao desejo, mesmo diante do maior sofrimento físico ou psíquico.

Mais do que nunca, o *Conatus* precisou ser convocado para criar outras subjetividades, pelo avesso do que se fez dor, doença, morte, luto, ativando o visceral de um corpo-caos em busca da potência do trágico:

Lembre-se então, que o que quer que traga contigo de enfermidade ou dor, esse processo bem pode igualmente atear uma alegria. O que, vou lhe falar, muito me faz pensar na ligação entre o desejo e a realidade (SOUZA, p. 50).

### **Amizade**

Espinosa acreditava que o indivíduo não iria muito longe fechado em si mesmo; segundo ele, unindo-se, conseguem satisfazer melhor suas necessidades; separados são menos potentes e mais vulneráveis aos perigos. Diante do olhar potencializador sobre viver em grupo, o filósofo certamente precisaria ampliar as possibilidades de bons encontros durante o *lockdown*. Talvez uma nova percepção de que as conexões podem atravessar paredes e usar a tecnologia como aliada nesse processo.

As antigas cartas ganham velocidade nos e-mails e chegam aos seus destinatários de forma imediata; videochamadas permitem que se veja a face e o entorno do interlocutor. coletivos se organizam por aplicativos e trocam informações e impressões sensíveis, chegando ao ponto de gravar áudios e até mesmo enviar músicas. Outros meios que não substituem o olho no olho, a pele na pele, as refeições compartilhadas, mas que compõem uma outra maneira de viver a grupalidade.

Espinosa sempre foi um grande defensor das amizades e dizia que o homem sábio se une por laços amigáveis e não pela retribuição de favores. Sob o olhar do filósofo, a amizade é vista como um somatório de afetos que provém da alegria, amor, admiração, reconhecimento, consideração, desejo, agradecimento, benevolência e torna o homem mais livre quando permite que ele viva bons encontros.

Diferente das coisas, são as pessoas que possuem a natureza mais próxima da nossa e, sendo semelhantes, terão mais chances de se alegrarem: “Nada pode combinar melhor com a natureza de uma coisa do que os outros indivíduos da mesma espécie” (SPINOZA, 2009 p. 103). Pode-se dizer então, que quem tem amigos tem mais potência de agir, e por conseguinte, mais saúde.

Se trouxermos estas ideias para a pandemia, concluímos que as relações de amizade foram de extrema importância. Mesmo à distância, pôde-se nutrir esses laços através dos recursos tecnológicos, pelas ligações telefônicas, videochamadas e até mesmo “festas” organizadas em plataformas online. Uma rede de estabeleceu diante de um evento que atingia e prejudicava a todos, tornando mais fácil a empatia e a conexão.

### **Multidão**

Espinosa avança em seu pensamento sobre as amizades e apresenta o conceito de multidão para se opor ao povo e à massa. O povo como um conjunto de indivíduos massacrados e assujeitados pelo poder, submetidos por um contrato com seus

soberanos. A massa, por outro lado, é um grupo irracional e ameaçador, que tem uma natureza indiferente. Já a multidão opera na produção incessante da diferença.

Três séculos depois, o pensador italiano Antonio Negri, resgata o conceito de Espinosa e desdobra-o em três definições: imanência: grupo de múltiplas subjetividades, onde o indivíduo e o conjunto de indivíduos é singular; classe: contém todas as classes sociais, onde nenhum corpo existe só; potência: multiplicidade resistente à compactação da massa, que pode se desenvolver de forma independente e autônoma. Tal conceito permite um olhar para o mundo que vai ao encontro das linhas de fuga<sup>5</sup>, com o desejo de promover aumento de potência, a partir de novas singularidades que nascem de uma terra árida.

Multidão é corpo não uno, retoma a multiplicidade como substantivo, sustentando uma diferença através de uma expressão potente, e propondo outros modos de se relacionar, outras formas de produção. Uma multiplicidade totalmente heterogênea, sem hierarquia, que contém elementos diversos, e tem como base a comunicação e a articulação, atuando no comum. Ela acontece no espaço entre onde as diferenças se encontram, onde o desafio é poder olhar o comum sem perder a diferença: “A multiplicidade da multidão não é uma apenas questão de ser diferente, mas também de um devir diferente, um devir diferente daquilo que você é!”(NEGRI & HARDT, 2005, p. 444)

Portanto, multidão é o conjunto de singularidades que agem em comum. Isso só acontece por não existir uma lógica identitária. São forças que se atravessam, singularidades que se esbarram e agem em um território comum, como aconteceu nos levantes de junho de 2013, onde as diferenças se uniram por uma mesma causa, sem perderem sua singularidade e ao mesmo tempo sem se destacarem. Retomamos aqui o anonimato, o ser-qualquer de Agamben e toda a força que ele pode produzir, em um processo híbrido, mestiço, nômade, navegante, de bons contágios, em um anti-individualismo político.

O povo é uno. A multidão, em contrapartida, é múltipla. A multidão é composta de inúmeras diferenças internas que nunca poderão ser reduzidas a uma unidade ou identidade única – diferentes culturas, raças, gêneros e orientações sexuais; diferentes formas de trabalho; diferentes maneiras de viver; diferentes visões de mundo; e diferentes desejos. A multidão é uma multiplicidade de todas essas diferenças singulares (NEGRI & HARDT, 2005, p. 12).

---

<sup>5</sup>Linha de fuga é um conceito definido por Deleuze e Guattari como uma trilha para nova subjetividade, novo campo, onde a palavra fuga, na verdade, passa a ter um caráter de desvio para um novo encontro, uma aposta em um outro caminho. Representa uma espécie de rachadura em uma subjetividade fechada, onde, em vez de tapar as frestas, adentram-se nestas para ver no que dá. Portanto, a linha de fuga sempre vai levar para um lugar novo, e afetar a subjetividade.

E assim surge mais um questionamento: como criar movimentos de resistência que preservem a força do coletivo dentro do contexto pandêmico?

O desejo pela relação e troca criou múltiplas formas de conexão entre as pessoas. O panelaço, que antes representava um ato vindo de grupos simpatizantes ao governo fascista e suicidário, veio como grito de protesto ao descaso total do então presidente diante da gravidade do vírus, uma “gripezinha” segundo ele; as pessoas a favor da vacina, chamadas “idiotas úteis”. Foram alguns meses de manifestações diárias às 20h30, em inúmeras cidades do Brasil.

Para além de uma manifestação contra o governo, construiu-se, dentro do possível, uma comunidade militante, que lançou teias sonoras ao espaço aberto, e ampliou o campo de forças que unia uma voz à outra. Apesar de separadas por paredes e espaços, cada fala partiu de um território singular, atravessando janelas e se encontrando nas sonoridades emitidas, em um corpo-som-protesto. O movimento do panelaço é apresentado no terceiro conto deste bloco, Teias Sonoras, que, juntamente com Mãezinha, Babalu, Staying (a)Live e AmarElo fazem parte do bloco de contos deste capítulo. Inseridos em realidades completamente distintas, eles compõem uma rede de afetos múltiplos, alguns mais intensos, trágicos, violentos e tristes, em contraponto com outros que trazem leveza e alegria em situações desafiadoras. Conexões mediadas por salas de reunião online, produtos midiáticos, encontros ao vivo que bancaram os riscos e todas as perigosas consequências desses atos. Vida e morte em um jogo de forças imprevisíveis e incontroláveis que atuaram sobre os corpos dos personagens, membros de uma multidão de anônimos, quaisquer, representando realidades possíveis para tantos outros.

## Mãezinha

O elevador de serviço quebrou, só tinha o social. Esperou o homem do 1302 calçar o tênis, que agora morava do lado de fora da casa, amontoado com o chinelo e o sapato social, no cantinho ao lado do capacho... Pressa, mais três entregas a fazer, imprensado no elevador social com aquele caixote tartaruga. Décimo primeiro, mulher emperiquitada e perfumada, sapato alto, o analisa de cima a baixo com cara de: “o que este entregador tá fazendo no elevador social?” Ele balbucia: “é que o de serviço pifou...” É preciso se explicar, homem preto, favelado, entregador. Sétimo, menina e cachorro gigante. É bonzinho, não morde não, só late, cala a boca, Romeu. Ele lembra do Goela, seu vira-lata magrelo que volta e meia some. Sushi, picanha, massa chique, perfume, os cheiros se misturam e chegam naquela barriga que roncava alto.

A placa adverte, “lotação máxima: quatro; obrigatório o uso de máscara”. Acima, outra placa, com fontes menores: “Atenção, este condomínio está obrigado por lei a denunciar ocorrência ou indícios de ocorrência de violência doméstica ou familiar, verificados nas respectivas dependências e/ou unidades, contra mulheres, crianças, adolescentes, pessoas com deficiência ou idosos. Disque 190 ou 180.” Repara no homem do décimo terceiro andar vidrado para a placa, lendo em voz baixa, como se contasse uma história para si mesmo.

Quarto andar, porta abre, a senhora pequenina e curvada e a música gospel saindo aos berros dos seus fones de ouvido ...*como é que não fica surda? Vai ver já tá.* A emperiquitada resmungando que não cabe mais ninguém, o homem do décimo terceiro chega para o lado e a senhora entra de qualquer jeito. Climão. Segundo, play, térreo. Respiros aliviados por detrás das máscaras variadas: Pff2, cirúrgica, com o brasão do Botafogo e estampa de joaninhas. Ele aperta o passo até a *bike* laranja do aplicativo, parada ao lado da guarita do porteiro amigo toma conta pra mim que eu já volto. Pedala a mil, ao ritmo da trilha sonora, a cabeça num movimento para trás e para frente, cantando a letra de cor:

Trouxe um pouco de adrenalina, *made* in favela  
Vilão de novela pela rua  
Quem sabe é deus que me ilumina, que a inveja é cobra cega  
O peso de ser simples num mundo de vaidade  
O sorriso é a medalha de quem pereceu  
Que quando menos esperou o sol apareceu  
E aquele clima chuvoso desapareceu  
Fiz da minha vida uma história que o autor sou eu  
(HUNGRIA HIP HOP, 2020).

\*\*\*

O mais velho tinha sete e não entendia nada sobre aquele negócio de *loquidau*; *ficarem casa o dia inteiro* era palavra inexistente no seu dicionário; a do meio, cinco anos, se agarrou à perna da mãe, que não lhe dava atenção nenhuma. Só conseguia pensar que se saísse, pegasse aquele bicho maldito e passasse para a sua mãe, a velha ia morrer, e ela, morrer de culpa junto. E ainda tinha a bebê, três meses, que só fazia chorar e mamar, mamar para não chorar.

Todos no barraco de dois cômodos, ainda sem porta para separar quarto, sala e cozinha. Era pouco a pouco a obra, já que o homem não fincava em trabalho nenhum. Em seis meses já tinha sido peão, camelô, e agora, com a pandemia, tinha arrumado um negócio de entregar comida. Saía às sete da manhã e só voltava depois das nove da noite. No fundo era bom, a casa acalmava não muito, um pouco.

O menino, não dava para prender. Mesmo com a ordem expressa de não sair, dava seu jeitinho: corria cometa até a praça atrás do mercado e encontrava a galera, a postos para a pelada. Às vezes, no caminho de volta, parava e almoçava na casa do amigo. A mãe dele era sua dinda. Lá no Alemão tinha muita comadre. Cada vez que uma fazia feijão, guardava um pote para a outra. E de vez em quando, a dinda pegava a menina de cinco da comadre, quando a coisa apertava com a bebê e a mãe idosa.

Teve um domingo que o marido não foi trabalhar e decidiu ver o jogo na laje do amigo. Imaginou a cena dele comendo e bebendo perto dos outros homens. Desesperou. Já ficava nervosa com ele na rua o dia todo, mas aí era na bicicleta, de máscara. Pediu, chorou e até gritou esse jogo já passou, homem, nem tem graça ver de novo... só esses seus amigos mesmo pra inventar festa pra jogo repetido. Espera que daqui a pouco o Maracanã abre de novo e a gente vai com o menino. Mas ele foi mesmo assim; era folga e não dava para ficar trancafiado em casa. E, mesmo sendo reprise, era vitória do Mengão sobre o Fluminense. Era ela rezando e a mãe, demente, cantando o dia inteiro a música do Agnaldo Timóteo que amava de paixão:

Minha mãezinha querida  
Mãezinha do coração  
Te adorarei toda vida  
Com grande devoção  
É tua esta valsinha,  
Foste a inspiração  
(MACEDO & FAISSAI, 1952).

A filha, quando era criança, gostava de se gabar da letra de cor; naquele domingo tudo que não queria era escutar a música que agora soava boboca demais. Era incrível como a canção seguia intacta na memória da mãe.

Seis da tarde e o calor ainda pegava, o ventilador velho e barulhento girava só até a metade e refrescava quase nada. Exausta, adormeceu. Abriu os olhos com o dia já claro. O marido, ao lado, cheirava a cachaça e roncava com vontade. Suspirou por vê-lo ali, estatelado. Alívio que durou pouco. Um estrondo veio da única porta da casa emperrada, daqueles do chão tremer. *Putá que pariu*, ela foi à janela e viu ao longe aquele caveirão metendo terror; em dois tempos quem estava na rua correu para casa. A perna tremeu, o coração disparou. Correu para o quarto das crianças e viu que o menino não estava. A mãe desatou a cantar gritando, como criança que não queria escutar o som do medo.

Canto, querida Mãezinha  
A tua canção Alegria... um prazer  
Uma grande emoção  
Neste dia te dizer  
Com muito amor e afeição  
Oh, minha Mãe  
Minha santa, querida...  
És o tesouro que eu tenho na vida...  
Eu te ofereço esta linda canção...  
Mãezinha do coração... (Ibidem).  
\*\*\*

Acordou antes da hora de tão excitado que ainda estava com a pelada de domingo. Cheio de si; o peito estufado de quem tinha feito três gols, um deles de cabeça, daqueles bem mirados. Na mão, para se exhibir ainda mais, a camisa do Flamengo, desbotada e sem a costura da manga direita, molhada de suor de tanto correr. Já imaginava a cara de orgulho do pai e o abraço da mãe quando contasse do seu dia de craque herói.

Mas quando virou a esquina da sua rua, ouviu o choro da bebê e os gritos da irmã seguidos do barulho estrondoso ao longe. Parecia ser aquele carro tanque de guerra que sua mãe odiava. Curiosou, atravessou o beco de muros esburacados por tiros de todos os tamanhos, em direção ao carro monstro. Ficou quietinho escondido atrás da esquina, olhos arregalados, sem entender direito o que se passava ali. Foi quando escutou o primeiro tiro.

\*\*\*

Eram oito dentro do carro blindado. Em silêncio, cabisbaixos, armas em punho, se preparavam para começar mais uma operação. Todos entre trinta e quarenta anos, todos homens, todos com medo debaixo da feição endurecida. O de cabelos castanhos cacheados, cicatriz no queixo, lembra que foi ali, no Alemão, que ele nasceu e morou boa parte da vida; seu pai, camelô por mais de vinte anos, amava aquele lugar que

escolheu viver depois que chegou de João Pessoa. Ensinou ao filho como ser safo e sobreviver naquela comunidade, mas a lição só foi até a metade. Morreu de infarto quando o menino tinha oito anos. Tão súbito que o esquecimento fez o serviço de varrer da sua cabeça qualquer lembrança; por mais que tentasse, não conseguia recordar a cara do pai.

Um pai que nunca imaginaria ver o filho de policial; *porque esses homens metem medo, não têm coração, matam e depois riem*. A frase ficou na sua cabeça até o dia em que pôde presenciar *ipsis literis* as palavras do pai: nunca se esqueceu da expressão de orgulho e dever cumprido no rosto do colega em meio a uma operação na Rocinha, quando, de uma vez só, executou três homens. Diante do tilintar da arma girando por entre os dedos do assassino, sorriso monalísico disfarçado pela barba negra, ele não sabia se saía correndo desesperadamente ou se partia para cima do parceiro de trabalho. Não conseguia pensar em outra palavra para definir o colega. Assassino. Acabou apertando os punhos e segurando o grito.

Para seguir naquela vida, precisou vestir uma armadura por baixo do uniforme. Só assim daria conta das operações, que, volta e meia, era obrigado a participar; tornou-se soldado a postos para matar por “*justiça e proteção aos moradores*”. Porra nenhuma, já tinha entendido que muitas vezes quem pagava pelos traficantes era aquela gente que vivia lá, aqueles corpos matáveis que só faziam somar os números inumeráveis daquilo que batizaram de chacina<sup>6</sup>.

Respirou fundo e acessou seu *iceberg* interior, para invadir um território que também era seu. Saiu do veículo blindado, escutou um tiro de fuzil. Tremeu, a vista embaçou, mas deu para ver o menino morto no chão com um tiro na cabeça, enquanto o atirador se aproximava para pegar a arma que o menino segurava, e sair em disparada em direção à boca de fumo. Ele ficou ali, olhando mais um pouco para aquele corpo magrelo. Não devia ter mais que dezessete anos. Mais um, mais um, mais um, não

---

<sup>6</sup> Durante a pandemia, o Rio de Janeiro sofreu três grandes chacinas: duas no Alemão, em 15 de maio de 2020 e 21 de julho de 2022, e uma no Jacarezinho, em 6 de maio de 2021, considerada a maior chacina da história da cidade. “Como a gente não vai se aglomerar se quando está no meio do tiroteio, no meio da guerra, a gente precisa aglomerar todo mundo no cômodo mais seguro da casa para poder se esconder e se proteger?”. O questionamento é de uma moradora do Complexo do Alemão, que definiu a operação como a mais “pesada” durante a pandemia por conta das mortes e do aparato policial. “Tinha caveirões circulando pelo morro o tempo inteiro, muita munição, muita granada”, descreve. “Mais uma vez a favela sangrando, mais uma vez mães gritando pela perda dos filhos” A chacina deixou 13 mortos, de acordo com os dados oficiais. Porém, alguns relatos de moradores do complexo, com quem conversei durante minha pesquisa, garantiram que foram quase trinta mortos. A ação contou com presença do Bope (Batalhão de Operações Policiais Especiais), e de policiais da Desarme (Delegacia Especializada em Armas, Munições e Explosivos).

parava de repetir. Virou-se e deu de cara com um menino paralisado, escondido na esquina do beco, se tremendo todo, até correr em desespero, deixando cair a camisa rubro-negra, idêntica à que presenteara o filho dias antes, no seu aniversário de sete anos. Socou com força o caveirão. Não dava mais para ele.

\*\*\*

Os dias se arrastavam junto ao corpo obeso que moldava o sofá já afundado naquele lugar cativo. Apesar da pouca idade, cada passo lhe custava um esforço hercúleo, as coisas pioraram depois que o marido saiu fora e ela ficou com os dois meninos. O mais velho, de dezessete, já estava se entrosando com os traficantes e vendendo drogas para garantir casa e comida.

Precisou parar com os bolos que estava vendendo na comunidade; o povo ficou com medo de pegar a praga pelo doce, pela mão, pelo tabuleiro. Mas o mercado da droga não parava. Pelo contrário; aumentaram as vendas, o povo tava mais ávido pela autoanestesia, pela onda de superpoder que a cocaína dava. Sim, porque o pó valia mais, e o filho era ambicioso como o pai, olhava pros traficantes e se imaginava um algum dia, protegendo os moradores dos ataques policiais.

Naquele dia ela acordou mais cedo, sem muito por quê. Passou pelo quarto do filho, e se espantou com a cama feita, afe, que que deu nele hoje? Devia ser dia bom, de boas vendas. Fez o sinal da cruz e foi se arrastando da cama para o sofá, como costumava fazer todos os dias, desde que ficar em casa era lei. E aí de quem não obedecesse; levava paulada dos meninos-aviões que circulavam o complexo, convocados a manter a ordem e garantir que os moradores ficassem em casa. A entrega agora era delivery, de máscara e tudo.

A tevê, em alto e bom som, abafou o barulho do tiro ao longe; achou que era fogo de artifício celebrando a nova mercadoria. Foi quando entrou seu afilhado, filho da vizinha. Desarvorado, sem fala, porta adentro. Ela pergunta, tenta acalmá-lo, se aquiete menino, tome água; o sotaque ainda forte e orgulhoso de ser cearense. A cada gole, o menino ia balbuciando que viu um monte de moço que saiu de dentro do tanque igual o do Comandos em Ação, só que gigante, e dali saiu um homem forte e mascarado. A madrinha desatou a rezar. A criança deitou a cabeça no seu colo e se deixou lagrimar. A imagem do filho da dinda morto no chão não saía da cabeça.

Mal sabiam que aquele choro suspirado pelo menino e respirado por ela traziam o vírus que anunciava seus últimos dias de vida, cinco dias depois do assassinato do filho.

\*\*\*

O tempo parou naquele silêncio onde o vento era a única presença sonora. Depois de quase seis horas seguidas de rajadas de tiros incessantes e rasantes de helicóptero, o coordenador finalmente conseguiu se levantar do corredor da escola que serviu de bunker para aquela operação de guerra. Atravessou a sala de aula, e abriu a janela que dava pro pátio. Na memória, a imagem de uma panela de pipoca onde, depois de tantos estalos, o último milho estoura, e só aí dá para abrir a panela sem o risco de levar uma pipocada no olho.

No pátio, as árvores pareciam pedir socorro sacolejando folhas e galhos, sopradas por uma ventania que tentava tirar o peso do ar daquele início de tarde. Em vão. Ao fundo, pela lateral da unidade de pronto atendimento que ficava atrás da escola, começou a contabilizar os corpos que chegavam em carrinhos de mão, empilhados em caminhões, ou em carros de moradores vizinhos de algumas vítimas. Impossível ter exatidão naquela conta, mas eram no mínimo vinte e cinco cadáveres.

A cena remetia aos filmes de guerra e holocausto que adorava ver; talvez porque assistir a tragédia alheia amenizasse um pouco aquela que fazia parte do seu cotidiano: desde escolher passar pelos becos com menos buracos nos muros, até o desespero de controlar os alunos de dois a cinco anos que não entendiam porque tinham que ficar escondidos e deitados no chão durante os tiroteios, vamos brincar de cobrinha dormindo? quem ficar mais paradinho vai ganhar o jogo! quero fazer xixi...espera um pouquinho só, a gente dorme até parar os fogos de artifício...porque tem fogos? porque hoje é um dia especial, vai ter jogo do Vasco... e assim seguiam as negociações, entremeadas por rezas e troca de olhares tensos entre os professores.

Desta vez, respirar fundo se fazia ainda mais difícil; a máscara cumpria sua função protetora e ao mesmo tempo angustiava, apesar das estampas fofinhas- teve um dia que uma das meninas de três anos decidiu que a sua, da frozen, viraria uma espécie de fralda e se empenhou em passar o elástico pelas duas pernas com a ajuda de um dos meninos. Ficou entalada, e no susto, começou a gritar; a professora não sabia se ria ou chorava da cena tragicômica; precisou cortar o elástico com uma tesoura para liberar a criança.

Mas naquele momento não tinha risada, só aqueles doze rostinhos assustados, e o tremor das mãos dele, descontroladas e suando frio. A professora invocou todas as forças para não desmoronar, e, olhando uma a uma as crianças, propôs: agora as

cobrinhas vão vestir asas de beija-flor e sair voando até o pátio...quem vai chegar primeiro? um dois três e já!

## Babalu

*Carmem Miranda* foi a primeira a entrar; o neto passou a manhã dando uma aula sobre como acionar a plataforma de reuniões online pelo tablet emprestado. Pouco a pouco foram surgindo, quadradinho por quadradinho, *Clara Nunes, Maysa, Angela Maria, Chaplin, Lisa Minelli*. Para elas, operava-se um verdadeiro milagre que fazia aqueles corpos sensíveis e vívidos aparecerem na tela, cada uma da sua casa, olhos brilhando e alguns lagrimando, estupefatas com aquele novo mundo virtual.

A facilitadora mandou um recado no grupo pedindo desculpas, estava atrasada, pois precisou receber as compras que chegaram bem na hora da aula. Enquanto isso, o tititi tititava loucamente, todas querendo falar ao mesmo tempo, fechando sem querer o microfone ou a câmera e rindo daquilo tudo. *Carmem* era a única estressada, pois sua conexão estava péssima; meu neto ainda não mudou essa operadora horrorosa. “É tudo a mesma porcaria”, gritou *Chaplin* seguida de seu próprio eco. Foi quando a conexão da *Maysa* caiu e quando ela voltou, *Angela Maria*, a mais palhaça da turma, trocadilhou: machucou, amiga? Era tanta saudade que nem brigaram.

A média de idade era de uns 85 anos, *Chaplin* era a mais velha, 94 e *Maysa* a caçula, 76. Toda santa quinta-feira às três da tarde se encontravam no *Palco*, oficina gratuita para a terceira idade oferecida em uma universidade. A facilitadora, uma gerontóloga apaixonada por cinema, música e teatro, propunha que elas criassem uma performance de algum artista e, a cada encontro, ensaiassem para uma apresentação no fim do ano. O trabalho já acontecia há uma década; muitos velhos, como ela gostava de chamar, já tinham passado por lá, mas aquela era a primeira reunião remota.

Estavam desde cedo às voltas com as roupas, maquiagens, cenários e, o mais difícil, como fazer funcionar aquele mistério que permitia viajar por dentro dos fios invisíveis até a casa de cada uma. *Maysa*, que vivia só, vestiu sua máscara e sua cara de pau e foi pedir uma luz na vizinha. Dali do hall, a dois metros de distância, dúvidas solucionadas e um banho de álcool no notebook que quase o matou. E assim foram se ajustando, sentadas, tão engraçadas, e donas das suas salas<sup>7</sup>.

As *Frenéticas* ainda não haviam se pronunciado: teriam decidido faltar juntas? *Lidoka* apareceu vinte minutos depois pedindo desculpas pois tinha feito confusão com a hora; as outras duas não estavam se sentindo muito bem e preferiram faltar àquela estreia inusitada.

---

<sup>7</sup> Trecho da canção *Beth Balanço*, de Cazuza.

Estavam apavoradas com o *lockdown* decretado há duas semanas; não podiam sair e ninguém podia entrar. Fora o medo de pegar aquela praga do demo, como definiu *Angela Maria. Chaplin*, apesar de ser a mais velha, era a mais calma. Dizia que todas sairiam bem dessa; precisava muitíssimo de todas vivas para organizar e participar da sua festa de cem anos. Aliás, já fazia algum tempo que, a cada encontro e conversa, convidava quem fosse para a tão sonhada celebração, desde motoristas de aplicativo a farmacêuticos. E agora, como vou fazer para convidar meus novos amigos? A senhora precisa fazer um anúncio e colocar no insta, falou a empregada. E lá se foi mais meia hora para explicar e mostrar o tal insta. Pois então você trate de me colocar nesse negócio. Ela não era de perder o trem da história.

A facilitadora, apreensiva por aquele novo formato, precisou administrar microfones que fechavam na hora de falar ou ficavam abertos transmitindo as conversas da casa; tentou levar na esportiva, mas depois pediu ajuda para a sobrinha, pois aquilo tudo também era bem novo para ela.

Depois de meia hora de conversas truncadas e matação de saudade, começaram oficialmente as apresentações mais do que ensaiadas por aquelas mulheres de tantas histórias. Não tinham combinado uma ordem; começaria quem levantasse a mão primeiro. Após um minuto de silêncio, *Clara Nunes*, a mais nervosa, se adiantou; queria se livrar logo daquele medo. Quando a música começou, ela surgiu pela lateral direita da tela, em uma entrada triunfante. Imponente, perdeu o nervosismo e pareceu incorporar *Clara*, em carisma e emoção.

Será que ela tá na cozinha guisando a galinha à cabidela?  
Será que esqueceu da galinha e ficou batucando na panela?  
Será que no meio da mata, na moita, a morena ainda chocalha?  
Será que ela não fica afoita pra dançar na chama da batalha?  
Morena de Angola que leva o chocalho amarrado na canela  
Passando pelo regimento ela faz requebrar a sentinela  
(BUARQUE, 1980).

O filho, que nunca tinha visto sua performance, ria e chorava ao mesmo tempo, encantado e surpreendido com o vigor e a alegria daquela mulher de 83 anos, duas hérnias de disco e uma ponte de safena. Naquele momento ela era apenas *Clara*, exuberante na roupa branca rendada, peruca ruiva arrepiada e o chocalho devidamente amarrado na canela, que a fazia dar uns tropeços e trazia um quê palhacesco ao número. As amigas vibraram emocionadas e ficaram ainda mais apreensivas por suas performances a seguir. Os aplausos foram de pé com o devido *delay* da plataforma, seguidos dos gritos de “Rainha, Maravilhosa, Deusa!” E a mulher, exaurida e feliz,

agradeceu ao filho, à facilitadora, à musa inspiradora e a cada uma das colegas tão queridas.

O baile seguiu com *Maysa*, no auge da dramaticidade “Meu mundo caiu e me fez ficar assim, você conseguiu e agora diz que tem pena de mim” (Maysa, 1958); *Carmem Miranda*, sustentando o maior turbante-fruteira autoconfeccionado da história, que de tão grande não cabia inteiro na imagem, garantiu discretas risadas das outras. Triunfou e saiu do óbvio *Tico Tico no fubá* para um “Quem canta seus males espanta, por isso é que eu vivo a cantar sem cessar”, mais propício para aquele momento.

*Lidoka*, a única *Frenética* presente, bancou fazer a performance solo e arrasou abrindo as asas e soltando as feras. Todas se levantaram e dançaram no grande momento celebração do evento; era bonito ver os quadradinhos animados bailantes, com seus cenários de mesinhas e sofás afastados e posters de duas divas colados na parede. Algumas famílias pegaram carona e aproveitaram para dar uma sacolejada junto.

Dali a coisa só foi ficando mais bonita. *Lisa* sensualizou com sua bengala “My little town blues are melting away, I'll make a brand new start of it in old New York”(Ebb & Kander, 1977), arrancando aplausos broadwayzados e abrindo alas para a grande emoção de ver “uma” *Chaplin* perfeita em caracterização e movimento. A matriarca do grupo, era a mais jovem em alegria e leveza. Se dedicou com maior afinco aos ensaios e figurinos. Assistiu ao filme *Luzes da Ribalta* mais de vinte vezes; cantarolava a música tema o dia inteiro, e não parava de ter ideias para o seu número. Os rostos estavam tão absortos naquela *Carlitos* quase centenária, que as senhorinhas pareciam estar todas congeladas e sem conexão, quando na verdade, estavam mais ligadas do que nunca.

*Angela Maria*, acabou esquecendo que também cantaria, e levou um susto quando a facilitadora anunciou a última apresentação. Respirou fundo e pediu permissão ao espírito da cantora; acreditava que assim teria o apoio da própria e faria melhor. E foi assim que *Babalu* ecoou em um trágico belíssimo, prevendo o que estava por vir:

Está empezando el velório  
Que le hacemos a Babalu  
Dame diecisiete velas  
pa ponerlas en cruz  
(MARGARITA LECUONA, 1955)

Aquele foi o primeiro das centenas de *Palcos* online que aconteceram durante dois anos. Encontros que, mesmo à distância, trouxeram mais vida e alegria àquelas

moças vestidas de rugas. Um dia, em um encontro onde o tema era sexo, algumas confessaram que ainda sentiam tesão, e adoravam os rapazes mais jovens tipo Brad Pitt, George Clooney, Rodrigo Santoro. Só *Maysa* declarou sua paixão pelo Roberto Carlos, e já preparava seu próximo número em homenagem ao rei.

Alguns meses após a estreia do programa *Palcos* online, muito deprimida e com o coração fraco, *Lisa Minelli* precisou ser internada. No hospital, contraiu covid e não resistiu. As outras nem puderam se despedir da colega. Dor gigante, acompanhada de uma força de vida que virou promessa à saudosa amiga: cuidariam-se muito para seguir saudáveis e inteironas.

Assim foi. Desde então, a cada encontro, homenageavam *Lisa* dançando *New York New York*, cada uma do seu jeitinho, mas sabiam que estavam a léguas de distância da exuberância e do charme sedutor daquela talentosa superstar.

## Teias sonoras

Trabalho este que só se consegue quando nos encontramos e nos percebemos como forças enredadas coletivamente. É aí que nos produzimos na criação de redes afetivas e parcerias amorosas, capazes de ligar o singular ao múltiplo. Concluímos, então, com a força de algumas interrogações. O que nos leva a permanecer conectados ao mito da democracia representativa, às forças reativas e ao ressentimento ao invés de afirmarmos a força dos micro movimentos inventivos que eclodem o tempo todo em nosso cotidiano?” (COIMBRA, MONTEIRO, MENDONÇA, 2006, p. 6).

Escolheu a panela mais furrequinha; já sabia que ia sentar o pau, no caso, a colher de pau, naquele ato combinado para oito e meia da noite. Botafogo sucumbia em silêncio ensurdecedor; até a pracinha de entrada do morro Dona Marta, que costumava ser um *point* de crianças brincando e moradores confraternizando na cerveja, estava em modo medo.

Sabia disso, porque a janela da sala ficava de frente para a favela, o que tornava o aluguel metade do preço dos apartamentos de fundos. Mesmo em estado de alerta, valia a pena a vista: participar do burburinho da galera alegrava suas tardes. Às vezes marcava uma cerveja com um amigo bem ali na pracinha, mas eram poucos os que topavam...Haha, como se o perigo morasse somente ali. Ele sabia que a área era bem protegida pelo pessoal do tráfico; o bicho só pegava quando a polícia chegava. E aí era tiro atrás de tiro e um deus nos acuda. Com ele, até agora, nada havia acontecido. Acreditava que muito se devia ao axé do passe semanal no centro de umbanda ali no Humaitá, que agora era online; das coisas mais surreais que pôde presenciar. De qualquer forma ele participava, afinal, como disse a mãe de santo, orixá pode tudo, atravessa tela e chega ao coração.

Só que naquele hoje era só panela, colher e garganta que podiam fazer barulho e “benzer” aquele moço e seu entorno. Ligou a TV para saber a hora exata de começar sua catarse. Boa noite e até amanhã; a moça bonita e maquiada abriu alas para o momento mais importante do dia. E lá foi ele para a janela com raiva, panela e corpo endurecido e estagnado, em formato de cadeira de escritório, por conta das dez horas sentado. Era uma chance de dar uma sacudida e mover um pouco.

Tum tum tum tum tum tum, trinta vezes tum...dez minutos ininterruptos de tum, mão latejando e um berro estridente que encontrava ecos bem próximos e outros ao longe: Fora Bolsonaaaaaooooooooooooo, Genocidaaaaaaaa, Filho da Putaaaaaaaaaaaa... Rouquidão garantida que valia a pena. Em meio aos gritos loucos,

alguns, defensores do “Deus, Pátria e Família”<sup>8</sup>, faziam questão de tocar o hino nacional no último volume, o que, para sua tristeza, virara a trilha sonora de apoio à criatura governante. Junto com a bandeira brasileira<sup>9</sup> e a camisa da seleção, formavam uma tríade fascista, roubando a identidade simbólica do país.

Já eram quase dois meses desse encontro nas janelas e varandas. Algumas caras tornaram-se conhecidas; a menina de uns sete anos que acompanhava a mãe e se esgoelava e ria e acenava para quem aparecia no seu campo de visão. Ele adorava vê-la e respondia animadíssimo a cada tchauzinho. Criaram tanta intimidade que um dia ele fez questão de mostrar seu vira-lata Tapioca, simulando um aceno do bicho. Sentiu-se o tiozão boboca da janela.

Tinha um rapaz forte e todo tatuado que parecia maestro daquela orquestra de lata: fazia questão de pegar seu surdo e criar um compasso, musicando o caos sonoro. A mulher da cobertura à direita, aparecia a cada noite com uma roupa diferente e maquiadíssima, o evento devia ser a nova *night* dela. Ele, que já não namorava há um bom tempo, lançava olhares sedutores e fazia ainda mais barulho torcendo para a moça baixar um pouco o olhar.

Na janela ao lado, uma senhorinha, conhecida de velhos carnavais, olhava em silêncio. Tinha acabado de perder o marido, que se contaminou quando precisou ser internado após um princípio de infarto. Vivia aquele luto completamente sozinha, já que o filho único morava nos EUA e não pôde vir para o funeral, que nem sequer existiu por conta das medidas de prevenção do contágio. Até pouco tempo, ela exibia orgulhosa em sua janela uma bandeira do Brasil, o que demonstrava uma provável empatia pelo governo; agora, era impossível detectar se aprovava ou não aquele ato de protesto; em seu olhar cabia apenas um vazio dopado, imóvel, sem esboçar nenhuma emoção. Ele tentava se aproximar com um sorriso tímido, do tipo tô aqui do lado qualquer coisa chama, mas tampouco conseguia alcançar alguma eficácia na comunicação.

---

<sup>8</sup> Deus, Pátria e família era o lema da Ação Integralista Brasileira, movimento fascista comandado por Plínio Salgado em 1930. Quase um século depois, quando das eleições de 2018, o lema foi resgatado na fala e na campanha do então candidato à presidência Jair Bolsonaro, que passa a adotá-lo em sua integralidade nas lives que promove nas redes sociais.

<sup>9</sup> A bandeira do Brasil foi apropriada pelo então candidato à presidência Jair Bolsonaro como propaganda eleitoral nas eleições de 2018. O fato foi responsável por uma aversão ao símbolo nacional por parte dos adversários de Bolsonaro, que posteriormente tornou-se presidente e seguiu utilizando a bandeira, bem como as camisas da seleção brasileira e o hino nacional como emblemas do seu governo. Mesmo após a vitória de Lula nas eleições seguintes, e à copa do mundo, a bandeira ainda é, algumas vezes, associada ao governo anterior.

Teve um dia que ela não apareceu. Ele, inquieto, lembrou do seu nome e, disfarçadamente, gritou na direção da varanda; uma, duas, três vezes, cuidando para, respeitosamente, colocar o Dona antes. Nada. Ligou para o porteiro que disse que não a via desde a morte do marido. Preocuparam-se. O que fazer? Tocaram a campainha, bateram à porta. Deu dois minutos e ela abriu, olhos arregalados e uma máscara de pano velha e encardida. Silêncio mútuo por cinco segundos, a senhora tá bem? Nos ouvidos, aqueles tampões laranja de espuma. Não aguento mais essa barulheira!

Desde então, não conseguia mais bater na panela, já que era o vizinho mais próximo da Dona. A voz também baixou; gritava em modo sussurro. Tornara-se mais espectador que ator. Mas o tchauzinho para a menina, dele e do Tapioca, seguia firme e forte.

## Staying (A)live

Minha carne é de carnaval, meu coração é igual (MOREIRA, GALVÃO, OLIVEIRA, 1972).

Fevereiro de 1997. Salvador. Fervo. Seu primeiro carnaval na cidade, berço da maior festa de rua do mundo. Dois milhões de corpos suados e entregues àquela experiência quase lisérgica, que dispensava substâncias para dar onda. Até lhe ofereceram “um quartinho de um doce”, mas ela preferiu recusar; morria de medo de ter uma *bad trip* no meio do povo. Já a parceira da aventura queria viver o momento na maior intensidade, e topou de cara, *pouca coisa amiga, rélaxxxx, tamo na Baêa e acabamo de fazer 21*.

Registrava tudo que lhe aparecia pela frente, da exuberância de uma Daniela Mercury no auge da carreira, ao arrastar das sandálias, tênis e, pros mais cascas-grossas, pés descalços atrás do trio elétrico só não vai quem já morreu. O unísono de uma multidão enlouquecida e obediente aos comandos daqueles seres míticos com fama de semideuses: tchá tchá tchá tchá, e lá vinham as palmas perfeitamente compassadas, sai do chãoooooooooooooo, e imediatamente se lançavam como foguetes movidos a endorfina, ondulando em mar de gente; joga os bracinhos pra cima, e as olas infinitas davam um show à parte.

Em vinte e um anos, nunca havia sentido sua negritude tão bem-vinda em um acontecimento; presenciava uma celebração dos corpos de pele escura, um protagonismo que brilhava nas percussões e ritmos, no remelexo tão próprio daquela Bahia de todos os Santos. Pela primeira vez se viu parte de uma maioria, já que cerca de 80% daquela cidade era composta por negros; antes era uma das únicas negras da escola, a única da sua turma de faculdade e a primeira a escrever um livro sobre direito racial.

Fato é que naquele carnaval ela era pura alegria: suada, descabelada e orgulhosa dos *dreads* recém-feitos. Queria levar aquelas impressões para onde quer que fosse, lembrar da força do seu povo, do Pelourinho transbordante de cores e sons do Olodum<sup>10</sup>, do cortejo real do Ilê Aiyê<sup>11</sup> que subia a ladeira do Curuzu, do branco das vestes dos Filhos de Gandhi<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> Olodum: escola de tambores afro-brasileiro da cidade de Salvador, na Bahia. Foi fundado em 25 de abril de 1979 durante o período carnavalesco como opção de lazer aos moradores do Maciel-Pelourinho, garantindo-lhes assim, o direito de brincarem o carnaval em um bloco e de forma organizada. É uma organização não governamental (ONG) do movimento negro brasileiro. Tem sua sede localizada no Centro Histórico de Salvador, o Pelourinho, onde acontecem a maioria das suas apresentações. E, atualmente, tem como diretor João Jorge. Desenvolve ações de combate à discriminação social, estimula a

As lembranças pulsavam forte desde que começou a viver o avesso daquela experiência de vinte e três anos antes. O ritmo do axé deu lugar a uma marcha fúnebre, onde a galera, em vez de caminhar em procissão de alegria, andava em direção a uma máquina assustadora e mortífera. Sonhava com corpos, em uma espécie de videogame, que precisavam atravessar todos os obstáculos e matar os monstros covid para chegar do outro lado do túnel e respirar aliviados. Mas ao invés de simplesmente seguir para a próxima fase, olhavam para trás e se davam conta de que muitos não conseguiam escapar da grande máquina sufocante, encabeçada por um vírus que vestia a bandeira do Brasil como capa. Tudo o que ela queria era acordar daquele pesadelo, digno de filme de terror. Mas o real não era muito diferente.

Tentava se distrair escutando músicas mais animadas, mas elas soavam como uma afronta, uma ameaça àquela atmosfera de tanto luto e raiva. Não era respeitoso abrir a porta para a alegria, que deveria ficar suspensa até que tudo voltasse ao normal, porque agora era só o tal de novo normal, expressão que definia aquela outra forma de lidar com a vida.

“Vai começar a live da alegria! Sejam bem-vindos à minha casa, pode entrar! Empurra o sofá, minha gente, empurra a cadeira da sala!”. Foi assim que a cantora Ivete Sangalo, pijama rosa de bolinhas brancas, em plena cozinha de casa, iniciou sua live, cantando para quase quarenta milhões de espectadores.

Ela não concebeu que, diante de tanta desgraça, aquela cantora, antes tão admirada, se prontificou a fazer um show dentro do seu palácio de cristal. Quem acabou entrando pela porta foi uma raiva mega, da Ivete, do axé, dela mesma, e da nesga de alegria desautorizada que começava a brotar do seu quadril.

Eu vou atrás do trio elétrico vou  
Dançar ao negro toque do agogô  
Curtindo minha baianidade nagô ô ô ô ô

---

autoestima e o orgulho dos afro-brasileiros, defende e luta para assegurar os direitos civis e humanos das pessoas marginalizadas, na Bahia e no Brasil.

<sup>11</sup> Ilê Aiyê foi o primeiro bloco afro do Brasil, representando uma das expressões culturais do Carnaval de Salvador. Fundado em 1974 por moradores do bairro do Curuzu, Salvador, Bahia, constitui um grupo cultural que promove a expansão da cultura de origem africana no Brasil. A expressão significa, em língua iorubá, Mundo negro ou Casa de negro ou ainda Casa da Terra. Famoso por seu cortejo real, que oferece milho branco cozido e pipoca, alimentos de predileção de Oxalá, orixá da paz, e de Obaluaíê, patrono da saúde. Em seguida, uma revoada de pombas brancas anuncia a saída da Deusa do Ébano e o início do desfile de Carnaval do grupo, na subida da ladeira do Curuzu.

<sup>12</sup> Filhos de Gandhi: afoxé brasileiro fundado por estivadores portuários de Salvador no dia 18 de fevereiro de 1949. Contando com aproximadamente 10 mil integrantes, tornou-se o maior afoxé do Carnaval de Salvador, município e capital do estado da Bahia. Constituído exclusivamente por homens e inspirado nos princípios de não-violência e paz do ativista indiano Mahatma Gandhi, o bloco traz a tradição da religião de matriz africana ritmada pelo agogô nos seus cânticos de ijexá na língua iorubá. Utilizaram lençóis e toalhas brancos como fantasia, para simbolizar as vestes indianas.

Eu queria  
Que essa fantasia fosse eterna  
Quem sabe um dia  
A Paz vence a guerra  
E viver será só festejar  
Eô eô laiá  
(EVANDRO RODRIGUES, 1992)

Quando se deu conta estava pingando de suor, em uma espécie de transe que a teletransportou novamente para a praça Castro Alves naquela Salvador de 1997; a sensação de desconexão entre uma live de axé e centenas de mortos diários havia desaparecido; ao contrário, era como se houvesse uma urgência de mexer o corpo, aumentar a imunidade, viver aquela tal “felicidade se acha é em horinhas de descuido”<sup>13</sup>

Uma hora e meia pulando que nem “pipoca”<sup>14</sup>. O show deu o gás que faltava para que aquelas seis horas de gravação com a amiga em Salvador fossem decupadas, editadas, sonorizadas e finalmente transformadas em um curta metragem, onde ousou misturar às imagens daquele carnaval algumas partes das lives pandêmicas: Ivete Sangalo, Alcione, Teresa Cristina, Gal Costa, Gilberto Gil, Caetano Veloso, Milton Nascimento, Criolo, etc. Foi aperfeiçoando a coisa e trazendo ainda vídeos com depoimentos dos amigos sobre como deram conta de viver o *lockdown*. Mergulhou tanto na coisa que ficou obcecada, virava noites editando, como se trabalhasse em uma produtora de vídeo e tivesse um *deadline*. Mas o projeto tomou um corpo maior que o seu, e levou muito mais tempo do que ela imaginava para ser finalizado.

Dois anos depois, decidiu lançar o feito e, com ajuda de uns amigos, profissionalizou o filme. Lançou em uma plataforma online, com hora marcada e festinha para os mais íntimos. Para seu espanto, o vídeo viralizou: diariamente eram dezenas de mensagens menina, eu passei pela mesma coisa... seu filme animou o meu dia... como pode, com tanta desgraça acontecendo você ter coragem de fazer uma obra tão alienada... Quando leu essa, lembrou da sua postura inicial, e todo o caminho que percorreu até permitir-se alegrar e usar essa força para criar seu movimento e o filme. Mas não teve jeito, se afetou demais com as reações e diferenças. Era muito luto, descaso, dor, tristeza, raiva. Não sustentou lidar com cada opinião ou julgamento de uma forma sã.

---

<sup>13</sup>Trecho do conto Barra de Vaca, que integra o livro Tutameia de Guimarães Rosa, 1967.

<sup>14</sup>Apelido para quem não compra abadá, a roupa oficial dos blocos do carnaval de rua, e escolhe pular de bloco em bloco em fluxo catártico, tal e qual o milho que se empipoca.

Tirou o vídeo do ar e viveu uma crise de consciência. Sentiu-se parte da tão criticada *Sociedade do espetáculo*<sup>15</sup>. Olhou para a estante e lá estava tal livro, empoeirado e esburacado por traças famintas. Abriu em uma página marcada e um trecho sublinhado:

Não se pode contrapor abstratamente o espetáculo à atividade social efetiva; este desdobramento está ele próprio desdobrado. O espetáculo que inverte o real é produzido de forma que a realidade vivida acaba materialmente invadida pela contemplação do espetáculo, refazendo em si mesma a ordem espetacular pela adesão positiva. A realidade objetiva está presente nos dois lados. O alvo é passar para o lado oposto: a realidade surge no espetáculo e o espetáculo no real. Esta alienação recíproca é a essência e o sustento da sociedade existente (DEBORD, 1997, p. 16).

E ali ficou, confusa e dividida, pois sentia que a obra também falava dela mesma, a partir de um lugar verdadeiro, de um desejo legítimo de contar suas histórias e criar analogias entre um carnaval de carne e suor, exaltação de um coletivo, e uma festa de tela e solidão, individualismo que já reinava antes de qualquer pandemia, e agora se fazia a única forma de “troca” social. Não dava para comprar aquelas críticas como verdades absolutas sobre a intenção do seu filme. Aquela era sua forma de lidar com a dor, contando uma história a partir dela e partilhando sua arte com o outro. Não tinha o intuito de agradar ninguém, tampouco de se mostrar; se era ou não uma espetacularização, isso dependeria sempre dos olhos de quem visse. Para ela, aquele era um filho gestado em muitos carnavais e parido em meio ao maior descarnaval já assistido.

---

<sup>15</sup> Livro do francês Guy Debord, de 1967, sobre a espetacularização burguesa, onde as massas alienadas teriam por característica maior deixar-se guiar por imagens. O conceito, que foi amplamente discutido e utilizado na revolução de maio de 68, segue mais vivo do que nunca, tendo nas redes sociais o grande palco dos shows individuais alienantes e alienados de uma elite, detentora do poder influenciador sobre quem se distrai em um mundo paralelo.

## AmarElo<sup>16</sup>

Tirou as luvas de borracha do fundo do armário da cozinha e juntou ao kit de sobrevivência. Eram de um amarelo insuportável, daquele que dava para notar a um quilômetro de distância. Além delas, a embalagem de meio litro de álcool 70%, a máscara cirúrgica por baixo da de pano, lenços de papel, e coragem, necessária para o feito. Lembrou do Indiana Jones, seu ídolo na adolescência, e cantarolou a canção tema para ver se amenizava um pouco o temor da decisão. Não tinha estrutura para ficar em casa, por maior sentido que fizesse.

Aquela casinha o acolhia há mais de vinte anos, dentre tantas crises vividas. Era um espaço de cuidar e ser cuidado, de estudar junto, de cozinhar e trocar com os moradores, que, em um mundo de normoses, eram vistos como “menos capacitados para a vida” “transtornados”, “problemáticos”, “adoecidos”. Sempre que ele ouvia esses rótulos e opiniões, tinha vontade de rir na cara de quem dava tal veredito. Porque transtornado, problemático e adoecido era o próprio mundo ao qual eles deveriam se “encaixar”.

Nesses anos de com-vivência com cada um deles, criou amizades, chorou junto, ganhou abraço e massagem, aprendeu a fazer bolo, ensinou as canções de sua terra e aprendeu a cantar funks e sofrências que doíam a barriga de tanto rir. Teve a sorte de poder se desencaixar de todas as convenções que faziam parte de seu percurso até ali.

Os antigos amigos não entendiam o que tanto ele via naquele lugar de “gente estranha”, tão “fora da realidade”. Logo ele, tão bem-sucedido, inteligente e reconhecido na sua área. Não adiantava tentar explicar o que acontecia por lá; de verdade, sentia que a casa era mesmo só para quem desejava viver a diferença e aprender na troca. No fundo, celebrava que esses outros amigos mantivessem distância do território que abrigava agora uma nova parte da sua vida, a que fazia seus olhos brilharem, que dava tesão de estar, o lugar onde ele podia ser o que quisesse. Agora, os melhores amigos ele encontrava do lado de dentro das janelas daquela casa de portas abertas.

O cotidiano sem a casinha tinha tons cinzentos; as memórias antigas ganhavam corpo e se aboletavam em seu sofá, dentro da geladeira, invadiam até os olhos do cão.

---

<sup>16</sup> AmarElo intitula a canção, o documentário e o show do cantor e compositor Emicida, que aconteceu no Teatro Municipal de São Paulo, no fim de 2019, e seguiria em turnê pelo Brasil, mas precisou parar por conta da pandemia da covid-19. O documentário percorre e exalta a história da cultura negra no Brasil ao longo dos últimos 100 anos, entremeada com trechos do show, composto em sua maioria por negros, que aconteceu no mês de novembro, que celebra o dia da consciência negra.

A depressão, que não o visitava há alguns anos, tocou a porta todos os dias, como aqueles vendedores antigos de enciclopédia.

Diante do alarme sobre os perigos da contaminação, tentou se trancar em casa, mas não deu conta. A guerra de fora ampliava ainda mais a de dentro. Quando via seu terapeuta do outro lado da tela, emudecia e chorava. Só o ansiolítico misturado a uma taça de vinho acalmava a mente, mas a ressaca piorava a cada dia. Foi quando, depois de dois meses sem aparecer por lá, decidiu colocar aquelas luvas ridículas, se fantasiar de astronauta da devastação, e caminhar por aqueles três quarteirões desérticos até chegar ao seu QG às avessas, levando junto com ele todo o medo, culpa e consciência da gravidade de seu ato. Dentro da sua precariedade, sentia que, apesar do perigo, aquele território também lhe traria alegria.

Entrou e deu de cara com um dos rapazes, sentado naquela poltrona gigante de couro, olhos que se sobressaíam acima da máscara. Segurava com firmeza *A peste*, de Camus; melhor momento impossível para a leitura. De tão compenetrado, não notou a presença dele nem pelas luvas amarelo-insuportável. Não importava; só vê-lo ali, tranquilo e absorto em sua leitura, já lhe valia a ida até a casa.

No fundo da sala, a moça dos olhos claros varria a última parte que faltava, num ritmo descompassado. Quando o viu, largou a vassoura e foi ao seu encontro. Ele, prudente, abriu as mãos da forma mais delicada possível, e ela, mesmo dentro da sua confusão, contou os dois metros de distância em dois grandes passos que treinou para não esquecer. Os olhos e o sorriso por trás da máscara carregavam muita saudade daquele visitante com status de morador. Ele riu de volta, olhos marejados. Sim, o bom contágio era fã de carteirinha daquela residência.

Aos poucos, os outros habitantes foram chegando e celebrando aquela primeira visita, desde o início do que ainda não entendiam bem o que era. E alguém, em algum lugar, entendia? Descendo as escadas, o homem que cuidava do grupo de estudos, e era também seu terapeuta, não conteve o riso diante das luvas de borracha.

Balbuciou um “que bom que você veio”, espçou maior uma cadeira da outra, e convidou-o a sentar ao seu lado. Sentaram-se todos, sérios e mascarados; ele abriu seu kit, sprayou álcool nas mãos e em toda a superfície do assento. Abriu o livro *A lógica do sentido* na página 151, no capítulo Do Acontecimento. Curiosou, foi olhar no índice os subtítulos do capítulo: “Vigésima Primeira Série: Do Acontecimento – Verdade eterna do acontecimento – Efetuação e Contraefetuação: o ator – Os dois aspectos da

morte como acontecimento – o que significa querer o acontecimento.” Uau mil vezes. Era mesmo ali que tinham parado da última vez. Coincidência pouca é bobagem.

Que haja em todo acontecimento minha infelicidade, mas também um esplendor e um brilho que seca a infelicidade e que faz com que, desejado, o acontecimento se efetue em sua ponta mais estreitada, sob o corte de uma operação, tal é o efeito da gênese estática ou da imaculada concepção. O brilho, o esplendor do acontecimento, é o sentido. O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera (DELEUZE, 1969, p. 152).

As luvas embaralhavam o virar das páginas, o medo dificultava concentrar no texto, mas estar ali, cercado por aquela gente tão necessária e parte da sua vida, era bom, apesar da pergunta não sair da sua cabeça: Será que valia o risco? Dentro de sua casa, já não havia mais diálogos ou negociações possíveis com as paredes e os quadros, a geladeira tão cheia de nada; nem mesmo os livros empoeirados traziam algum alento para aquele homem.

Leram três vezes, como de costume, e a cada leitura, novas impressões sensíveis percorriam seu corpo. Como já dizia Gilles Deleuze, autor do livro, era muito mais sobre sentir do que sobre entender, já que não havia começo ou fim; tudo acontecia pelo meio. E foi na última leitura que o menino mais novo, mascote dos clientes moradores, ligado em rap, lembrou da canção do seu grande ídolo, Emicida, porque “tinha tudo a ver com essa parada do aqui agora”. Desatou a contar sobre AmarElo, o documentário da turnê do músico, que precisou parar por conta da pandemia. A galera pediu uma palhinha e ele empolgado, se levantou e declamou com aquela balançadinha de um lado para o outro, típica dos rappers:

Simbora que o tempo é rei  
Vive agora não há depois  
Ser tempo da paz como um cais que vigora nos maus lençóis  
É um dois um dois conjunto playboy como monge sois  
Fonte como sóis, num front sem bois, forte como nós  
Lembra a rua é nós  
Tudo, tudo, tudo, tudo que nós tem é nós  
Tudo, tudo, absolutamente tudo que nós tem é  
Tudo que nós tem é isso, uns ao outro  
Tudo o que nós tem é uns ao outro, tudo (EMICIDA, 2019).

Aplausos, u-husss, dá-lhe moleques. Por alguns minutos o agora reinou tão absoluto que ele conseguiu respirar grande e calmo, apesar de todos os pesares. Acenou de longe para cada um dos amigos e desejou saúde e sorte. As luvas amarelas foram a última imagem visível antes de virar a esquina da rua da casinha. Escondido dentro de plásticos, peças filtrantes e ensopado de álcool, ele levava de volta o medo e alguma culpa, ao mesmo tempo que um tango de Piazzola teimava em sair assoviado.

## Capítulo 2

### Nietzsche e o corpo fio condutor

Estou totalmente estupefato, maravilhado! Tenho um precursor, e que precursor! Eu não conhecia quase nada de Espinosa: que eu seja agora impelido a ele, foi um ‘ato instintivo’. Não só sua tendência geral é a mesma que a minha – fazer do conhecimento o mais potente dos afetos –, como me reencontro em cinco pontos capitais de sua doutrina; este pensador, o mais fora da norma e solitário, é-me nesses aspectos justamente o mais próximo [...] In summa: minha solidão, que, como sobre o cume de elevadas montanhas, tantas e tantas vezes tornou minha respiração difícil e me fez sangrar, é, ao menos agora, uma ‘dualidão’ (NIETZSCHE, 2009, p. 18).

Nesta carta endereçada ao amigo e teólogo Franz Overbeck, o pensador alemão Friedrich Nietzsche cita, entusiasmado, a mais nova inspiração: o filósofo Espinosa, cuja influência se faz presente em boa parte de sua obra. Uma das diferenças entre o filósofo alemão e o holandês, que o antecedeu cerca de dois séculos, era o tom provocativo e por vezes sarcástico com que se expressava. Além de uma capacidade de abarcar opiniões e julgamentos muitas vezes contraditórios, o que causava, e causa até hoje, polêmica em torno de sua obra.

Os escritos do filósofo contavam muito sua trajetória de vida, marcada por um colapso nervoso sofrido aos quarenta e quatro anos, que afastou o então professor da cadeira de filologia da Universidade da Basileia, na Suíça, e o fez seguir um caminho por diversas cidades europeias (Veneza, Gênova, Turim, Nice, Sils-Maria), buscando um clima favorável tanto para sua saúde física como para seu pensamento.

O corpo está entusiasmado: deixemos a “alma” de fora... Com frequência me podiam ver dançando; eu podia, sem sombra de cansaço, andar durante sete ou oito horas pelas montanhas. Dormia bem, ria muito — possuía robustez e paciência perfeitas (NIETZSCHE, p. 117, 118, 2003).

Nietzsche fazia uma forte crítica à diferenciação entre corpo e alma presente na tradição filosófica idealista, encabeçada por Platão, que defendia uma dualidade psicofísica e uma divisão metafísica entre o mundo do corpo, suas imperfeições e fraquezas, e o das substâncias inteligíveis, berço da verdade e da perfeição. Para Nietzsche, o corpo representa um processo dinâmico, um jogo de forças, sempre em movimento, que vai além da metafísica e do fisicalismo. Corpo como campo de embate entre os impulsos e as incessantes negociações dentro de uma totalidade orgânica. Portanto, nesta lógica, os fenômenos psíquicos vêm da fisiologia do corpo e mesmo o que se considera espiritual está ligado ao instinto. “A valorização da terra é o corolário da crítica da crença em ultramundo, em supostos mundos do além” (BARRENECHEA, 2009, p. 10).

Outra oposição às ideias espinosanas se dava ao falar de Deus. Diferente de Espinosa, que definia Deus como a substância única presente em todas as coisas do mundo real, Nietzsche afirmava a morte de Deus, pelo próprio homem, devido à falência das religiões, onde a Igreja, os ritos e a moral por trás da teologia, foram pouco a pouco se extinguindo. Já não há mais por que temer Deus, ele agora é impotente, incapaz, criado por sofrendores em busca de refúgio.

Deus está morto como a grande verdade absoluta, o pai amoroso, o ditador divino que dita leis e justifica tudo o que existe em um modo de vida, uma ética.

“Não ouvimos o barulho dos coveiros a enterrar Deus? Não sentimos o cheiro da putrefação divina? – também os deuses apodrecem! Deus está morto! Deus continua morto! E nós o matamos!” (NIETZSCHE, 2001, p. 125)

O sentido está perdido, a verdade eterna está acabada, de agora em diante é necessário encarar o caos do mundo à nossa frente, afirmar o destino em toda a sua intensidade, movido pelo campo de forças que está em constante mudança. Portanto, a compreensão nietzschiana do mundo implica aceitar que o corpo e a natureza derivam de forças que se juntam em uma vontade de potência.

Esta vontade se dá na relação, e é sempre plural, o que faz da existência uma constante luta, uma tensão em movimento, ora suave, ora violenta. “O mundo visto de dentro, o mundo determinado por seu ‘caráter inteligível’ – seria justamente ‘vontade de potência’, e nada mais” (NIETZSCHE, 2017, p. 53)

Para Nietzsche, esta vontade está presente em tudo, desde as reações químicas mais simples até à complexidade da psique humana, onde ela atua com mais força: amplia-se, supera-se e junta-se a outras vontades para ser ainda maior; o modo de ir além dos próprios limites, abrindo novos horizontes e criando outros caminhos. Vontade de potência é, portanto, a capacidade que a vontade tem de afirmar-se, e compõe o homem ativo que vai ao encontro de outras forças, e cria seus próprios valores, dando-lhes sentidos próprios. Não significa que a vontade deseja uma potência que não tem. Para Nietzsche, é exatamente o contrário: a potência é aquilo que quer na vontade, e se afirma quando diz Sim. É a alegria que provém da afirmação.

Diante disso, Nietzsche celebra a vida em todas as suas manifestações, e se apropria do conceito latim de Amor Fati como tática para encontrar força no que é trágico e feio, afirmando ainda mais o grande Sim à vida:

Amor Fati (amor ao destino): seja este, doravante, o meu amor! Não quero fazer Guerra ao que é feio. Não quero acusar, não quero nem mesmo acusar os acusadores. Que minha única negação seja desviar o olhar! E, tudo

somado e em suma: quero ser, algum dia, apenas alguém que diz Sim!  
(NIETZSCHE, 2013, p. 276)

Na pandemia, afirmar uma vontade de potência vem como necessidade e desafio, já que as forças de medo e morte se manifestam como superiores. Apropriar-se do mesmo caráter alquímico que teve Nietzsche, ao confrontar estas forças contrárias à vida e à alegria, e, mesmo assim, seguir um caminho incerto e sem garantias. Na medida em que se compreende que estas forças estão em tudo o que existe, amplia-se a possibilidade de entrar em contato com elementos que produzam vontade de potência.

Tomar o corpo como ponto de partida e fazer dele o fio condutor, eis o essencial. O corpo é um fenômeno muito mais rico e que autoriza observações mais claras. A crença no corpo é bem melhor estabelecida do que a crença no espírito (NIETZSCHE, 2013, p. 589).

O corpo na filosofia de Nietzsche passa a ser visto como motivo de orgulho. Trata-se agora da “possessão mais segura”, a maior certeza do existir. Na obra *Assim Falou Zaratustra*, o corpo recebe algumas denominações, representando o mais primário do ser humano: “Eu sou todo corpo [...]. O corpo é uma grande razão, uma multiplicidade com um único sentido, uma guerra e uma paz, um rebanho e um pastor” (NIETZSCHE, 2002, p. 47)

A grande saúde proposta pelo filósofo bebe da fonte do *Conatus* de Espinosa, isto é, pulsão de vida, aumento de potência, modo de viver que Nietzsche se empenhou em praticar durante toda a sua existência e pôde alcançar em muitos momentos, percorrendo uma trajetória de adoecimento, e se empenhado com unhas e dentes por seu restabelecimento. Coloca-se como doente e terapeuta, pleno de um desejo voraz pela vida.

Nós, os novos, sem nome, de difícil compreensão, nós, rebentos prematuros de um futuro ainda não provado, nós necessitamos, para um novo fim, também de um novo meio, ou seja, de uma nova saúde, mais forte, alerta, alegre, firme, audaz que todas as saúdes até agora. Aquele cuja alma anseia haver experimentado o inteiro compasso dos valores e desejos até hoje existentes e haver navegado as praias todas desse “Mediterrâneo” ideal, aquele que quer, mediante as aventuras da vivência mais sua, saber como sente um descobridor e conquistador do ideal, e também um artista, um santo, um legislador, um sábio, um erudito, um devoto, um adivinho, um divino excêntrico de outrora: para isso necessita mais e antes de tudo uma coisa, a grande saúde - uma tal que não apenas se tem, mas constantemente se adquire e é preciso adquirir, pois sempre de novo se abandona e é preciso abandonar... (NIETZSCHE, 2005, p. 286)

Nietzsche se autointitulava como filósofo do martelo, alguém que se propunha quebrar todas as estruturas morais e todas as ideias baseadas na razão, a começar pela filosofia de Platão, defensora da existência de um mundo de ideias ligado à alma, onde o corpo aparecia como causador de todos os males.

O martelo chegava então com o intuito de destruir todos os pensamentos de separação entre corpo e alma, e esculpir, moldar um novo corpo, potente e disposto a descobrir novos sentidos, múltiplos; e artista da própria vida. Um movimento criador de uma ética para si e para o outro. Através de uma nova razão corporal, dinâmica e incerta, surgem então novas possibilidades de vivência onde ética e estética se entrelaçam na afirmação de cada ser enquanto sua própria obra de arte.

Em plena pandemia, o conceito de vida como obra de arte se aplica como uma possível saída diante de uma realidade pesada e entristecida. Arte que vai além do que faz um artista por ofício; em suma, a arte de ver a si mesmo e ao mundo através de novas lentes, conquistar seus próprios temores, e aprender a dançar no ritmo da vida e consigo mesmo, para enfrentar o sofrimento humano.

Vontade de potência e vida como obra de arte, portanto, são conceitos inerentes aos contos deste capítulo, principalmente os que envolvem personagens solitários e vulneráveis física e emocionalmente, caráter que também compunha parte da obra de Nietzsche. O que aproxima os contos aos conceitos é o fato de que os personagens, apesar de todo adoecimento e desafios, encontram desvios em direção à vida.

*Burro sem rabo, Corpo-casa-arte, Oxímetro, Dançando no escuro e Silêncio por favor* são histórias vividas na rua, em uma quitinete, dentro de um corpo contaminado pelo vírus, da realidade de quem não enxerga e chegando ao corpo que emudece; todas elas têm em comum seu processo solitário, e como cada personagem pôde se apropriar de suas forças.

## Burro sem rabo<sup>17</sup>

Escutai-me, antes, meus irmãos, escutai a voz do corpo são; é uma voz mais honesta e mais pura. De modo mais honesto e mais puro fala o corpo são, perfeito, quadrado; e fala do sentido da terra  
(NIETZSCHE, 2015, p. 30).

Betume foi quem mais sentiu a mudança drástica. Fuçava as portas de ferro da padaria onde costumava almoçar todos os dias. Os fregueses assíduos deixavam, de propósito, restos de comida para aquele vira-lata tão simpático e pequenino, rabo enrolado para cima, o que lhe dava um charme sofisticado. Além dele tinha a Baronesa e o Bobó, menos diplomáticos, que costumavam brigar por qualquer comida que aparecesse. O dono, apelidado de burro-sem-rabo, cuidava melhor dos cães do que de si mesmo, o que fazia todo sentido, já que o único afeto e chamego que recebia era dos seus três mosqueteiros, como costumava chamá-los. E aquela fofice canina conquistava as pessoas, que se compadeciam e acabavam ajudando o homem. Estranho era ver que os moradores de rua que tinham crianças recebiam menos ajuda do que os cachorritos, confirmando a máxima prefiro bicho a gente, afinal, dar dinheiro para as crianças só vai deixá-las acomodadas a não trabalharem igual aos pais, cachorro não tem como trabalhar, dá pena, pensavam alguns passantes daquela Nossa Senhora de Copacabana de cada dia.

Naquele dia não tinha resto de comida, nem passante, nem as colegas com seus filhinhos moço me ajuda a comprar uma quentinha. Só ele, teimoso que era, puxando sua carroça com Betume em cima, deitadinho no cobertor, pose de rei, enquanto Baronesa e Bobó seguiam ao lado, amarrados no gradeado de madeira. Fácil sacar quem era o filho predileto.

Cinco anos nessa vida de catar papel, papelão, latinha e o que viesse pela frente e servisse para alguma coisa. Depois que perdeu o trabalho de operário de construção num condomínio em Jacarepaguá, cansou de ralar que nem jumento e gastou o último salário comprando uma carroça e se transformando em um burro-sem-rabo. Puxava seu veículo homônimo com força, dignidade e alegria de trabalhar para si mesmo. Adorava

---

<sup>17</sup> Define-se por burro-sem-rabo um carrinho de mão, provido de duas rodas e dois varais, usado para transporte de coisas diversas, na maioria das vezes papelão e outros materiais recicláveis. O mesmo nome é dado também para a pessoa que puxa o veículo, e vende os materiais por um valor baixíssimo aos donos dos depósitos de reciclagem. Este segmento social sofreu graves impactos durante a pandemia, consequentes da precariedade laboral, já que sempre colocavam em risco sua saúde para garantir a sobrevivência. E, para agravar a situação, os depósitos de reciclagem fecharam durante o *lockdown*, tornando praticamente impossível a venda dos materiais coletados e a geração de renda por parte desses catadores. Os burros-sem-rabo já inspiraram uma crônica de Fernando Sabino (1986): “E lá vai ele, puxando sua carroça, no cumprimento da humilde profissão que lhe vale o injusto designativo de burro-sem-rabo. Não tendo mais nada a fazer, vou atrás, cioso das coisas que ele carrega, as minhas coisas, parte de minha vida”... (Sabino, *Burro-sem-rabo*, 1986)

contar sobre sua metamorfose de jumento em burro e ainda inventava que, no dia da compra, jogou no burro e ganhou um troco bom.

Quando chegou na sua mão, o veículo estava bem xexelento, com madeira frouxa, sem pintura, e uma das rodas volta e meia emperrava feio. Comprou uma tinta vermelha, ajeitou uma placa de carro que achou na rua e levou uma tarde reformando seu burrego, apelido carinhoso que deu para aquela máquina carregadora de um tanto de tudo, desde reciclado até entulho e algumas mudanças com poucos móveis. Teve um dia que cismou de levar um sofá gigante de uma senhorinha que lhe prometeu uma grana boa, e logo que acabou de amarrar o trambolho, ouviu um creque no fundo da carroça. Tirou o móvel às pressas, se desculpou com a madame e saiu xingando e chutando seu burrego pobre coitado, que não aguentou carregar o sofazão.

O que garantia um troco certo eram os papelões; mas precisava catar no mínimo uns quarenta quilos por dia e deixar no depósito do português. Já fazia tempo que o preço do quilo tinha baixado quase a metade. Antes, em um dia, ganhava para comprar a comida da semana; agora só dava para cinco quilos de arroz. O aluguel, pagava com a coleta de latinha, quase quatro reais o quilo, uma fortuna perto dos outros materiais.

Acabava dormindo na carroça mesmo; não era fácil voltar todo dia de Copacabana para a Cidade de Deus, onde morava com a esposa e os três filhos. E ainda havia o risco de roubarem seu burrego. Dormir nele com a cachorrada era garantia que ninguém chegaria perto de seu ganha-pão, até porque Baronesa mostrava os dentes e rosnava grande para quem ousasse se aproximar.

Ainda mais agora, com essas ruas todas vazias, ônibus era coisa rara. Nem lanchonete, nem loja, só os mercados grandes abriam; três quilos de papel por dia já era muito. Mas aonde iria trocar por dinheiro? A fábrica do portuga tinha fechado sem data para reabrir... A mulher já tava indócil, se não fosse os vizinhos para dividir a comida, a família não ia dar conta. Essa tal ajuda emergencial era difícil que só; não tinha documento nem celular, requisitos necessários para conseguir a grana. Porra, se eu não tenho dinheiro, como vou ter celular? Governo de merda esse...

Ia e vinha pela avenida procurando nem sabia mais o quê: em vez dos reciclados, começou a apelar para o lixo orgânico, e assim foi traçando restos de pizza, comida, frutas e verduras passadas, que vinham dos que não saíam de casa. Alguns mercados, mais generosos, disponibilizavam as comidas que estragaram no dia seguinte; teve uma vez que deu sorte e até um frangão inteiro veio parar na sua cumbuca, para a alegria do Betume, que, sem pestanejar, ganhou os melhores pedaços.

Um dia, apareceu um moço de crachá que tentou convencê-lo a ir para um abrigo, onde teria cama, comida e mais proteção contra o vírus, já que boa parte dos alimentos que catava no lixo poderia estar contaminada. Bateu o pé e disse que não saía dali por nada, não ia deixar sua carroça e seus bichinhos de jeito nenhum, e que se tivesse que morrer, ia morrer mesmo em qualquer lugar. Alguns colegas carroceiros e moradores de rua aceitaram a proposta da nova casa coletiva, e outros debandaram para a Presidente Vargas, pois era lá que se concentravam todas as ações de distribuição de comida e artigos de higiene. Nada o fazia abandonar aquela vidinha que já tinha tomado gosto.

Começou a receber doações dos moradores dos prédios que o viam zanzando pela rua: quentinhas, sanduíches, frutas; teve até um porteiro que dava todo dia um pouco de café da sua garrafa térmica velha de guerra. O mais surpreendente mesmo foi um morador solitário do andar térreo que, ao ver o homem passando com a sua carroça, colocou uma latinha de cerveja bem gelada no parapeito da janela toda gradeada; toma uma, amigo, pra dar uma aliviada nessa merda toda.

Olhou para o senhorzinho do lado de dentro daquela janela cela, devia ter seus setenta e poucos anos, pálido, olhar triste, cara de quem não tinha ninguém na vida; deu uma bizoiada na sala breu, imunda. Teve pena. Agradeceu a cerveja e seguiu puxando seu burrinho sem rabo. Mudou a rota e decidiu parar um pouco na Avenida Atlântica. Em todo aquele tempo trabalhando por aquela área, nunca tinha visto a praia tão vazia, só meia dúzia de gato pingado caminhando, e ele sentado em um dos bancos do calçadão. Latinha na mão, olho no mar, brindou aquele momento e sentiu o sol na pele curtida. Último gole, virou a cerveja como se quisesse sorver até a última gotinha daquele presente divino. Mais uma latinha para o seu saco.

## Corpo-casa-arte

Como fenômeno estético, a existência é sempre, para nós, suportável ainda (...) Por meio da arte, nos são dados olhos e mãos e, sobretudo, boa consciência, para poder fazer de nós mesmos um tal fenômeno (NIETZSCHE, 2005, p. 107).

Não aguento mais essa música alta acho que é sertanejo universitário, nunca entendi esse nome... meus alunos universitários nem gostam dessa porra vou interfonar mas não sei nem de que apartamento tá vindo, vou pegar o tampão de ouvido... tem uma rachadura na parede não pode ser outra infiltração... merda, só faltava isso... sem força nem pra olhar mais de perto... onze horas e eu ainda não levantei... meu deus quando isso vai terminar? sete dias tossindo que nem cachorro e cansada com falta de ar ainda bem que febre eu não tive e dormir também tá foda...até que o vinho tava ajudando mas vinho baixa a imunidade... melhor não... mas hoje vou ter que tomar rivotril... ai a leca tá quase uma semana sem passear vou pedir pro meu moleque vir aqui pegar a bichinha pra dar uma volta...cachorro não passa covid né? caralho, nem meu filho eu posso abraçar... doença desgraçada será que vamos todos morrer trancados dentro de casa? só cachorro e gato vai viver ah e barata barata sempre sobrevive a tudo... puta que pariu, eu queria transar pra esquecer um pouco, sair de mim... quem sabe encontro alguém com covid, deviam criar um tinder covid... sua louca você não consegue nem tomar banho direito e tá pensando em transar...mas que ia ser bom ia tô murcha sem abraço sem beijo sem ar será que eu vou ser entubada? não, vou rezar... nem lembro mais do pai nosso ave maria lembro... adianta nada rezar...

O turbilhão de pensamentos dá lugar à cena em que o cavaleiro Antonius se encontra com ela, vestes negras e o rosto pintado de branco, semblante amistoso e simpático. Ela se diz pronta para levá-lo, e ele, tentando driblar a visitante, propõe uma partida de xadrez. De pronto, o desafio é aceito. Se ele perde, precisará seguir viagem com sua nova “amiga”. E foi assim que Antonius se entregou aos braços da Morte.

E lá foi ela fuxicar seus DVDs antigos para reavivar na memória a cena e todo o filme de Ingmar Bergman. Entrou numa que se assistisse ao *Sétimo Selo* estaria mais preparada para a morte, caso esta quisesse visitá-la também. Devorou a obra-prima e se emocionou quando percebeu que a história se passava no século XIV, em meio à pandemia da peste negra, e repleta de reflexões sobre vida e morte. Quem sabe assim ela pudesse tornar mais serena a visita daquela entidade tão temida quanto certa?

No filme, o cavaleiro Antonius busca sentido na sua existência e tem a metafísica como grande aliada; sua crença em Deus ajudou a olhar a finitude como uma

passagem para uma dimensão transcendental, o que lhe trouxe algum conforto. Enquanto isso, Jons, seu escudeiro, apontava na direção contrária, encarando a vida como algo sem sentido; uma espécie de Nietzsche da Idade Média. Para ele, a morte não era uma questão pois representava apenas a certeza do nada; o importante era afirmar a vida como um grande fluxo de forças, e aproveitar tudo que ela podia oferecer.

Para lidar com o desalento produzido pela morte, surge uma trupe de teatro mambembe, manifestando toda a potência de vida que a arte representa, onde o sexo, a luz, a festa e a alegria se fazem presentes. Enquanto isso, outros personagens, tal e qual Antonius, se entregavam a experiências religiosas profundas e extasiantes, visões e vislumbres, a caminho da transcendência divina.

Impasse sobre as duas perspectivas, artística e religiosa. Quem seria sua companhia caso estes fossem os últimos dias de sua existência? Deus, as orações e todo o conforto que acreditar em outra vida pudesse lhe trazer, ou a arte com todos os seus matizes, sombras e luzes, como um grande salto no escuro sem muitas garantias, algo que viesse ao mundo a partir de suas vísceras?

Foi até o quarto que era do filho e agora abrigava suas tranqueiras. Desencavou pastas e pastas de recortes, tintas e canetinhas hidrocor, da época em que dava aula de educação artística. Pegou uma pilha de folhas de papelão, sentou-se no chão e espalhou o material.

E foi assim que surgiu o tarô da quarentena, um oráculo de cartas-colagem-arquétipos das impressões sensíveis vividas por aquele corpo: medo, alegria, dor, tristeza, saudade, força, desespero, raiva, angústia, fraqueza, calma, ansiedade, confiança... Quarenta cartas encabeçadas pela carta da morte e fechando com a vida, em um sentido oposto; uma aposta para afirmar que iria sair dessa.

Naqueles cinco dias dedicados à produção do oráculo pandêmico, ela sentiu o apetite voltar, os passos já não se arrastavam pela casa e deu até vontade de colocar um Nelson Sargento e sambar na sala:

Samba  
Agoniza mas não morre  
Alguém sempre te socorre  
Antes do suspiro derradeiro  
Samba  
Negro, forte, destemido  
Foi duramente perseguido  
Na esquina, no botequim, no terreiro  
Samba  
Inocente, pé-no-chão  
A fidalguia do salão  
Te abraçou, te envolveu

Mudaram toda a tua estrutura  
Te impuseram outra cultura  
E você nem percebeu  
(SARGENTO, 1978)

Olhou para a parede branca recém-pintada, pegou a escada e, sentindo-se uma criança arteira, subiu e começou a colar carta por carta.

“Arte boa emagrece”, lembrou da amiga figura que, quando estava ansiosa prestes a atacar a geladeira, saía em disparada para algum museu, cinema, teatro, show, o que quer que fosse; o corpo entrava em outro registro, nutrido e satisfeito com informação intra porosa. Arte tinha disso, um tal de se fazer outrar no artista, do olho ver diferente até sentir cheiro e gosto, do som se misturar ao sangue e bombear oxigênio no organismo.

Já respirava mais espaçado. “Senhor Doutor Diretor Bergman” não imaginava que *O sétimo selo* funcionaria como respirador para aquela mulher adoecida por um vírus mistério, pioneira dos infectados em escala inimaginável naquele março de 2020.

## Oxímetro

Nove e pouco da manhã. Mais um dia-sauna-a-vapor de um verão que só deu as caras após um mês de seu anúncio. Convalescente, suando frio, olha o sol pela janela, daquele décimo quinto andar, sem poder senti-lo na pele. Tem céu azul daquele azul que alivia o quente, tem Pão de Açúcar (entrou numa de contar quantos beijos um bonde dava no outro), mais à frente à favela Júlio Otoni, que mistura barracos e casas chiquetas; um coabitar, que convida e assusta na diferença: o rico que oprime o pobre que “ameaça” o rico que “acolhe” o pobre que depende do rico que depende do pobre. Convive-se (nada) democraticamente. Das tantas muitas riodejaneirices.

Atrás, o Morro dos Prazeres, que apesar de remeter a um certo hedonismo, ironicamente, teve seu nome inspirado na freira Maria dos Prazeres, que nos anos cinquenta frequentava o local e fazia orações para os moradores. Do lado oposto, o Corcovado o Redentor que lindo, com a sua literal cara de paisagem, apinhando ao redor aquela gente de longe que se aboleta em filas descomunais e tira foto que vira pratinho de parede. O lance é garantir a *selfie* instagramável; o resto, se der deu. Abaixo do moço estátua braços abertos, a favela Cerro-Corá, pequenina, mas nem por isso menos orgulhosa dos projetos sustentáveis que ganharam até museu. Vez em quando tem tiro para lembrar que paz é coisa sem ser.

Agora, sabia disso tudo de cada mundo que a janela via. Na falta do que fazer, *googlou* e aprendeu. Porque a janela é mesmo vontade da casa virar mundo. Olhando para baixo, driblava a vertigem; gente miúda playmobil com seus cães, carros e ônibus e carros e motos e carros engarrafados e ultrapassados por ciclistas zuretas sem espaço para transitar.

Eita cidade sedutora, apaixonante e abusiva, incansável na arte de produzir estados de amor e ódio, encanto e raiva, medo e alegria, já que esse samba é só porque gosto de quem gosta deste céu desse mar dessa gente feliz, mas vamos fugir deste lugar baby porque eu quero mesmo é uma casa no campo.

Em pleno janeiro de 22, em um dos 780 apartamentos do edifício não à toa apelidado de Favelão, um corpo respira fundo ao fim do ciclo covidiano, apesar da tosse persistente. Já são dez dias de clausura em uma quitinete micro. Mais precisamente 14.400 minutos, que, divididos pelos 23m<sup>2</sup> quadrados, 626 minutos por m<sup>2</sup>. Se a conta fosse feita antes, seria mais fácil organizar o muito tempo ocioso em um estudo detalhado sobre cada pedacinho daquele apartamento que era só livros, roupas espalhadas em uma arara troncha, um sofá vinho encardido grudado à mesa de fórmica

com as duas cadeiras de alumínio, e o compacto bancada - fogãozinho duas bocas - pia - armário, com painéis penduradas na parede. Ar, artigo de luxo naqueles dias, era bem pouco. No banheiro, a máquina de lavar disputando espaço com a privada e o mini box, azulejo velho vintage, túnel do tempo pros anos 70, quando o Favelão se ergueu.

Só que aquelas 240 horas não deram em estudo minucioso, ou qualquer outro tipo de distração que de verdade o distraísse do medo de morrer. Apesar do terror que era covidar, a coisa agora estava menos assustadora que no início. Afinal, a variante Ômicron mais a vacina mais as novas informações sobre os cuidados, eram outras da covid de dois anos antes, que acreditava-se ser um monstro onipresente em superfícies, compras e todo o entorno visto e não visto. Parecia que simplesmente olhar o outro já transmitia a doença.

O medo agora era de morrer de solidão, já que antes daqueles dez dias, o corpo, contaminado e isolado, estava há quase dois anos trancado em si e em seus pensamentos obsessivos sobre tudo e todos, da vizinha evangélica ao entregador do mercado, do porteiro sem máscara à criança que olhava sem piscar no eterno um minuto dentro do elevador até o décimo quinto andar. Dentro da cabeça, um tique-taque ininterrupto, como que anunciando seus últimos dias, horas, minutos dentro daquele cubículo.

Quando estavam todos no mesmo barco do #fiqueemcasa, e o desespero do contágio era vizinho de porta do Favelão, o corpo só queria mesmo não receber a morte via delivery. Mas agora, o pior já era passado, a vacina já estava no braço e o desejo não era mais fugir do vírus; queria mesmo fugir daquele *looping* de pensamentos desesperados. Naqueles dez dias, percebeu que se aproximar da janela não era mais viajar no visual; por agora o que vinha era vislumbrar a forma mais eficaz para parar de pensar de vez.

Só que “existirmos a que será que se destina, pois quando tu me deste a rosa pequenina” (Veloso, 1979) saiu da caixinha de som do vizinho ao lado, gostador de música boa. E assim, pouco a pouco, foi lembrando que lembrava da letra de *Cajuína*. Cantarolou baixinho, lagrimou, e mais uma vez *googlou* o resto da canção para cantar tudo. Lembrou da história da música, presente de Caetano para o pai de Torquato Neto, após o filho de vinte e oito anos ter desistido da vida. Respirou fundo e lembrou de medir a saturação no oxímetro: 99, melhor impossível. Respirou mais uma vez e botou para tocar do início o disco vinil *Cinema Transcendental*, na sua vitrola relíquia, empoeirada debaixo da estante. E quando chegou a vez da canção *Badauê*, bateu palmas, e os 23m<sup>2</sup> viraram pista de dança. Não estava mais só.

## **Dançando no escuro**<sup>18</sup>

Já tinha tempo que ela não esbarrava nos móveis ou tropeçava nos degraus; desde que perdera a visão, aos oito, foi desenvolvendo uma percepção espacial ultrassônica, digna daqueles filmes onde os personagens passam por modificações cerebrais que nos lembravam do quão o “ser humano é ridículo, limitado, e só usa dez por cento de sua cabeça animal” (SEIXAS, 1973). Gostava dessa parte, mas o refrão era um hino que gritava desde a adolescência: “eu que não me sento no trono de um apartamento com a boca escancarada cheia de dentes, esperando a morte chegar...” Brado que espantava qualquer desistência ou estagnação que uma cegueira pudesse causar. Pelo contrário, nenhum empecilho para morar sozinha, pegar ônibus, estudar dança e, na aventura mais aventurada, subir o pico da Bandeira, dando um banho na galera que enxergava, mas não via...porque ver ver, veja só, não era somente visão; percebia com o tanto de cheiro e tato que apurou durante todo esse tempo. Paladar, nem se fala.

O gosto do bolo quentinho da moça da escola de dança vinha depois do cheiro que vinte minutos antes se anunciava pelo som da batedeira finalizando a massa antes do forno. Tudo tão imperceptível aos seres videntes que, distraídos com os estímulos reais e virtuais, não tinham mais espaço possível para percepções extravisuais. Foi nessa escola que se formou como bailarina contemporânea e que, alguns anos depois, tornou-se professora de dança.

Dali, um pulo para apresentar programas de tv sobre inclusão e firmar a carreira de atriz. Seu olhar para a cegueira nunca a fez vítima, na real o que ela queria mesmo era viver, e parece que o aguçar dos sentidos convidava a moça a uma viagem no escuro de si. Tinha dia inspirado que ela brincava de ser Bjork naquele filme *Dançando no Escuro*; onde a personagem dançava e cantava ao som das máquinas da fábrica onde trabalhava. Nessas viagens musicais, vivia uma epifania sonora e cantante.

Transpunha o filme para um batucar de panelas e criava seus ritmos ao som da máquina de lavar e do aspirador. A casa era completamente estruturada para ela se virar sozinha, e, na sua teimosia de não ter ninguém para a faxina, limpava tudo. O marido

---

<sup>18</sup> Dançando no escuro intitula o filme de Lars Von Trier (2000), onde Selma (representada pela cantora Bjork) é uma imigrante tcheca e mãe solteira que trabalha em uma fábrica no interior dos Estados Unidos. A mulher está perdendo a visão e o que a salva é a paixão pela música, especialmente os musicais clássicos de Hollywood. Para abstrair da realidade cinza, ela canta e dança, criando cenas e partituras a partir dos sons das máquinas da fábrica. O delírio da personagem pode ser visto como uma linha de fuga e uma forma de viver o conceito de vida como obra de arte, produzindo alegria e sentido àquele mundo de sombra e concreto.

até se dispunha a ajudar, mas ela alegava que a limpeza fazia parte do seu método de autonomia. Quando recebia visitas, pedia um confere para ver se tava tudo tinindo, e, quase sempre, ganhava nota dez. Quem, de início, a via com pena, acabava mesmo pedindo conselhos de bem viver àquela que um dia decidiu ser mãe.

Tomar conta do filho de três anos tinha seus desafios, afinal ele já corria como louco por todos os lugares, mexia nas coisas e fazia das suas. Acionava o sexto sentido da maternagem e seus instintos, e se guiava pelo som dos passinhos corridos e da gargalhada gostosa que só criança sabe dar.

E lá estavam ela e o ele, março de 2020, brincando de inventar letra e música para o menino bater o prato: *o brócolis pediu pra entrar pelo bocado, e a cenoura quis ir junto pra fazer companhia, e ver de perto a digestão*. O marido descrevia cada detalhe do rosto e do corpo daquela pessoinha que não parava de mudar e crescer, e ela tocava, parte por parte, conforme ouvia os pormenores sobre “o menino mais lindo desse mundo”.

Era assim com os alunos de dança. Pedia permissão para tocar em cada um deles: quadril, pernas, braços, costas, cabeça, abdômen e, conforme se movimentavam, investigava as conexões entre ossos e músculos, nervos, articulações, enquanto percorria e sentia as texturas das peles e os cheiros de cada um, a ponto de perceber as presenças enquanto ainda estavam longe. “O que houve que você tá meio borocoxô hoje?”; intrigava com aquela espécie de adivinhação sensitiva.

Mas às vezes, o escuro do externo se misturava ao de dentro; dava saudade de enxergar. Lembrava nitidamente da alegria que sentiu quando foi assistir *ET* no cinema. Pedia para a mãe levá-la todas as semanas. Com o tempo, a tela parecia escurecer mais e mais; depois veio a entender que estava perdendo a visão aos poucos. Da última vez que foi ao cinema, pressentiu que aquela seria sua despedida da sala escura. Alguns anos depois, voltou a ser cinéfila, indo quase sempre acompanhada de uma amiga que acabou virou audiodescritora profissional.

Nos dias que se seguiram a partir daquele meio de março, ela perdeu o apetite e aquela capacidade de reconhecer comida, bicho e gente pelo cheiro. Mas não era covid, era tristeza mesmo. A única coisa que lhe dava prazer era escutar música em alto e bom som, gritando em canto aquela raiva sem fim. Seu coterapeuta favorito era Belchior: “Eu não estou interessado em nenhuma teoria, em nenhuma fantasia nem no algo mais, minha alucinação é suportar o dia a dia, e meu delírio a experiência com coisas reais”(BELCHIOR, 1976).

Decidiu parar seu trabalho de professora por um tempo, até entender como procederia as aulas com aquele grupo que significava tanto para ela. Apesar da resistência, decidiu marcar um encontro online. Começou pedindo para cada um descrever detalhadamente, das roupas ao humor do dia, e se deixou lagrimar por não conseguir vê-los através das mãos que atravessavam pele e chegavam às vísceras.

À medida que ia aprimorando os encontros virtuais, propôs aulas mais descontraídas, convocando a participação dos maridos e filhos nas atividades, e se empolgou organizando uma festa surpresa de aniversário para uma das alunas, onde cada um criou uma mesa de comes e bebes e celebrou junto.

Na semana seguinte, um deles tomou a palavra. Cego, também sentia uma espécie de morte das percepções dos outros sentidos. Morava só, mas não tinha toda a autonomia que ela conquistara. Desde que começou o *lockdown*, perdeu os cuidados da diarista que o ajudava todos os dias a escolher roupas, fazer comida, limpar a casa, guardar as compras e ajeitar o espaço para que soubesse onde cada coisa ficava. Os vizinhos não podiam se aproximar para apoiá-lo e ele precisou se virar. A necessidade trouxe de volta o tato e o cheiro para o preparo do seu primeiro arroz com lentilha que, segundo ele, ficou bem bom.

Dali em diante se empolgou e até bolo decidiu fazer: solou um pouquinho, mas deu para o gasto, contou rindo. Faxinar, o maior desafio de todos, foi se tornando um prazer depois que convocou Bach, Zeca Pagodinho, Nina Simone e mais uma galera para dar uma força na trilha sonora e na coreografia que ia desde um valsar com a vassoura até um engatinhar sacolejante esfregando o chão. Momentos que davam uma amenizada na paranoia de contrair o vírus, perder olfato e paladar e ficar meio destrambelhado somente com dois sentidos.

Depois de contar toda a rotina que foi criando, enquanto sentia seus pés no chão, no contato firme que só a gravidade dava, ele sentou-se em suspiro. Pouco a pouco, os colegas começaram a se manifestar, emocionados com o homem de meia idade, solitário, de voz doce e melodiosa. Ganhou aplausos e sorrisos largos. Uma das alunas, que se dizia um zero à esquerda na cozinha, pediu a receita do arroz com lentilha, caramba, fiquei com água na boca, me passa por áudio, quero ver se faço pro jantar.

Decidiram então que, na aula seguinte, escolheriam alguma receita para cozinhar e comer juntos. Os mais preguiçosos e menos aptos para a arte confessaram que iam pedir delivery mesmo. Os risos vieram e as propostas se desdobraram em saraus de música e poesia. Teve um, mais extrovertido que começou a dançar, os outros também

foram se empolgando, e foi inaugurado o momento dança descrição, onde cada um contava como se movia, meu quadril pende ligeiramente para a direita enquanto faço uma rotação do pescoço e dobro o joelho esquerdo, rebolo loucamente estilo morena do Tchan, valseio com minha almofada em passos largos depois de afastar a mesa, as cadeiras e o sofá para ganhar mais espaço. Quanto mais detalhes ouvia, mais a professora conseguia adentrar nas casas e corpos daqueles alunos cheios de desejo de seguir a nova experiência virtual.

Enquanto isso, o menino macaqueava e se pendurava em suas costas. Um dia, numa animação só, sem ela se aperceber, ele entrou no meio da aula, se aproximou da câmera e cantou gritando a musiquinha antiga que o pai ensinou, lá de quando este era criança:

Rebola pai, mãe filha  
Eu também sou da família  
também quero rebolar  
um pouquinho de coca cola  
um pouquinho de guaraná,  
três meninos na escola aprendendo o beabá  
(DOMÍNIO PÚBLICO)

Aula dada, suspiro grande de até quando vai durar eu aqui e o mundo lá? Juntou as palmas das mãos, encostou no rosto como quem reza forte. Na cabeça, as mãozinhas do filho em um cafuné coçadinho. Apertou aquele corpinho em um abraço de medo e alívio. Lá fora, Roberto Carlos cantava altíssimo, que tava em paz com a vida e o que ela lhe trazia. Abriu a janela, e o som entrou com vontade ocupando a sala. O marido foi olhar e não acreditou quando viu aquele carro de som parado no meio da rua, cheio de penduricalhos e laçarotes e bolas de aniversário. Os vizinhos mais revoltados ameaçavam chamar a polícia, enquanto outros constrangiam-se com a cara estupefata da mulher aniversariante que apareceu na janela, sem saber se ria ou chorava.

## Silêncio, por favor<sup>19</sup>

Nenhum som teme o silêncio que o extingue e não há silêncio que não seja grávido de som.” (CAGE, 1961, p. 134)

O senhor sabe o que o silêncio é? É a gente mesmo, demais (ROSA, 2020, p. 371).

A boca emudeceu. Só abria para pedir as compras pelo telefone e falar com a mãe dia sim dia não. Ela, que já tinha um quê de ermitoa, aproveitou o ensejo para exercer um silêncio digno de retiro espiritual onde a comunicação se fazia somente em mantras e orações. Mas metafísica não fazia parte do seu dicionário; a injeção de filosofia a convencia cada vez mais que a vida era um campo de forças ativas e reativas, que culminavam no extraordinário do instante. E lá ia ela procurar nos livros alguma palavra potente, mas acabava brigando com esses pensantes loucos ah Nietzsche, que beleza esse seu olhar tão vívido, mas de extraordinário por agora só mesmo o tanto de gente morrendo de morte matada por uma força invisível que me trancou por fora e por dentro.

Ultimamente tudo que vivia fazia parte de uma rotina interminável que ia desde acordar e ler o número de óbitos do dia anterior, curiosidade irresistível e aterrorizante, até lavar minuciosamente as compras que chegavam semanalmente. Método era seu sobrenome, e, naquele dia, decidiu arrumar tudo o que via pela frente: armários do quarto e da cozinha, despensa, quartinho de entulho, bibelôs da sala, plantas, quadros. Não demorou muito para a faxina entrar na lista de afazeres que criou e imantou na geladeira. O prazer de ticar os itens produzia pequenas doses de endorfina naquela mulher que cogitou virar *personal organizer*, mas desistiu porque tinha um desconforto enorme em tocar nos objetos particulares de outras pessoas. Na verdade, o que temia mesmo era abrir a gaveta da sua intimidade; o maior risco de todos.

Na última vez que isso aconteceu, sobrou-lhe pouquíssimo. Saiu em desespero, pegou um táxi direto para a casa da mãe. Não dava mais para seguir dormindo com alguém que lhe despertava asco. Ele não tinha ideia das sensações que lhe acometiam quando ela se deitava e sentia seu cheiro. Como foi que aquele homem, sua grande paixão, se tornou *persona non grata* sem nenhuma razão aparente? Os sonhos chegavam como pistas, trazendo cenas antigas e reais do tio sorridente e bonachão que acariciava seus quase seios de menina de doze anos, e a sentava no colo com um olhar diferente, que lhe dava medo e curiosidade. Até que o sonho pesadelou mais; a face do tio deu para se misturar à do companheiro. Acordava assustada e quando se dava conta

---

<sup>19</sup>*Silêncio, por favor* é a frase que inicia a canção *Para ver as meninas*, composta por Paulinho da Viola para o álbum *Paulinho da Viola álbum 1*, São Paulo: Odeon, 1971.

do homem dormindo ao seu lado, confundia-se, e fugia para o banheiro em pura angústia.

Quando decidiu separar, não conseguia explicar o que tampouco entendia; tem muita coisa em mim que preciso processar, não é você sou eu, clichê máximo que não deixava de fazer sentido. Pegou o necessário para uma semana fora, e a cada dia levava mais um pouco das suas coisas, poucas, já que a casa era dele. Lacrou a última caixa, fechou a porta com força, e emperrou de vez a gaveta da intimidade. Ficou um tempo na mãe, e logo que pôde, alugou um apartamento em Botafogo, dois meses antes do anúncio do *lockdown*. #fiqueemcasa só confirmou e autorizou fechar com vontade o cadeado *Alcatraz* de si.

Começou a pedir as compras e as refeições pelos aplicativos e passou a responder à mãe somente por texto, criando para si um mundo sem fala. Até as notícias ela lia pela internet; não queria escutar os jornalistas. Filmes não eram bem-vindos porque atrapalhavam a “paz” da casa. Sua mudez não era suficiente; o mundo precisava também estar mudo. O desejo de não falar evoluiu para o de não escutar. Tampões de ouvido não deixavam entrar os sons dos vizinhos ou dos carros lá embaixo, o que ampliava seus sons internos: o barulho ao beber água e mastigar, eventuais espirros da rinite incurável, a barriga digerindo ou anunciando a próxima refeição.

Sua única chance de sacolejar e sair da estagnação era a oficina de dança oferecida pela amiga deficiente visual, que acabou parando de dar as aulas porque também ficou meio perdida diante daquela virtualidade dos encontros.

Chegou a tentar alguns movimentos que foi recordando das aulas anteriores, até mandou uma mensagem para a professora passar algumas práticas, mas não teve jeito; o corpo parecia não ter paciência alguma para todas as instruções dadas. Depois, soube que a amiga se rendeu par ao online e voltou a dar aulas. Quando recebeu o convite, inventou uma desculpa, acho que torci o tornozelo, e nunca mais voltou.

Alguns poucos amigos, que pediam notícias dela, recebiam pequenas frases sinais de vida: tá tudo bem por aqui, fazendo minhas coisinhas, e você? que ela escrevia para não criar preocupações e grandes alardes. Era como se o seu apartamento de décimo andar tivesse se tornado uma montanha que ela subiu e não desceu mais, o *Favelão* sugeria mesmo uma escadaria digna da Igreja da Penha.

A conta corrente começou a ser sugada pelas despesas e, sem a comissão das vendas, se assustou com a possibilidade de não conseguir pagar as contas, já que o salário fixo era uma mixórdia. A ajuda para a mãe completar o orçamento também

corria o risco de ir para o bebeléu. E eis que a calma começou a dar sinais de tormenta. Adotou a prática do jejum intermitente; leu numa reportagem que ajudava a emagrecer, desintoxicar, e ainda economizava uma grana. Desde então, a mente, contrariando todo o silêncio ao redor, decidiu gritar e anunciar o trágico que estava por vir, a hipersensibilidade chorou de seus olhos junto com a fraqueza que não deixou mais o corpo sair da cama.

Uma noite despertou assustada de um pesadelo suado: se olhava no espelho e sua boca havia sumido, como a cena de Matrix, onde o vilão Smith usa seus poderes para espalhar a pele pelo rosto de Neo, fazendo sua boca desaparecer. No sonho ela tentava gritar ao ver o rosto deformado: nunca mais poderia falar ou comer e definharia desnutrida. Dali em diante, a paranoia, que estava só esperando para sair de baixo do tapete, se espalhou pela casa, e a suposta paz virou medo infantil.

Passou um mês naquele laboratório de si mesma, a la Marina Abramovic<sup>20</sup>, e veio a sensação de não saber mais falar. Lembrou de um curso de primeiros socorros que ensinava como lidar com um cão feroz: deitar-se no chão e fingir-se de morto ajudava o bicho a desistir de atacar. No caso, o bicho descontrolado era o pensamento, que já não obedecia a nenhuma lógica e profetizava a implosão apocalíptica daquele corpo esquelético com menos sete quilos. Intuiu que colocar a cabeça no chão espantaria as caraminholas para longe. Suspirou fundo em um grande Aiiiiiiiiiiii e dali começou a vocalizar sons estranhos que saíam em longas expirações. Foi quando veio a cena da avó cantante que teimava em seguir ninando a menina, prestes a completar sete anos. Ela adorava; deitava-se de lado, encolhidinha, fetal, enquanto as mãos enrugadas da velha pousavam no bumbum da neta e balançavam devagar. A música lembrava aquelas típicas caixinhas com bailarinas imantadas girando em seus minis tutus. Mas nada era mais gostoso que o quentinho da mão e aquele cafuné que só vovó sabia dar.

Enquanto revivia a memória doce, ninava a si mesma em balanço lento, repetindo a música algumas vezes, em um som gutural que lhe trazia calma. Cuidou de si, em um tempo sem tempo, até, pouco a pouco, levantar e ir fazer um gargarejo. O celular tocou, e dessa vez ela atendeu, nem te conto, tinha uma longa história para partilhar com a amiga, senta que vai demorar.

---

<sup>20</sup> Marina Abramovic é uma artista performática sérvio-croata que iniciou sua carreira no início da década de 1970 e manteve-se em atividade desde então. Considera-se a “avó da arte da performance”. Seu trabalho explora as relações entre o artista e a plateia, os limites do corpo e as possibilidades da mente, chocando o público e a crítica pela capacidade de, em muitas performances, colocar seu corpo em risco.

### Capítulo 3

#### Corpo, pandemia e política em Foucault

##### Corpo-Cuidado

O caminho percorrido pelo filósofo francês Michel Foucault atravessou diferentes temáticas que juntas compõem uma obra de grande amplitude política e clínica. No início de sua trajetória, nos anos sessenta, Foucault escreveu a *Arqueologia do Saber* (1969), que a princípio seria apenas a introdução do livro *As palavras e as coisas* (1966), se tornando uma das obras mais lidas do filósofo.

Esta fase de seu pensamento apresenta um método arqueológico detalhado de investigação nas Ciências Humanas, onde os discursos passam a ser constituídos por suas condições de possibilidades históricas e, mesmo as grandes verdades da ciência não podem mais ser analisadas senão a partir da superfície de suas emergências.

Em seguida, Foucault se dedica à genealogia do poder, onde investiga as relações dos sistemas disciplinares e de dominação da população e do sujeito, esta última denominada biopoder. No livro *Vigiar e Punir* (1975), o filósofo apresenta a transformação do exercício de poder e da legislação penal, a partir do que chama de poder disciplinar, utilizado não apenas em prisões, mas também em exércitos, hospitais, fábricas, escolas e nas demais instituições do Estado. O biopoder transita pela dimensão política, onde a concepção de sujeito está diretamente ligada às relações de poder-saber, e o conhecimento é partilhado em práticas discursivas. O poder se manifesta através de regras que determinam o certo e o errado na sociedade. Portanto, poder e conhecimento estão completamente ligados um ao outro.

Apresentadas as duas primeiras fases dos estudos do filósofo, entramos na terceira parte, que se relaciona diretamente com este trabalho. Conhecida como ética, foi o período em que Foucault estudou os dois primeiros séculos da era cristã, segundo ele, a época de ouro do cuidado de si. Tomar a própria vida como matéria e dar forma, deu origem a uma arte de viver, uma estética da existência, onde o sujeito se apropria de sua vida, moldando uma nova maneira de estar no mundo. *Hermenêutica do sujeito* (1982) e *A Coragem da Verdade* (1984), são compilações das aulas ministradas pelo filósofo em dois dos quatro cursos dados no *Collège de France* entre 1981 e 1984, onde o cuidado de si ocupa uma grande parte do trabalho.

Trazendo para a atualidade, os estudos derradeiros de Foucault ensinam um modo do sujeito se fazer criador de si próprio, através de uma interseção entre as técnicas de dominação e as técnicas de si. “Era assim que uma existência tornava-se a

dobra dos processos de subjetivação sobre os processos de sujeição, em duplicações concomitantemente históricas e singulares” (MIZOGUCHI, 2016, p. 78). O que interessava ao filósofo era inserir a prática de si no contexto social e impulsionador da ação política.

A tecnologia do ser, organizada por Foucault, foi inspirada em livros, pensadores e escolas que já afirmavam uma outra forma de lidar com a existência. Epiteto, Sêneca e Marco Aurélio, adeptos ao estoicismo, bem como epicuristas e cínicos, foram pilares fundamentais na busca pelo cuidado de si. Gregos e romanos propunham um olhar cuidadoso para a conduta consigo e com o outro.

Cuidar de si é, pois, um ato político que questiona como viver uma nova ética, que se desloca de uma leitura de paralisia diante do biopoder, para um convite à responsabilização de si, ao jogo de forças do contemporâneo. Uma força que atua de dentro, sobre si mesmo, e opera uma dobra do fora, alterando o objeto de estudo foucaultiano.

Trata-se em suma, de partir em busca de uma outra filosofia crítica: uma filosofia que não determina as condições e as possibilidades indefinidas de transformação do objeto, mas as condições e as possibilidades indefinidas de transformação do sujeito (FOUCAULT, 2010, p. 475).

Esta nova direção que o filósofo escolheu para se aprofundar foi ainda mais intensificada a partir do seu adoecimento. Após contrair o vírus HIV, entrou em contato com a vulnerabilidade e urgência de passar adiante suas reflexões. Todo esse movimento aconteceu quando ainda não existia tratamento para a doença, considerada um tabu para a sociedade, associada ao despudor e à promiscuidade, e moralizada a ponto de ser chamada de câncer gay.

Em seus últimos dias de vida, o filósofo foi tratado como vítima de uma praga que, diante da falta de informações, acreditava-se que se espalhava até pelo ar. Nem mesmo os médicos sabiam como lidar com aquela epidemia devastadora que surgiu no início dos anos oitenta e atingiu principalmente os homossexuais. Foucault foi isolado em um quarto esterilizado no hospital de *Pitié-Salpêtrière*, ironicamente a mesma instituição citada como repressora sobre métodos de vigilância e internação psiquiátrica nos livros *O Nascimento da Clínica* (1963) e *História da Loucura na Idade Clássica* (1964). Tal e qual uma de suas aulas sobre o confinamento dos pacientes psiquiátricos, os médicos também usavam trajes e capacetes para evitar o contágio HIV, e o filósofo foi privado de visitas dos amigos, dentre eles Gilles Deleuze, e até mesmo de seu companheiro por mais de vinte anos, Daniel Defert.

A experiência de Foucault no fim da vida lembra o que muitos passaram durante a pandemia da covid- 19, onde as vítimas eram impedidas de receber visitas, e os mortos não podiam ser velados, pelo medo extremo em torno da contaminação. Apesar do fácil contágio no contato com a pessoa infectada, havia, naquele primeiro momento, um exagero sobre as formas de contrair o vírus. Com o tempo, as informações passaram a ser mais precisas, e algumas formas de prevenção foram modificadas.

No caso do HIV, a ignorância e o preconceito em torno da doença eram maiores e Foucault escolheu, até a sua morte, manter segredo sobre a doença, até mesmo com o seu companheiro.

O filósofo pôde, ainda, usar o tempo que lhe restava<sup>21</sup>, para organizar a prática ética do cuidado de si, técnica que dialoga diretamente com muitos processos vividos durante a pandemia, onde foi necessário dar forma a novos modos de viver. Subjetividades atravessadas por um contexto ambiental, histórico e temporal comum a todos. “Ocupar-se consigo não é, pois, uma simples preparação momentânea para a vida: é uma forma de vida” (FOUCAULT, 2010, p. 446).

O filósofo agrega esta nova prática à investigação do biopoder, dos corpos dóceis e do sistema neoliberal onde se inserem, e apresenta o seu próprio corpo para uma espécie de dissecação subjetivadora, onde não são os órgãos, glândulas e vértebras que se explicitam, mas algo substancial, invisível, visceral; uma amplitude que transborda e inspira o percurso do cuidado.

A trajetória feita por Foucault na organização do cuidar de si começa com uma viagem no túnel do tempo até a civilização grega e suas práticas. O filósofo traz o

---

<sup>21</sup> Ainda sobre o contexto do vírus HIV, durante seus primeiros anos (1981-1996), quando ainda não existia tratamento para que o doente pudesse seguir vivendo com saúde, o filósofo e professor Peter Pál Pelbart escreveu um texto que compõe o livro *Vida Capital*, onde cita um amigo portador do vírus durante alguns anos, que, apesar dos sintomas se agravarem a cada dia, seguia vivendo relativamente bem. O título do texto, *Vírus-vida*, dispara uma provocação à atmosfera mórbida e entristecida que predominava em torno do infectado, deixando de lado a pulsão de vida e a potência que também aconteceram nesse período.

Pelbart afirma que os contágios pelo HIV, através da relação sexual, vieram, muitas vezes, a partir de eventos de muito tesão e desejo, maiores mesmo que a responsabilidade e a prudência com a autopreservação. "Foi uma trepada irresistível" (Pelbart, 1996, p.245), como uma provável resposta de um infectado sobre porque se expôs ao risco do contágio. Uma frase de muita intensidade, que fala sobre uma força de vida e, a despeito de culpa e arrependimento, possibilita um modo de subjetivação desejoso e entusiasmado pela vida, gerando um campo de força e entusiasmo, mesmo diante de uma morte iminente. Pode-se dizer que os dois últimos anos de vida de Foucault, desde seu contágio pelo HIV, foram de grande produção, quando seguiu com seus cursos no *Collège de France* e finalizou o segundo e terceiro volumes de *História da Sexualidade*. Somente após sua morte, veio à tona a notícia sobre a soropositividade do filósofo.

Paradoxos similares, de forma distinta, também atravessaram a pandemia, onde algumas pessoas se colocaram, a si e a outros, em risco, justificando o perigo por conta de um desejo ou necessidade de viver encontros e sair de algum adoecimento mental.

conhecimento antigo com uma linguagem pautada nas próprias experiências, revelando em suas últimas falas que toda a sua obra continha muito dele mesmo.

Importante ressaltar que para Foucault, o conhece a ti mesmo dá lugar ao cuidado de ti mesmo, já que no primeiro caso existe a busca por uma verdade, enquanto, no cuidado de si, há uma prática da verdade, com o propósito de tornar-se uma ética para toda a vida, disponível para todos. Para além do ocupar-se de si, trata-se de atitudes para consigo “pelas quais nos assumimos, nos modificamos, nos purificamos, nos transformamos e nos transfiguramos” (FOUCAULT, 2006, p. 14-15).

Sua pesquisa começa pelo uso dos prazeres, tema investigado no segundo volume da obra *História da Sexualidade* (1984). A forma que Foucault escolhe para analisar e organizar sua ética, é feita por um viés estético que intenciona transformar a vida em obra-prima, independente do caos e do trágico que esteja instaurado. Diferente do conhece a ti mesmo, onde uma verdade é imposta, o cuidado de si propõe a prática de uma verdade que se faz a cada momento, e não se fixa em nenhuma ordem pré-determinada.

A verdade aqui, se alinha ao que Nietzsche chamou de vontade de potência, conceito citado no segundo capítulo, que traz força para afirmar “esta é minha verdade, este sou eu”. No terceiro volume da *História da Sexualidade* (1984), Foucault trata o cuidado de si como uma prática de liberdade, “um modo de confrontação direta ao poder político dos dispositivos de governo da existência - o saber e o poder” (MIZOGUCHI, 2016, p. 73).

Foucault afirma que, diferente do que possa parecer, o cuidado de si não deseja separar o sujeito de seu entorno:

O sujeito, descoberto no cuidado, é totalmente o contrário de um sujeito isolado: é um cidadão do mundo. O cuidado de si é, pois, um princípio regulador da atividade, de nossa relação com o mundo e com os outros (FOUCAULT, 2010, p. 652).

Além de ser um mediador de si mesmo com o mundo, o cuidado de si está ligado à arte de viver, em grego *tékhne tou bíou*, dedicar-se à arte da vida, encontrando ressonância em outro conceito nietzschiano, vida como obra de arte, também presente no segundo capítulo desta dissertação. Arte esta que, ao ser forjada, amplia a potência do sujeito o faz entrar em contato com o afeto da alegria, aprofundado por Espinosa. Constata-se, mais uma vez, a despeito de suas diferenças, o entrelaçamento de pensamentos e modos de existência entre Espinosa, Nietzsche e Foucault, e seus conceitos escolhidos para compor as narrativas.

A prática de si se faz presente nas histórias deste capítulo: A menina ao lado, Correição, Bolo de laranja, Calo e Meu amigo sereiano, inseridos em contextos micropolíticos que envolvem vizinhança, desconhecidos de carona, e, até mesmo, grupos de insetos nômades.

## **A menina ao lado**

Cinco desconhecidos em um carro pequeno, subindo a serra para Friburgo, espremidos num perímetro de menos de 5 m<sup>2</sup>, a menos de 30 cm de distância um do outro. Os vidros abertos não eram suficientes para evitar olhares de como você está se cuidando, tomou a primeira dose, usa máscara sempre, ou aglomera com os amigos nem aí pra nada? Escaneei um a um, e o único que parecia ser um pouco descuidado era justamente o homem à minha direita, com o nariz para fora da máscara, daquele jeitinho acho que ninguém vai notar mesmo. A menina à esquerda dormia pesado, tombando em meu ombro a cada curva mais fechada; eu me sacolejava delicadamente, ela voltava à posição ereta e novamente caía, em um ciclo ininterrupto. Até a freada que mudou o rumo da conversa.

Até ali o papo estava interessante, cada um contando seus desafios para reservar uma vaga no site de caronas e colocar o corpo tão pertinho de gente inédita, sem saber nada de como o outro estava vivendo a pandemia. O motorista contou toda a saga que o levou a largar a polícia e se cadastrar no aplicativo. Desde pequeno sonhava em entrar para a Marinha; ouvia as histórias do tio, fuzileiro naval, e seus muitos treinamentos de sobrevivência no Pantanal, Amazônia, chegando até a integrar a Força de Paz no Haiti, lugar onde mais viveu intensidades, a ponto de jogar um pão para fora do carro e ver as pessoas avançando como animais. Mas no fim das contas, por influência de um amigo, o que conseguiu mesmo foi passar em um concurso para a PM, orgulhando o tio, mas desapontando seu pai, a ponto de eles ficarem um bom tempo sem se falar. Eu ouvia atenta, quietinha, olhando meio para o lado e disfarçando a curiosidade.

Solavanco; caminhão à frente lotado de madeira freou do nada. Sorte que, mesmo na empolgação da historizada, o moço tava ligado na estrada. Os corpos deram um tranco, mas o cinto não deixou a coisa enfeiar. A moça acordou imediatamente, olho arregalado e susto taquicárdico. Ufa, sussurrei, torcendo para ele voltar a contar suas aventuras.

Mas o quase acidente levou a narrativa para outro lado. Ele desatou a falar sobre a dor de participar das tantas operações nas favelas da cidade. Guerra. Viu de perto gente matável estendida no chão, homem, mulher, criança, velho. A gota d'água foi a chacina do Alemão, lugar onde passou seus primeiros oito anos e onde o pai morou toda a vida. A coisa ficou insuportável quando adentrou atirando por aqueles becos onde costumava brincar trinta anos antes. Pediu exoneração e, sem rumo certo, pegou o carro

e se inscreveu no aplicativo de levar gente para longe. Não dava para ocilar em casa, então lá foi ele viver de dirigir, gostava.

Experimentou a Região dos Lagos por um tempo, mas acabou escolhendo Friburgo; era bom sentir aquele friozinho da serra, além de ser um lugar bem procurado pelo público. Foi fazendo uma clientela legal já que costumava receber nota máxima nas avaliações dos passageiros. Era mesmo; eu bem li os relatos dos outros passageiros: simpático, bom condutor, carro limpo e com álcool gel e máscaras disponíveis, viagem tranquila. Hum, esse último quesito, sei não, nossa viagem foi tanta surpresa atrás de surpresa... O papel em branco dentro da minha cabeça ia registrando a narrativa densa daquele homem; vontade louca de gravar um áudio do relato, mas a ética cutucou e não deixou meu dedo tocar na bolinha *record*. Peguei um bloquinho de notas e fui garranchando o maior número de informações que conseguia, sem perder o olho naquele rosto que ia se emocionando mais enquanto contava.

Mas o clímax veio em seguida. Depois de quase hora e meia dormindo, a menina entra no papo sacudindo os ânimos: aí, sabe que eu já tinha adivinhado que tu era policial? meu tio é igualzinho, desse jeito aí todo lição de moral. Ele riu constrangido; eu tive medo do que vinha depois. E lá foi ela seguindo na contação: perdi meu irmão numa operação lá no Alemão, tua área né? Mais um sinal de que a moça escutou toda a história do moço que passou a infância lá no Complexo e deu por encerrada sua carreira, depois da chacina de 2022 que matou mais de trinta. Ela falava de um jeito tão distante que parecia não sentir a tragédia, como se descrevesse uma cena de filme: foi o único dos oito que se meteu com droga, dezessete anos. deu mó azar porque bem no dia que foi pegar pó os homi invadiram tudo naqueles caveirão de merda. Pausou a fala e ficou meio que olhando para o nada, devia ser seu jeito de sentir. Imediatamente ele lembrou do menino morto por seu colega, estatelado no chão, que o fez desistir daquela matação sem fim presenciada toda semana. Precisou perguntar para ela, e tremeu antes da resposta: Que ano foi? Em um clique, ela voltou para aquele momento, depois de mirar o vazio do passado por quase um minuto. Deixa eu ver, contou nos dedos balbuciando... Foi 2010, mó tempão já. E, como se lesse seus pensamentos na palidez do rosto do homem, soltou: relaxa, mano, tu ainda era moleque também, nem sonhava em matar gente. Ele riu meio de lado, e respirou aliviado por não ter participado da morte do irmão da mulher no banco de trás do seu carro.

Conclusão, a moça supostamente em sono profundo tava acordadinha da silva, ou em uma vigília de bom ouvido, e tinha tanta história que parecia não caber no corpo

magro e pequeno: tô vindo da casa da minha sogra, na CDD<sup>22</sup>. ontem a gente foi lá em Bangu I pra ver minha companheira. Tá lá faz três anos. droga também. eu já disse que se ela não tomar vergonha na cara e arrumar trabalho quando sair, eu largar ela. mas é foda, a mãe sustenta, e mermo assim ela se mete em um monte de roubada. A pena aumentou porque ela não é primária.

Meu coração doeu. Acho que mais pela naturalidade naturalizada que ela contava a coisa; era isso mesmo e ela sabia viver daquele jeito. No fim das contas, era bom a fala sair forte assim. Algumas vezes, entre uma frase e outra, ela dava até um riso, meio irônico, mas que trazia uma certa leveza. Fui respirando e me entrosando àquela realidade, que, na real, era apenas uma realidade. A dela. E pronto.

Na pandemia braba a gente não podia visitar. no máximo dava pra ir lá e deixar uma sacola com roupa, comida. falar não dava porque eles não podem ter celular. Às vezes, quando eles tavam de bom humor, contavam pra gente como ela tava, que tava viva e bem de saúde. Cansei de ver gente desesperada quando contavam que a presa tinha morrido de covid. Um monte morreu. Meu filho de dez, paixão da vida dela, mandava uns desenho bem bonito. Quando a gente se viu depois de quase dois anos, ela disse que foi a melhor coisa que recebeu, os rabisco dele, que chama ela de boadrasta...rs... Mostrou os desenho toda metida pras colega de cela. Guardou tudo dentro do livro da Agatha Christie. Agora deu pra gostar dessas história de detetive, distrair a cabeça né?

E como foi revê-la depois de tanto tempo? A curiosidade abriu minha boca. Ah, foi bonito, ela tava muito feliz. Eu também, o ruim foi só ter que passar por aquela merda de revista de novo: elas chegam a enfiar o dedo dentro da nossa perereca e atrás também pra ver se tem droga, mó humilhação. Já acharam mulher com cem grama de pó na vagina.

O motorista já nem falava mais nada. Parecia que eu participava de um documentário, onde a figura principal estava sentada ao meu lado. Lagrimei, disfarçada pela máscara, e ao mesmo tempo ria do senso de humor da menina. A sensação era, que

---

<sup>22</sup> CDD Cidade de Deus é um bairro da Zona Oeste do município do Rio de Janeiro, no Brasil. Durante muito tempo, foi considerada uma das regiões mais perigosas da cidade, por conta dos confrontos muito frequentes nas favelas que compunham o bairro. A CDD era um sub-bairro que pertencia ao bairro de Jacarepaguá, mas, por decreto municipal, tornou-se oficialmente o bairro Cidade de Deus. Seu processo de pacificação, implantado em 2009, foi um dos mais difíceis por conta da resistência dos moradores, mas houve uma drástica redução de homicídios e um grande aumento do número de prisões e flagrantes. Mesmo assim, o extenso complexo de favelas segue sendo extremamente violento.

todos ali, apesar de chocados, desmonstrificavam uma vida tão longe da nossa. Porque tinha sim, alegria naquela mulher preta, favelada, lésbica e esposa de presidiária.

Quando acabou a subida da serra, apesar dos seis graus a menos, eu saí quente, suada do tanto de calor que essa viagem ferveu em mim. Alguns metros adiante, longe do olhar dos que ainda ficaram no carro, sentei-me no meio-fio da pracinha, tirei o celular do bolso e desatei a escrever.

## Correição

A gente quase vive como se fôssemos uma prótese do planeta. Pois bem, se todo mundo já tem um apêndice, esse aparelhinho, que já virou quase uma segunda identidade das pessoas, a crítica é a seguinte: Será que esse alerta da pandemia não é uma convocação pra gente diminuir a nossa dependência dos aparatos extra natureza? Porque tudo que é natural está seguindo seu curso (KRENAK, 2020).

Valeu a lembrança, querida. Nem eu lembrava direito que hoje era meu aniversário...os dias estão tão iguais que já nem faz diferença. Só lembrei porque a danada da minha filha encontrou um balão de encher nas coisas dela e foi me acordar sacudindo a bola na minha cara. Seis da matina!! Depois de uma noite praticamente em claro. Ai, eu bem queria um controle remoto pra deixar essa menina em *pause* de vez em quando, acho que vi um filme boboca que tinha isso, lembra? Mas olha, você não tem noção do que aconteceu ontem. Devia ter umas OITENTA formigas gigantes passeando pelo carrinho de fruta, fui lá no google e não achei o nome, acho que não é saúva não...A maçã e o mamão já tavam todos comidos; deu tempo de chegar antes delas atacarem o abacate e a banana. Cara, gigantescas, nunca tinha visto formiga tão grande. E elas ainda faziam um barulho tipo papel celofane amassado, só que mais baixinho. Gente, que doido... eu lembrei de um negócio chamado correição, uma migração que as formigas fazem de vez em quando; fui ver no google o olha que maneiro: “A correição em formigas ocorre pela característica migratória dos seres. O fator correição nas formigas é conhecido no mundo como atividade migratória, e é correlacionado com a atividade nômade do ser humano. A correição simboliza o caráter de procura de alimentos, abrigo e reprodução nas formigas e em outros insetos.” Incríveis essas bichinhas né? Desterritorializando todas organizadinhas. Uma vez rolou isso em Mauá no quarto que eu tava, era uma parede preta de formiga que foi passando pelo teto de uma janela até a outra; fiquei quase uma hora olhando o processo. Meu marido fez até um vídeo, vou pedir pra ele te mandar. Tiramos as frutas que ainda tavam inteiras e ficamos lá esperando as bichinhas passarem. Demorou uma meia hora, eu até me afeiçoei a elas...Cara, a natureza tá dominando geral, revolução dos bichos. Tô achando o máximo, pelo menos alguma coisa boa. Tão dizendo que tem até golfinho em Veneza, mas parece que é *fake*. Um amigo meu mergulhador viu umas tartarugas enormes no Arpoador. A gente é muito umbigado, se acha o centro da porra toda, Krenak que o diga. Mas tá brabo ver tanta gente morrendo, já são 202 mortos por dia. Surreal. Tá bom, amiga, fala aí de você um pouquinho como é que tá com a tua filhota? Que loucura ter que trabalhar e cuidar da menina aí sozinha... Ai queria ir te ajudar...

Vamos fazer um teste aí a gente se encontra só a gente porque tá foda ficar vendo só marido e filha o dia inteiro. Ele tá muito apavorado, já deu uma panicada outro dia. Ai, tem que pedir pra ele fazer o teste também e aí eu posso encontrar vocês, né? Vou lá olhar na janela que tá rolando uma música altíssima aqui na rua, tá ouvindo? Afe, 4 minutos e 23, chega, sorry o podcast. Beeeeijo

\*\*\*

Ai amiga, tô até suando frio...Acho que passei a maior vergonha da minha vida. Você acredita que aquela música alta era um carro de som que encomendaram pro meu aniversário? Foram aqueles meus amigos sacanas da faculdade, que até hoje gostam de me zoar...Um deles recebeu um anúncio dizendo que agora, diante da situação, a festa surpresa do momento é encomendar um carro de som pra homenagear e surpreender o aniversariante. Na real, eles me envergonharam até o talo. O negócio era quase um carro alegórico que chegou chegando, com o meu nome gigante em letras coloridas e cheio de bolas prateadas e douradas da Galinha Pintadinha, da Pepa e da Frozen, para a alegria da moleca, que gritava ensandecida. Olha mamãe, é pra você! E claro, a playlist tinha que começar com *Emoções*, do Roberto Carlos, que eles sabem que eu não suporto. Dali foi pro *Parabéns* da Xuxa e até aquela música da Pablo Vittar “quando para a bunda te dou parabéns”. Parecia paredão de funk com aquele muro de amplificador estridente. Eu queria cavar um buraco e me enfiar, mas paralisei e não consegui sair de frente da janela, com uma cara de cu, acho que até pálida eu fiquei. Parecia que TODOS os vizinhos estavam me fuzilando com o olhar. Só uns dois ou três que eu vi rindo, deviam estar com pena de mim. Tinha um cara estressadíssimo que gritou que ia chamar a polícia, mas aí a mulher com voz de locutora do *Good Times 98* começou a falar que o evento não infringia nenhuma lei... Inclusive eles estavam parados em uma vaga e dentro da margem de decibéis permitida.

Aí começou a pior parte: os áudios de cada um deles, em alto e bom som, relembrando um monte de baboseiras que a gente viveu naquela época. E depois uma mensagem toda emocionada da minha mãe, dizendo como tava difícil ficar longe da neta e de mim. Essa mexeu comigo...tava quase chorando quando de dentro do carro saiu uma Magali, ao som de *Glamurosa* rainha do funk, com uma cabeça gigante, toda saltitante, de luvas e segurando um bolo todo embalado. Coitada, devia estar sentindo um calor da porra naquela fantasia. A mestra de cerimônias pediu pra eu descer e pegar a torta, eu não tinha a menor condição de ir, inventei que tava com o pé machucado e lá foi meu excelentíssimo esposo ao encontro da Magali das trevas receber o agrado. Vou

te mandar a foto que eu tirei. Nossa, na hora fiquei muito puta, mas depois até que gostei da sandice. Mandei uma mensagem pra cada um, xingando e agradecendo e rindo. Tá tudo registrado, tem até vídeo da minha cara em choque e o barulho da minha filha ensandecida em êxtase. Acho que mesmo se eu ficar demente não vou esquecer desse aniversário. Oi? Quem? Eita, a vizinha tá aqui na porta com uma máscara da Minnie pra me dar os parabéns pessoalmente. Coitada, tá sozinha todos esses dias Afe, chega de audio por hoje. Vai dando notícias, querida. “Mãeeeeeeee, manda um beijo pra elaaaaaa” Ouviu?...rs.... beijo grande pra tua pequena também.

## Bolo de laranja

Se dois indivíduos de natureza inteiramente igual se juntam, eles compõem um indivíduo duas vezes mais potente do que cada um deles considerado separadamente. Portanto, nada é mais útil ao homem do que o próprio homem. Quero com isso dizer que os homens não podem aspirar a nada que seja mais vantajoso para conservar o seu ser do que estarem, todos, em concordância em tudo, de maneira que as mentes e os corpos de todos componham como que uma só mente e um só corpo, e seu ser, e que busquem, juntos, o que é de utilidade comum para todos (SPINOZA, 2009, p. 85).

Não tô mais sentindo as pernas, parece que ficou tudo dormente, só a cabeça que não dorme. Dá medo de fechar o olho. Tenho pesadelado muito. Na real o corpo todo tá torporento, assim meio “Socorro, não estou sentindo nada, nem medo, nem calor, nem fogo, não vai dar mais pra chorar, nem pra rir...” (ANTUNES & RUIZ, 1998)

Olhar a rua completamente vazia me encanta e assusta. Lembro da cena de *Magnólia*, aquele filme doido do Paul Thomas Anderson. Acho que era em Nova Iorque. A cidade ficou absolutamente vazia. A produção precisou pedir autorização à prefeitura para desocupar completamente aquela área. O evento gerou uma comoção bizarra; fechou trânsito, emputeceu e curiosou gente. Gente é coisa tão diferente...tipo a moça do prédio em frente que decidiu dançar a tarde inteira; umas vezes parecia ser cega, outras se movia e alcançava o filho com tanta facilidade que nem sei. Só sei que ela dançava e se movia de um jeito conhecedor de cada parte daquele corpo cheio de tônus. Já eu, tô frouxa e colapsada, e tudo que consegui fazer foi dançar com os olhos, entremeados pela persiana e vidrados na mulher bailarina atrás do vidro da janela em frente.

Ah, a rua... a rua podia agora virar *Magnólia* sem precisar de nenhuma intervenção no tráfego. Só tem passarinho, árvore, asfalto e calçada.

Exceto pela família que, desde muito antes da pandemia, estava alocada embaixo da marquise do último prédio antes de virar a esquina. Será que eles estão conseguindo alguma comida? Será que eu vou lá deixar um prato pra eles? Medo de ir, pânico de me infectar. E ainda tem o vizinho do primeiro andar que joga ovos em quem passa, e grita compulsivamente: Fica em casaaaaaaaa!!! Outro dia foi no moço de bicicleta, que deu uma paradinha para conferir o pneu, bem embaixo da janela da criatura. Foram logo três ovos de uma vez: Louco, irresponsável, quer morrer, quer que os outros morram??? O cara nem olhou e saiu em disparada, ovada na cabeça e pneu murcho mesmo.

Só pode ter sido esse morador que escreveu bilhetes anônimos e colocou debaixo das portas: “Caro vizinho, conto com a sua solidariedade para com os demais, solicito não sair do edifício em hipótese alguma, e receber suas compras pela porta principal, para evitar que entregadores entrem no prédio. Favor limpar maçanetas e botões dos elevadores com álcool 70%. É de bom grado que não recebam absolutamente nenhuma visita, vamos zelar pela saúde dos nossos condôminos”.

Meu medo aumenta quando leio a nota; quero e preciso me cuidar, mas não sei se dou conta de passar todo este tempo vendo apenas os entregadores; sempre precisei de gente pra me sentir nutrida. A sensação era que se eu não visse mais nenhum ser humano, iria secar em não afeto. Ontem mesmo a minha vizinha de parede chorou compulsivamente por quase meia hora. Não aguentei, peguei um bolinho de laranja, fiz um chá, coloquei em descartáveis, com um bilhete “Conta comigo, 993278354, sua vizinha do 403.” Toquei a campainha e voltei correndo pra casa, silenciando pra ouvir o que dali viria. Porta abriu, silêncio, porta fechou. Cinco minutos e o plim do celular: “Sem palavras pra te agradecer. Também estou aqui pro que você precisar, deixei uma coisinha na sua porta.” Três trufas deliciosas me aguardavam. Lagrimei, enquanto ela parava de desaguar. Ganhei o dia e, vai que, uma nova amiga.

\*\*\*

A bicicleta. Sim, havia uma bicicleta enferrujada na garagem. Procurou o WD-40, aquela latinha de cheiro forte que lembrava a loja de bike do amigo que precisou fechar pela falta de grana para o aluguel e nenhum cliente. Prendeu a respiração, *sprayou*, tossiu e tonteou. Prender a respiração não era para aquele momento, já que, três horas antes, o pânico tocou a campainha e trouxe a memória de meses atrás, quando a síndrome tomou seu corpo de assalto depois que ela foi embora.

E agora tinha ela lá longe, a bicicleta, esquecida na garagem, o pânico de vigia dentro de casa, e o medo do lado de fora. Parou por um minuto, sabia que estava agindo como um louco, mas escolheu pedalar, sentindo-se culpado pela subversão. Mas nada era pior que a vozinha estridente desesperada que decretava sua morte a cada panicada. Morte não estava em seus planos do dia. E vida para ele, era poder olhar a rua de cima da bicicleta, paramentado e hesitante, apesar dos perigos.

Fone no ouvido, tênis velho no pé... Inspirou e desceu a rampa da garagem, daquele jeito *kamikaze* prudente que lembrava suas peripécias de moleque.

A rua refletiu nos óculos, inseparáveis oito graus míope. Mas agora via tudo como nunca. Ninguém, ninguém, absolutamente ninguém na pequena rua que morava.

Dobrou a esquina e deu de cara com os Arcos, uma Lapa irreconhecível, a não ser pelos habituais moradores de rua, emaranhados na calçada que separava a Mem de Sá da Riachuelo. Dor no peito de ver gente em estado pior que bicho abandonado. Lembrou dela, que sempre lagrimava com aquela cena, ainda mais quando se tratava de um usuário de crack. Ele escolhia não olhar; dava um abraço na companheira e a puxava para o outro lado da rua.

Dessa vez, fez questão de olhar cada detalhe, cada olho vidrado zumbi, cada corpo esquelético farrapo que cheirava mal a metros de distância. Mais que fome, eles desesperavam de abstinência da droga. Começavam a se agredir, na esperança de encontrar alguma pedra de crack nas coisas do outro.

E ele, que tinha saído para respirar, agora era só caos e culpa e desejo de fazer alguma coisa por aquela gente tão perdida. Esboçou um sorriso, um aceno de eu vejo vocês, mas teve vergonha de estar ali, de banho tomado, roupa limpa, fone *bluetooth* e bicicleta. Vergonha de não estar em casa, já que tinha uma.

Olhou para o lado e deu de cara com um homem diferente de todos os outros em volta. Devia estar naquela situação há pouco tempo, não tinha aparência de viciado. Estava esfomeado, revirando todos os lixos que encontrava. Levou um susto quando viu, em meio àquele antro, o homem bem apessoado em sua bicicleta, uma Cavaleiro do Apocalipse em versão cidade grande. Sustentaram o olhar por algum tempo, até o momento que ele teve o ímpeto de revirar a carteira em busca de algum dinheiro. Achou vinte reais; toma aí irmão pra você fazer um lanche. Valeu meu amigo, com uma alegria muita por trás da máscara encardida. Tem dois dias que não como, tá foda. E começou a contar sua história. Era faxineiro de uma escola na Glória, morava sozinho em Brás de Pina, e a ex-mulher em Irajá, com o filho de dois anos. Perdeu o trabalho, entregou a casa e deu todo o dinheiro que tinha para a comida do menino. Deixou as coisas na casa de um amigo, e foi viver na rua. Teve jeito não moço, agora mudei pra essa mansão, girando e olhando ao redor dos Arcos da Lapa. Mas sei que vai passar logo, daqui a pouco as aula volta e eu volto a ter casa. Abriu um riso largo. O ciclista não acreditou que ainda havia humor embutido naquele sujeito. Boa sorte amigo, que você possa ver seu filho logo. Virou a bicicleta para seguir seu caminho, e se deu conta de que aquele tinha sido sua única conversa ao vivo em mais de um mês. No fim das contas, a quase desértica Lapa em decadência máxima, foi cenário de uma das melhores experiências daquela fase. Apesar do risco e da realidade punk saltando em seus olhos, conseguiu aproveitar o passeio proibido. Dentro de casa, a luz só visitava um pedacinho de chão, e

ele precisava se encolher para receber um pouco de vitamina D. Lá fora, ao contrário, o purgatório da beleza e do caos fervia e distribuía sol com generosidade.

Glória, Flamengo, Botafogo, Pinheiro Machado, Rua das Laranjeiras. O silêncio mais estranho que ouvia; bonito e aterrorizante: Com exceção dos poucos carros e ônibus, sentia-se o único sobrevivente de uma bomba exterminadora, que só matava ser humano. Cidade, natureza e bicho seguiam intactos.

Pensem nas crianças, mudas, telepáticas  
Pensem nas meninas, cegas, inexatas  
Pensem nas feridas, como rosas cálidas  
Mas, oh, não se esqueçam da rosa, da rosa  
Da rosa de Hiroshima, a rosa hereditária  
A rosa radioativa, estúpida e inválida  
A rosa com cirrose, a anti-rosa atômica  
Sem cor, sem perfume, sem rosa, sem nada  
(MORAES & CONRAD, 1973).

Gostava de escutar músicas e fazer videoclipes com a paisagem. Ney Matogrosso veio como bálsamo trágico. Se deu conta que covid também era bomba, mas explodia parcelada em dias, semanas, meses. Não imaginava que seriam anos.

Em menos de vinte minutos desde a Lapa, lá estava ele, em frente ao prédio monstruoso. Lembrou do *Edifício Master*, documentário de Eduardo Coutinho onde os depoimentos dos moradores, anônimos, se misturavam à fala de atores que representavam esses mesmos habitantes., Imaginou-a na tela, linda, contando detalhes sobre a sua vida e a vizinhança. Teria ela falado do relacionamento bonito de final sem sentido?

Queria ver ao menos a janela da ex, que ficava na parte lateral do quarto de dormir. Quem sabe ela tava ali fumando seu cigarro...Melhor não, ainda não dava conta de vê-la. Quando decidiu dar meia volta volver, a bicicleta deu uma ralentada, puta que pariu o pneu tá murcho...deve ser praga do universo. Merda, não dava pra ser em outro lugar??

Do silêncio veio um grito alucinado: Fica em casaaaaaaaaaa!!! Louco, irresponsável, quer morrer, quer que os outros morram??? Sentiu na cabeça uma coisa viscosa, outra na bicicleta, e mais uma no chão à frente. Meu deus, o cara tá jogando ovo! Olhou para cima e no que o homem do primeiro andar ia jogar o quarto, saiu na disparada possível, ferrando mais ainda o pneu que, a essa altura, tinha esvaziado todo. Pensou em como ela riria disso tudo se estivesse junto. Esboçou outro sorriso, marejado. Saudade.

\*\*\*

Aquela videochamada com a mãe foi a gota d'água pro choro convulsivo, represado há uns bons dias. No Alzheimer em seu grau mais elevado, não a ver ao vivo apertava o peito sem fim. Na casa da mãe só podia ficar a cuidadora, que não teve alternativa que se ilhar nano Jardim Botânico, rua de rico, duas horas de ônibus e trem da sua casa. Do contrário perderia o trabalho. Deixou os filhos e o marido desempregado no Jacarezinho; ligava pros três todo santo dia, uma preocupação só. Mas precisava estar ali, cuidando daquela senhora para quem trabalhava há mais de vinte anos, e que agora se perdia dentro de suas próprias memórias embaralhadas, sem conseguir fazer mais nada por si mesma:

Por que você não vem aqui? Vem dançar comigo, ontem fomos a um recital de valsa, seu pai me levou, ah, mas você não gosta de valsa, só de rock...dizia quase todos os dias para a filha. Em suas histórias inventadas, ressuscitava o marido, misturando cenas antigas a uma realidade sem sentido. Doía demais ver a carinha da mãe se apagando junto com sua lucidez. Mãe, agora tenho que ir, as compras chegaram, um beijo. Inventou uma desculpa quando as lágrimas não cabiam mais dentro. Desagouou grande e alto e, como um bebê, foi se acalmando quando já não havia mais força para gritar.

O pémmmmmm da campainha interrompe imediatamente o choro. Como numa miragem, no capacho da porta dos fundos, *voilà* um chá com bolo de laranja, e um bilhete cheio de cuidado da moça vizinho do 403 com direito a número de celular. Dos olhos tristes brota uma lagrimalegria<sup>23</sup>. Vai lá na caixa das “trufas emergência que salvam o dia” e deixa três para ela.

E assim começa a troca de guloseimas e obrigados, que evoluem para mensagens mais longas sobre aqueles dias e agonias, e viram áudios emocionados das dores e reflexões inevitáveis de quem vive sozinho. Até o dia que se encorajam e marcam um encontro no hall. Difícil segurar o abraço daquelas que nunca haviam reparado uma na outra, mesmo vivendo a uma parede de distância. Reparada a desconexão de quem sempre viveu ao lado, papearam, riram, se emocionaram. Mais um abraço de despedida e correram, cada uma para o seu chuveiro, espantando o risco de covidarem-se. Só que o medo foi maior que o desejo, e, tanto o bolo quanto as trufas tiveram o mesmo destino: ensacados, nó firme, jogados pela tubulação. Caíram, lado a lado, travestidos de lixo tóxico. Pena.

---

<sup>23</sup> Lagrimalegria é um neologismo presente na letra de *Milagres do Povo*, canção de Caetano Veloso, 1985: *Mamãe Oxum chora lagrimalegria*

## Calos

A cidade está vazia. Eles eram os invisíveis que circulavam no meio da multidão. Antes eles gritavam para aquela multidão que não os enxergavam nem os escutavam. Agora eles gritam para eles mesmos, e a cidade que está silenciosa, talvez esteja enfim ouvindo as suas verdades, pois as frases que eles gritam tem um pé fincado na realidade. É fuga, é vergonha, é medo. O delírio passa por tudo isso (SILVA, 2020, p. 283).

Olhou minuciosamente cada uma das mãos. As unhas, crescidas e um pouco sujas, estavam precisando de um trato. Abaixo delas, aquele bando de mini rugas, concentradas no meio dos dedos. Já dava até para puxar umas pelanquinhas, que nem mão de velhinho. Percebeu que elas desapareciam quando as mãos se fechavam. Contornou cada um dos ossinhos proeminentes e experimentou socar de leve nas palmas. Foi aumentando a força do soco e ampliou o movimento para o ar, como se confrontasse um inimigo invisível. Lembrou da matéria do jornal encontrado no lixo, que mostrava uma imagem super ampliada do vírus SARS-CoV.

Se empolgou, ficou de pé e começou uma luta de socos, que evoluíram para chutes, joelhadas e cotoveladas. Gritou, todo ninja, jogando a raiva na calçada de buraco e lama. Acreditou, por um momento, que assim mataria todos os “covids” à sua volta. Mas, por medida de segurança, manteve a máscara no rosto.

Lutou até cansar, esbaforido. Ofegante, mãos ainda fechadas, pouco a pouco, se abriram; as palmas desabrocharam como flores. Olhou para as linhas fundas em meio às partes gordinhas e os calos, e lembrou da mãozinha do filho, que apertavam as suas e riam risada boa de criança: fofinho papai, fofinho, durinho papai, durinho. Saudade gigante do menino que acabara de completar dois anos, e dos calos, sumidos depois de quase dois meses sem trabalho.

Quarenta e sete dias dormindo a céu aberto. Com direito a temporal, calor insuportável, barata, rato, colchão e travesseiro roubados, uma semana sem banho, dois dias seguidos sem comer. Escutou muita história de quem já vivia na rua há anos, brincou com as crianças e cachorros das famílias habitantes das “quitinetes” delimitadas pelas marquises: sofás, camas, fogueira para cozinhar, potinhos de água e ração para os cães. Em plena Central do Brasil, um surpreendente silêncio de poucos carros e ônibus, e quase ninguém pegando os trens. O “condomínio” sujo e fedorento parecia aquelas vilas de cidade pequena. Uma roça miserável no meio da Presidente Vargas.

Tinha boas conversas com os colegas recém-chegados como ele: o churrasqueiro que trabalhava em um restaurante no Flamengo há mais de vinte e cinco anos, morador da Rocinha, que não conseguiu pagar o aluguel, a mulher decidiu separar e foi com os

filhos para a casa da mãe; o vigilante de boate chiquetosa no Leblon, sessenta e três anos, prestes a se aposentar, que antes dormia nos fundos da casa noturna e teve que sair depois do fechamento do local; a mulher que vendia quentinha na entrada da Ladeira dos Tabajaras, ganhava quatrocentos reais por semana, e teve que entregar o quartinho que alugava na Siqueira Campos. E ele, terceirizado por uma firma que prestava serviço de faxina em uma escola ali na Glória. Quinze anos nesse serviço; a escola precisou fechar e ele ficou sem trabalho. Mas vai ser rápido, o povo de lá gosta muito de mim e daqui a pouco as aula volta e eu volto junto.

Foi assim, que, apesar dos pesares, decidi estabelecer residência por aquelas bandas, já que, volta e meia, um grupo de gente boa distribuía quentinhas e material de higiene: máscaras, álcool gel, escova e pasta de dente, sabonete e até xampu. Quando alguém tinha algum sintoma de covid, levavam para testar nos trailers espalhados pelo centro da cidade. Escolheu um pedacinho de calçada do outro lado da Presidente Vargas, pelos arredores do Campo de Santana. Era bonito aquele mato-oásis no meio da decadência reinante. Tinha até capivara; muito mais do que antes. Quis fotografar, mas a bateria do celular já tinha acabado fazia tempo.

Antes disso, tentou se instalar ali pela Lapa; achava tão bonita e arejada aquela paisagem... mas não conseguiu estabelecer nenhum vínculo com os cracudos e se entristecia vendo aquele bando de *junkies*, completamente fissurados pela pedra no cachimbo. Foi ali que passou dois dias sem comer, já que os usuários não sentiam fome e praticamente não dormiam, e as pessoas tinham mais medo de se aproximar deles para ajudar. O único que chegou mais perto foi um homem numa bicicleta que, em um sábado de calor Saara, andou em sua direção e lhe deu vinte reais. Por um momento ele realmente achou que estava delirando; mas era o torpor dos dois dias sem comida. Quando sentiu a nota em suas mãos, os pés novamente se firmaram no chão. Desatou a contar sua saga para o moço ciclista “enviado por deus”, e teve a sensação de que o cara, apesar de ter casa e comida, estava tão fodido quanto ele.

Entrou no mercado e não conseguia decidir o que comprar. Primeiro pensou em levar muita coisa bem barata, depois algo que gostasse muito. Ficou um bom tempo escolhendo; cinco minutos que pareciam uma hora para o estômago. Parou na prateleira das bebidas e lá estava a mais vagabunda de todas. Já tinha mais de ano que frequentava o A. A.; limpo há 11 meses. A pandemia tornou as reuniões online. Impossível para ele acompanhar. Se eu tomar essa merda, esqueço da fome e da vida. Saiu com um quilo de

macarrão, uma lata de salsicha, um molho de tomate, duas latas de coca-cola e a cachaça que, de tão ruim, vinha em garrafa de plástico...

Sentou-se, deu três goles grandes, fez cara de álcool queimando por dentro, e voltou a andar, lentamente. Sabia que, quando passasse o efeito da cachaça, a fome ia vir com mais vontade. Olhou para o macarrão sem saber onde preparar. Foi quando lembrou de ter visto aquelas fogueiras-fogões embaixo das pilastras da Central do Brasil. Decidiu caminhar até lá para ver se rolava. Seguiu devagar, em direção ao aterro, observando aquela paisagem de novidades, antes escondidas no meio de tanta gente e carro e ônibus.

Agora acontece que eles estão em êxtase por estarem sentindo falta do fluxo da cidade. A cidade está vazia. Para eles que estavam circulando no meio de muitos, apesar da invisibilidade, estavam em alguns ambientes, não é? Então o primeiro delírio é sentir que estão totalmente sozinhos. Essa solidão deles é a da falta, da falta daquilo que conseguiam. Agora o delírio vem de mais uma confirmação: de que realmente eles estão à margem da margem. Manda-se eles para casa e eles não têm casa. Manda-se eles lavarem as mãos mas não existem torneiras... É um delírio que eles sentem a solidão real de serem seres invisíveis. É a solidão real (SILVA, 2020, p. 285).

A onda bateu, e tudo em volta ficou mais macio, andar era mais fácil. Virou à direita e foi olhar de perto os jardins podados da Praça Paris e as estátuas de gente desconhecida. Continuou sem saber quem eram, porque a praça estava fechada e não dava para ler dali de fora. Paris eu sei, é aquela cidade lá longe cheia de frescura, será que lá só tem praça assim? Andou em torno da grade e imaginou umas pessoas chiques circulando ali. De repente, ele entrava no meio da galera, de roupa bonita com direito a cartola de mágico - tinha fascínio por mágica.

Só gente branca, olhando para ele meio de rabo de olho, onde já se viu um preto aqui no meio de nós? Ora, lá dentro do seu delírio. E foi colocando a família toda na cena: mãe, pai, filho, irmãos, primos... Todo mundo chique e com cara de festa, rindo com vontade e contrariando aquela metidez chata dos gringos franceses. De repente, o primo e o irmão tiraram aquela roupa apertada. Por baixo uma calça branca de capoeira angola. Ele tirou um berimbau da cartola um berimbau. Começaram a jogar. E não é que os posudos gostaram e bateram palma no ritmo do instrumento?

Eita, tô bêbado. Riu de leve e olhou um prédio bem diferente, do outro lado da passarela, que que isso? Vou lá ver. Atravessou e chegou ao Museu de Arte Moderna. Quem será que construiu esse lugar esquisito da porra...foi se aproximando do pilotis, viu dois guardas conversando de longe, e percebeu que suas vozes produziam um eco. Primeiro falou baixinho, depois foi se empolgando e deu uns bons gritos para o eco ecoar. Foi quando o segurança se deu conta da sua presença, chegou com olho de brabo

e máscara preta, meio Darth Vader, ei, não pode gritar e nem ficar aqui...vaza meu irmão, senão vai dar merda pra tu.

Saiu varado, atravessou de volta e apertou o passo em direção à Rua Primeiro de Março. Sem gente, a rua dobrava de largura e ele se sentia ainda menor diante dos prédios enormes do Ministério do Trabalho, Terminal Menezes Cortes, Fórum.

Parou em frente à Igreja Nossa Senhora do Carmo. Lembrou do dia que sua mãe o levou até lá. Devia ter uns sete anos, e, naquela primeira visita, ficou estupefato com a suntuosidade da construção. Ó meu filho, faz assim: em nome do pai, do filho e do espírito santo, mostrando com a mão direita o desenhar da cruz em seu peito. Assim você pode falar com Nossa Senhora, e ela responde! Desde então, fazia o sinal da cruz toda vez que passava por alguma igreja, mas nunca conseguiu estabelecer a conversa. Refez o gesto com vontade; vai que, sem interferência de gente ou barulho, a linha ia ficar desocupada. Nadica de nada. Repetiu umas cinco, dez vezes. Entrou em um *looping* de sinal da cruz, intensificando os toques no peito até virar pancada, mais e mais forte. Pô mãe, tu me enganou hein? A santa tá cagando pra mim. Raiva que virou avalanche de palavrão gritado, desta vez sem eco e sem espectador.

Nunca acreditei mermo nesses santo. Por isso que a mulher foi embora e ainda me chamou de descrente, descrente é o caralho...eu acredito é nas minhas mãos que fazia o serviço todo da escola. Todo santo dia. Olhou novamente para elas, descalejadas. Já nem conseguia lembrar a cara dos colegas de trabalho, dos professores. Dos alunos lembrava, os que davam bom dia. Ganhava até pedaço de bolo de aniversário de alguns deles. Esses ocupavam a sala da sua memória.

Paço Imperial, Centro Cultural Banco do Brasil; lugares que nunca conheceu, só uma vez que entrou rapidinho no CCBB para aproveitar o ar-condicionado; não deu nem um minuto e o segurança expulsou. Se eu fosse branco, ia nem me ver. Candelária. Olhou de longe; já tava cansado e ainda tinha chão até a Central.

O efeito da cachaça foi dando lugar a uma fome monstra. Apertou o passo naquela rua mais gigante ainda, pensando só no prato de macarrão prontinho à sua frente. Lá de longe, avistou o grupo reunido, no terminal dos ônibus em frente à estação de trem. Foi se aproximando, meio sem jeito, com medo de não ser bem-vindo. Viu uma mulher cozinhando dois ovos. Fez a cara mais simpática que sabia, a mesma do bom dia pros alunos. Será que eu posso fazer um macarrão? Pra mim e pra quem quiser. A senhora viu a massa e a lata de salsicha 2e fez olho de criança esfomeada; já tô acabando aqui e tu pode fazer, eu te ajudo, sem tirar a visfta daquele que virou o jantar

de mais cinco. No fim das contas, comeu pouco, mas conquistou os donos da área. Dali em diante, não passou mais fome.

Temos que reconsiderar o direito de ir e vir da população de rua, aquelas pessoas ali estão perdidas, elas se sentem invisíveis. Ao mesmo tempo se juntam e se sentem como família, não podemos julgar nem negligenciar o direito que eles têm de ir e vir, já que não lhes foram dados o direito de moradia, ou ainda de alimentação, um lugar de abrigo (SILVA, 2020, p. 284).

Cada dia um grupo partia para a “caça” de alimento. Segunda e quinta era dia de quentinha bem servida em frente ao prédio dos Correios. Tinha que chegar cedo porque a fila dobrava a esquina. O povo todo ia; ficavam só dois ou três tomando conta dos pertences. O grupo era de confiança, até o dia em que sumiram dois celulares e ninguém mais deu mole. O dele não saía do bolso, descarregado há mais de três semanas. O colega deu a dica: tem um camarada que carrega pra gente, cinco conto, ali mais pra dentro no Santo Cristo.

Pedi comida na porta do supermercado e vendeu pela metade para um senhor que recebia o auxílio emergencial. Carregou o aparelho, botou crédito e tentou falar com o filho. A ex-mulher ainda tava puta e não atendia. Bateu um desespero tão grande que bebeu de um gole só o resto da cachaça guardada no fundo da bolsa de lona. Pegou o resto do dinheiro e arrumou uma pedra com o cara que vendia na esquina do Campo de Santana. Deu dez minutos e começaram as convulsões. Sorte que um homem do grupo da quentinha tava ali por perto e o levou para o hospital de campanha que fizeram no Sambódromo.

Acordou só no dia seguinte, com soro na veia e máscara pff2, em uma das mais de cem macas espalhadas naquele espaço gigante. Reconheceu a passarela do samba e lembrou da vez que um colega da escola arrumou um esquema para eles saírem na bateria do Império Serrano. Das coisas mais bonitas que viveu; sentiu-se o rei do tamborim e, no dia seguinte, o campeão de calos. Olhou novamente para as mãos, mas dessa vez espalmou uma em cada bochecha lagrimada. Beijinho, papai, beijinho.

## Meu amigo Sereiano

Debaixo d'água  
tudo era mais bonito mais azul mais colorido  
Só faltava respirar  
Mas tinha que respirar  
(ANTUNES, 2001)

Era a vez do sétimo da lista de amigos. Tava gostando da coisa, que espantava o tédio e a tristeza daqueles dias; além de saber como estava a galera que eu já não falava há um bom tempo. Escolhi justamente os que já não tinha mais tanto contato, pra ter mais assunto diferente e sair um pouco de mim e da rotina de gosto amargo.

Engraçado ligar para alguém hoje em dia, uma sensação de ser inconveniente, invadir a vida da pessoa. Virou coisa meio fora de moda, depois do advento do whatsapp. Normalmente, havia um cuidado de mandar uma mensagem antes, posso te ligar? Só que tinha vez que a pessoa só respondia no dia seguinte, e aí já era...o segredo era ligar e desligar antes que atendessem, que nem aqueles trotes de antigamente, para ver se o sujeito decidia ligar de volta.

Mas naqueles dias eu aboli toda e qualquer medida não invasiva. Ligava mesmo, na cara de pau, e ainda deixava tocar um bom tempo. Achava que ninguém tava fazendo nada importante, ou melhor, nada era mais importante que falar com um amigo, e saber como estava fazendo para dar conta daquela situação de merda que já adentrava o terceiro mês.

As conversas variavam muito de amigo para amigo. Teve um, mais solitário, que entrou numa de desabafar, chorar, lembrando dos “bons tempos”: tudo o que viera antes da pandemia. A síndrome do eu era feliz e não sabia. Tudo que pude fazer foi escutar por uma meia hora, e convidá-lo para um lanchinho online. Do lado de cá, pão francês com manteiga e café com leite, na casa dele, suco de laranja, torrada Petrópolis e queijo minas curado. Tava sofisticado o moço. No final já estávamos rindo e combinando que, numa próxima, iríamos assistir a um filme “juntos”.

Teve a amiga enlouquecida, que gritou de alegria com a ligação surpresa, e decidiu driblar o trabalho de jornalista *home office*, com o jantar da filha e o papo com o ex-colega de faculdade, no caso eu, que nunca chegou a exercer o ofício. Tu tem sorte, se meu trabalho já era um estresse da porra, agora então, cobrindo morte todo dia, sem ter como fugir desse show de horrores, nem sei...tô quase arrumando um atestado de insanidade pra ver se não fico insana. Eu ri, e a conversa deu uma descontraída.

Chegou a vez do mergulhador, o amigo mais excêntrico de todos. O cara tinha tanto amor pelo mar que as roupas eram todas azuis, com estampas de baleia, tubarão,

corais, arraias, acompanhados dos nomes dos melhores points de mergulho do mundo...Tinha até um macacão estilizado imitando a roupa de mergulho, com o desenho de um cilindro de oxigênio gigante nas costas. E a estampa era meio 3D, dava uma enganada de longe.

Tentei ligar muitas vezes pra ele, e só dava fora de área. Insisti; intuí que o amigo teria boas histórias para contar. Uma semana depois, sabendo que o cara acordava cedo, decidi ligar às seis da matina. Rapaz, como é que você tá? Tô tentando te ligar há mó tempão! Ele contou que, desde o início da pandemia, estava mais no mar do que na terra. Assim que decretaram o *lockdown*, ele fez uma mala de roupa, comida e equipamento de mergulho e viajou para uma praia semideserta ali pelos arredores de Paraty. Agora, tava sem poder voltar, já que todas as estradas estavam fechadas, mas olha que eu nem tô mesmo querendo sair daqui. Tô me sentindo *O Náufrago* em versão gourmet, com celular, hospedado numa pousada que virou *co-living* dos dois malucos que já tavam aqui e dos outros quatro que vieram no susto que nem eu. Agora tamo aqui na luta pra conseguir comida, porque o cara que fazia o rolé de trazer as coisas da cidade foi morar com a mãe no interior de Minas.

Segui contando que as poucas pessoas motorizadas estavam fazendo rodízios para abastecer a praia com comida, água e produtos de higiene e limpeza, mas não tavam dando conta de tudo, já que o povoado tinha umas oitenta pessoas, e só os poucos “turistas” tinham carro. Mas, apesar de todo o caos, a coisa tava acontecendo. O povo se ajudava, e o bom de estar isolado de tudo era que, em dois meses, não havia nenhum caso de covid na vila.

Ao ouvir aquelas palavras, meus olhos arregalaram, e a primeira coisa que eu disse foi quero ir praí agora! Será que eu consigo um jeito? De repente alguma carona com alguém que more pra esses lados e consiga atravessar os controles da estrada. E aí você me busca lá no centrinho, que tal? Pergunta aí pra moça da pousada se tem algum quarto livre. Pô amigo, rola não...Aqui a gente fez um pacto ninguém entra ninguém sai, tu não imagina o tanto de gente que também tá pedindo isso. Dá não, pra gente poder manter a segurança, principalmente da galera local, que já tá sem trabalho, passando mó perrengue, e recebendo a gente tão de boa aqui na área deles.

Não seria nada fácil fazer a mudança. Me conformei com a vida de cidade larga e circuitos espremidos; da sala ao banheiro, do banheiro à cozinha, da cozinha ao quarto, do quarto à sala. Três a cinco passos entre um e outro, podendo alternar as origens e destinos. Mas o pensamento ficou lá naquela praia milagre sem vírus, e na

aventura que o meu amigo se lançara. Tanto que, naturalmente, começamos a nos falar quase todo dia. Ele, empolgadíssimo com as aventuras e novidades, e eu, como espectador do *reality show* no meio da natureza, pedindo comida e acompanhando do sofá a vida selvagem do meu mais novo ídolo.

O dia começava ainda escuro; quatro e meia da manhã, um pãozinho com café, parafernália mergulhística nas costas e o bonde do pescador até a ilhota mais próxima. E lá ia ele para aquele mundo sem gente, sem dor e sem vírus. Enquanto não desse para construir uma casa no fundo do mar, aquele seguiria sendo o refúgio diário mais maravilhoso de todos.

Volta e meia o barco do pescador passava ali por perto e sinalizava pra ele subir. Se hidratava, comia uma fruta ou barrinha de cereal e voltava ao seu mundo fantástico. Perdera a conta das espécies que cruzavam seu caminho: cavalos-marinhos, tartarugas, estrelas-do-mar, moreias e peixes de várias espécies. Teve um dia que ele acompanhou uma arraia gigante com sua filhinha por um bom tempo. Na verdade, o tempo era outro debaixo d'água; um minuto parecia uma eternidade. Uma vez, quando estava encantado em meio a uns corais moles roxos, amarelos e vermelhos, viu um grupo de lagostas animadinhas. Ficou com água na boca (literalmente), mas decidiu fazer um pacto com elas de guardar segredo e não contar para o pescador.

Eu ouvia cada história como se estivesse vivendo junto; estimei meu amigo a fazer um diário que, quem sabe, poderia até virar uma publicação de suas aventuras marítimas durante a pandemia. Lembrei da música do Arnaldo Antunes, *Debaixo d'água*, que tinha tudo a ver com aquele momento:

Debaixo d'água protegido, salvo, fora de perigo  
Aliviado, sem perdão e sem pecado  
Sem fome, sem frio, sem medo, sem vontade de voltar  
Mas tinha que respirar  
(ANTUNES, 2001)

Ele se inspirou e foi caprichando no registro. Criou um arquivo com o mesmo nome da música, e lá colocou todas as anotações feitas no que chamou *caderno de bordo*. Entre os parágrafos, colava as fotos que ia tirando com sua super *GoPro Hero 9 Black*, a melhor das melhores para fotos de mergulho, tornando ainda mais deslumbrantes as criaturas que ia encontrando. O momento top master mega plus foi quando deu de cara com três golfinhos malemolentes e decidiu se juntar à brincadeira, sendo muito bem recebido. As imagens mereciam um prêmio da *National Geographic*. Enquanto criava, ia me mandando. Eu revisava e formatava, me oferecendo de parceiro para alguma publicação futura.

Três meses de mar adentro; o cabelo do meu amigo já tava uma palha amarela, a pele, estilo pescador, sol e sal sem fim. A leveza e o riso tinham um que de Chaplin e de Dory, a peixinha azul um tanto quanto esquecida e abobada, do filme *Procurando Nemo*. No caso dele, a perda de memória devia-se à quantidade de *cannabis* consumida. E a bobeira vinha junto, o que nos rendia boas gargalhadas nas videochamadas.

Até o dia em que o telefone tocou quase meia-noite; eu tava maratonando *Breaking Bad* pela segunda vez, meu vício mais viciante naqueles últimos dias. Era ele, completamente transtornado. Acabara de saber que o pai tinha morrido de covid. Em menos de uma semana, desde o dia que foi internado e intubado. A mãe e o irmão sabiam que meu amigo estava impossibilitado de sair daquela praia e pegar um avião até Florianópolis, e mantiveram o otimismo até os últimos dias; tinham certeza que ele ia sair dessa. Mas a situação complicou nos últimos dois dias e o vírus, além de tomar o pulmão, causou uma hiperinflação no coração e rins, irreversível.

Não dava tempo de ir até lá para se despedir, até porque não haveria funeral, por medida de segurança. Segurou o choro enquanto falava com a mãe, mas quando me ligou, desabou de um jeito que eu não soube o que fazer; fiquei mudo, só escutando. Tudo que eu queria era poder abraçá-lo, mas não consegui dizer nada.

Dali em diante, não conversávamos muito. Entrou em uma concha e lá ficou, em luto salgado; mergulhava quase o dia todo. Talvez estivesse em conversas profundas com Poseidon, o deus grego dos mares, ou entoando um cântico para atrair baleias e, quem sabe, receber alguma mensagem de alento. Eu sentia falta da alegria do meu amigo, tentava animá-lo com memes de animais marítimos, mas no máximo ele respondia com um emoji fofinho.

Teve uma hora que ele parou de responder. Eu decidi respeitar seu tempo, mas, passados três dias, liguei algumas vezes. Ninguém atendeu; deu cinco minutos, ele ligou de volta. Só que era outro ele, um amigo da pousada, e contou que meu amigo havia sumido três dias antes. Saiu para mergulhar sozinho, e desapareceu. Helicópteros e barcos saíram em busca, mas nenhuma pista foi encontrada até então. Estavam todos consternados. Seguiram na procura, e me manteriam informado de tudo.

Debaixo d'água por encanto, sem sorriso e sem pranto  
Sem lamento e sem saber o quanto  
Esse momento poderia durar  
Mas tinha que respirar

Passou uma semana e nenhuma novidade. As equipes já não tinham muita esperança em encontrá-lo com vida. Eu estava inconsolável, e pedi ao rapaz da pousada que abrisse o notebook do meu amigo, e me enviasse a pasta de arquivos intitulada *Debaixo d'água*. Decidi, naquele exato momento, começar a organização do livro das suas aventuras. E, por incrível que pareça, a tristeza foi menor que o entusiasmo em compilar todo aquele diário de bordo.

No meio do processo, me dei conta que havia algumas anotações que ele não tinha me enviado. A última datava do dia anterior ao seu desaparecimento. Era justamente o esboço dos agradecimentos do livro, ainda em suas primeiras linhas. O pai ganhou todo o primeiro parágrafo: declarações, memórias, e o poema que, desde cedo, passou aos filhos para ser lido em sua despedida. Lagrimei grande, lembrando nem mesmo houve uma cerimônia de adeus. Decidi, eu mesmo, me levantar e ler em voz alta, dedicando ao pai e ao filho aquela obra de Alberto Caeiro:

Quando a erva crescer em cima da minha sepultura,  
Seja este o sinal para me esquecerem de todo.  
A Natureza nunca se recorda, e por isso é bela.  
E se tiverem a necessidade doentia de "interpretar" a erva verde sobre a  
minha sepultura,  
Digam que eu continuo a verdecer e a ser natural. (PESSOA, 2006, p. 122)

Abaixo do poema, um lembrete: “PS: abastecer urgente os cilindros de mergulho.” Provavelmente, ele estava tão atordoado que calculara mal sua reserva de ar para a imersão. Porra cara, como é que você deu esse mole??? Desatei a gritar, revoltado e ainda mais triste.

Meu amigo, tal qual o pai, morrerá por falta de oxigênio. Ironia pouca.

Não consegui contar a ninguém. Prefiro criar, para mim, uma nova história, de um homem que, de tanto amor pelo mar, transformara-se em uma criatura fantástica, que nadava com as baleias e os golfinhos, se alimentava de algas e passava o maior tempo debaixo d'água, vindo à superfície somente por alguns segundos: um sereiano<sup>24</sup>, que deu nome ao título do livro, publicado um ano depois.

Debaixo d'água  
ficaria para sempre  
Ficaria contente, longe de toda gente  
Para sempre no fundo do mar

---

<sup>24</sup> Sereianos são animais fantásticos da obra Harry Potter, série de sete romances de fantasia escrita pela autora britânica J. K. Rowling em 1997. Definem-se por sencientes parecidos com sereias, mas com aparência de répteis e cabelos humanos, que vivem debaixo d'água e são encontrados em todo o mundo. Sereianos podem respirar acima d'água por um tempo, porém não está claro se eles podem realmente sair de seu habitat. (<https://harrypotter.fandom.com/pt-br/wiki/Sereianos>).

## Considerações finais

Finalizar um trabalho sobre a pandemia é, por si só, um enorme paradoxo. Por mais que, desde o dia cinco de maio de 2023, a Organização Mundial da Saúde (OMS) tenha declarado o fim da Emergência de Saúde Pública de Importância Internacional (ESPII) referente à covid-19, os efeitos e consequências desse período seguirão presentes por um tempo indefinido.

Realizar esta dissertação em meio a uma pandemia ainda crítica foi extremamente desafiador. Principalmente no primeiro período do mestrado, que só pôde acontecer em formato online. Para mim, que estava longe do meio acadêmico por mais de vinte anos, ter o primeiro contato com professores e colegas inseridos em seus quadradinhos foi inusitado e estranho. Mas algo especial aconteceu naquele momento: estávamos todos tomados por uma situação limitante, e pudemos criar vínculos de cumplicidade e suporte. Tínhamos em comum a dureza daqueles tempos e, por isso mesmo, cada fala, apresentação de projeto, depoimento, desabafo, nos emocionava e aproximava.

Viver e escrever simultaneamente sobre a pandemia, portanto, tornou este trabalho ainda mais instigante e deu a ele mais sentido. Lembro de uma colega, recém-doutora, que me chamou de “corajosa e ousada” pela escolha do tema, por conta da dificuldade de ter o distanciamento necessário para se fazer pesquisadora.

No projeto inicial, a intenção era colher depoimentos e dados de pessoas reais e suas histórias, mas, a partir da coorientação dos colegas, o caminho literário naturalmente foi se apresentando à minha frente, o que facilitou um olhar mais distante sobre as histórias. Um estranheirar-se. Diante da quase impossibilidade de localizar as “pessoas certas” para compor a pesquisa, a fala de uma colega de turma mudou de vez o rumo da escrita: “acho que esses personagens que você tanto busca estão dentro de você.”

E assim, iniciei o processo criativo, onde os personagens saíram de fatos reais e ganharam vida própria dentro do contexto fictício. Para isso, foi preciso deslocar a escuta de si para um outro, que não é real, mas existe. Uma abertura à magia do imaginário, que pode, ora baixar como um *download* de conexão super-rápida, ora como um desabrochar de flor, levando até mais de um mês para surgir.

Dessa forma, pude unir elementos de realidade, das histórias ouvidas e pesquisadas, a um outro mundo inventado, gerando *personas* mais complexas, poéticas e surpreendentes até mesmo para mim.

O mais difícil foi mesclar teoria e literatura sem gerar quebras muito bruscas. Explicar os conceitos espinosanos de *conatus*, alegria e multidão; vontade de potência e vida como obra de arte de Nietzsche; e cuidar de si, de Foucault, e, posteriormente, aplicá-los nos contos exigiu um cuidado para que as “inserções” acontecessem de forma natural dentro do curso das histórias.

E, tal como confessou Foucault no fim da vida, quase tudo que foi escrito partiu de um lugar autobiográfico. O que mudou foram os cenários, intensidades, ambientes e personagens. Digo quase, já que, em algumas histórias, deixei meu imaginário viajar e se alojar em vidas outras das que conheço; mesmo assim, havia ali, emoções e impressões sensíveis minhas nas trajetórias narradas.

Não há como negar que escrever esta dissertação me provocou uma enorme mudança, por mais clichê que a afirmação possa ser. O processo ampliou e muito a minha capacidade criativa, e a certeza de seguir produzindo, seja sobre a pandemia ou outras situações que envolvam um olhar sensível e existencial. Me vi “torcendo” pelos personagens e seus desfechos, sem que estes precisassem ter finais felizes. Me sensibilizei com a reação dos amigos que acompanharam a execução do trabalho e demonstraram identificação e emoção diante das alegrias e tristezas relatadas nos contos.

Discordo de quem afirma que a pandemia já passou, “ufa, atravessamos e sobrevivemos”. Acredito que ainda estamos processando o evento que mais afetou a nossa geração. E o verbo sobreviver é pouco; é preciso seguir criando subjetividades para que tudo o que aconteceu faça algum sentido ou possa ser assimilado. Mortes, transtornos mentais, síndromes pós-covid, mudanças de casa, desemprego, decadência econômica, divórcios, casamentos, nascimentos; tudo o que aconteceu nesse período segue reverberando e se desdobrando em novas histórias.

O processo de reinvenção de si diante dos acontecimentos não é tarefa fácil. Pois não se trata de ler um manual e entender como operar a máquina. Criar outras subjetividades não está dado, requer investimento diário, um ir e vir de si. Como quem deseja fazer um bolo e descobre, a cada momento, que lhe falta um ingrediente. O mais importante não é terminar o doce, e sim, seguir batendo a massa, sem perder o embalo. E, mesmo que sejam iguais os ingredientes e quantidades, o gosto vai depender da mão de quem está preparando a receita.

Quem sabe este trabalho possa ser o fermento, fazendo crescer o desejo de viver novas histórias e contá-las com o dedo no botão da imaginação. Até que o inventado

ganhe corpo e vire uma cambalhota. E outra. E mais outra. Porque o movimento, tal como esta pesquisa, não tem fim.

## Referências bibliográficas

- ANDRADE, Oswald de. O manifesto antropófago. In: TELES, Gilberto Mendonça. **Vanguarda européia e modernismo brasileiro**: apresentação e crítica dos principais manifestos vanguardistas. 3ª ed. Petrópolis: Vozes; Brasília: INL, 1976.
- ANTUNES, Arnaldo. **Debaixo d'água, Paradeiro**. São Paulo: BMG Ariola, 2001
- AGAMBEN, Giorgio. **A comunidade que vem**. Lisboa: Editorial Presença, 1993.
- BARRENECHEA, M. A. **Nietzsche e o corpo**. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2009.
- BLOCH, Sergio, documentário **Burro-sem-rabo**. Rio de Janeiro: CECIP, 1995
- BOUTANG, Pierre-André. **O abecedário de Gilles Deleuze**, transcrição do documentário televisivo da entrevista com Gilles Deleuze feita em 1988/89 e exibida em 1996.
- BUARQUE, Chico. **Morena de Angola. Clara Nunes, Brasil Mestiço**. São Paulo: EMI-Odeon, 1980.
- CAGE, John. **Silence**. Connecticut, Middletown: Wesleyan University Press, 1961.
- COIMBRA, Cecília; MONTEIRO, Ana; MENDONÇA, Manoel. Estado Democrático de Direito e Políticas Públicas: estatal é necessariamente público? **Psicologia & Sociedade**. Rio de Janeiro, 18 (2): 7-12; mai./ago. 2006.
- COSTA, Abraão Lincoln Ferreira. Considerações nietzschianas sobre o corpo: uma perspectiva filosófica para além da metafísica e do fisicalismo. **Pólemos**, v. 3, n. 5, Brasília, 2014.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do Sentido. Do Acontecimento**. São Paulo: Editora Perspectiva, 1969
- EBB, Fred; KANDER John. Liza Minnelli. **New York, New York**, tema do filme *New York New York* de Martin Scorsese, 1977.
- EMICIDA. Principia, do álbum **AmarElo**. São Paulo: Laboratório Fantasma, 2019.
- FAÉ, Rogério. A genealogia em Foucault. **Psicologia em Estudo**, v. 9, n. 3, p. 409-416, Maringá, Paraná, set./dez. 2004.
- FERRAZ, Maria Cristina Franco. **Breve diário pandêmico, Pandemia Crítica**. São Paulo: n-1 Edições, 2021.
- FOUCAULT, Michel. **O corpo utópico, as heterotopias**. São Paulo: N-1 Edições, 2013.
- FOUCAULT, Michel. **Por uma vida não fascista**. Coletivo Sabotagem Ponte de Lima, Portugal, 2004.
- FOUCAULT, Michel. A ética do cuidado de si como prática da liberdade. In: M. B. Motta (Org). **Ética, sexualidade e política**, Coleção Ditos & Escritos. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006, v. 5, p. 264-287.
- FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos V**. São Paulo: Forense Universitária, 2012.
- FOUCAULT, Michel. **Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2010.
- FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade**. São Paulo: Paz e Terra, 2014 v. 1, 2 e 3.
- GARCÉS, Marina. **Um mundo entre nós**. Série Caderno de Leituras 163, Belo Horizonte, 2023.
- GIMBO, Fernando. **Epistemologia e Arqueologia**: Foucault e a história da ciência francesa, Kinesis, v. IX, n° 20, p. 99-125, UFScar, São Paulo, Julho 2017.
- HIP HOP, Hungria. **Made in Favela**. Brasília: Showlivre, 2020.
- LECUONA, Margarita. Babalu, 1944. Ângela Maria. **Quando os astros se encontram**. Rio de Janeiro, grav. Copacabana, 1958.

LISPECTOR, Clarice. **Um sopro de vida**. São Paulo: Rocco, 2022.

MACEDO, Getúlio; FAISSAL, Lorival. **Mãezinha querida, 1952**, Agnaldo Timóteo, **Obrigado, mãe**. Rio de Janeiro: Globo Columbia, 1995.

MAYSA. **Meu mundo caiu, Convite para ouvir Maysa n. 1**. São Paulo: RGE, 1958.

MILANEZ, N. A noção foucaultiana de dessubjetivação: alicerces, experiências e modos de agir do sujeito. *Policromias – Revista de Estudos do Discurso, Imagem e Som*, v. 6, n. 3, p. 12-39, set.-dez. 2021. Setembro/Dezembro 2021, v. 6, n. 3, p. 18.

MIZOGUCHI, Danichi; PASSOS, Eduardo. **Epidemiologia política, Pandemia Crítica**. São Paulo: n-1 Edições, 2021.

MIZOGUCHI, Danichi. **Modulações da amizade: os conceitos e a produção do mundo**, *Mnemosine* v. 11, n. 1, p. 190-207 (2015) – Departamento de Psicologia Social e Institucional/ UERJ.

MIZOGUCHI, Danichi. **Os dispositivos e o cuidado de si: a invenção do presente**, *Estudos de Psicologia*, 21(1), janeiro a março de 2016, 69-79, UFF.

MIZOGUCHI, Danichi. MOTTA, Clara. As ontologias do comum e a psicologia social: fragmentos de uma aposta. *Artigos. Psicologia & Sociedade* 31, 2019, UFF.

MIZOGUCHI, Danichi. **Cinco ou seis dias**. Porto Alegre: Dublinense, 2022.

MORAES, Vinícius; CONRAD, Gerson. **Rosa de Hiroshima**. Secos e Molhados, São Paulo: Continental, 1973.

NEGRI, Antonio; HARTD, Michael. **Multidão: Guerra e democracia na era do Império**. Rio de Janeiro: Editora Record, 2005.

NIETZSCHE, F. W. **A Gaia ciência**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NIETZSCHE, F. W. **Genealogia da moral: uma polêmica**, São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

NIETZSCHE, F. W. **Assim falou Zaratustra**. Porto Alegre: L&PM, 2015.

NIETZSCHE, F. W. **Além do bem e do mal**. São Paulo: Lafonte, 2017.

NIETZSCHE, F. W. carta a Franz Overbeck em 30 de julho de 1881. In: **O mais potente dos afetos: Spinoza e Nietzsche**, organizado por André Martins, São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.

NIETZSCHE, F. W. **Fragmentos póstumos: 1885-1887**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2013, v. VI.

PAIXÃO, Humberto Pires da. Da subjetivação à dessubjetivação: efeitos de uma biopolítica e sua relação com o dispositivo da moda. **Cadernos Discursivos**, Catalão-GO, Edição Especial, v. 2 n. 1, p. 127-140, 2018. (ISSN: 2317-1006 - online).

PASSOS, Eduardo. **Psicologia, pesquisa cartográfica e transversalidade**. Porto Alegre: Rev. Polis Psique v. 9, 2019.

PASSOS, Eduardo **Pistas do Método da Cartografia**. Porto Alegre: Editora Sulina, 2009.

PELBART, Peter Pál. **Anota aí: eu sou ninguém**. Folha de São Paulo, 19 de julho, 2013.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital: Ensaio de biopolítica**, São Paulo: Editora Iluminuras, 2011.

ROSSET, Clement. **A antinatureza: elementos para uma filosofia trágica**. Rio de Janeiro: Editora Espaço e Tempo, 1989.

RODRIGUES, Evandro, **Baianidade Nagô**. Banda Mel, do álbum *Negra*. São Paulo: Continental, 1992.

ROSA, Guimarães. **Tutaméia**. 3ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1969.

RUIZ, Alice. **Socorro, Paralelas**. Rio de Janeiro: Duncan Discos, 2005.

SABINO, Fernando. **Burro-sem-rabo, As melhores crônicas de Fernando sabino**. São Paulo: Editora Record, 1986.

- SPINOZA, Baruch. **Ética III**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- SPINOZA, Baruch. **Ética IV**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.
- SPINOZA, Baruch. **Ética I**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2015.
- SOUZA, Alice De Marchi. **Modulações militantes por uma vida não fascista**. Porto Alegre: Criação Humana, 2014.
- SOUZA, Roberta. Entrevista com KRENAK, Ailton, da série Futuros presentes, 17 de maio de 2020, **Diário do Nordeste**. Fortaleza, maio de 2020.
- VANDRESEN, D. S. O discurso como elemento de articulação entre arqueologia e genealogia. In: **XIII Encontro Nacional de Filosofia**. Canela-RS. Livro de Atas. São Leopoldo: Unisinos, 2008.
- VELOSO, Caetano. **Muito romântico, Muito**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1978.
- VELOSO, Caetano. **Cajuína, Cinema Transcendental**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1979.
- VELOSO, Caetano. **Peter Gast, álbum Uns**. Rio de Janeiro: Philips Records, 1983.